

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

DANIELA FERNANDA DE ALMEIDA

**Isabel Bertolucci Cerruti: trajetória de uma militante
política em São Paulo (1910-1937)**

**Guarulhos
2019**

DANIELA FERNANDA DE ALMEIDA

Isabel Bertolucci Cerruti: trajetória de uma militante política em São Paulo (1910-1937)

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: Instituições, Vida Material e Conflito

Orientação: Prof. Dr. Luigi Biondi.

**Guarulhos
2019**

Daniela Fernanda de Almeida

Isabel Bertolucci Cerruti: trajetória de uma militante política em São Paulo (1910-1937)

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Prof. Dr. Luigi Biondi

Universidade Federal de São Paulo

Profa. Dra. Glaucia Cristina Candian Fraccaro

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Prof. Dr. Clifford Welch (Suplente)

Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Uassyr de Siqueira

Universidade Metodista de Piracicaba

Almeida, Daniela Fernanda de

Isabel Bertolucci Cerruti: trajetória de uma militante política em São Paulo (1910-1937) / Daniela Fernanda de Almeida. – Guarulhos, 2019.

Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019.

Orientador: Luigi Biondi.

Título em inglês: Isabel Bertolucci Cerruti: trajectory of a political militant in São Paulo (1910-1937).

1. Isabel Cerruti. 2. Anarquismo. 3. Militância. 4. Feminismo. 5. Igualdade. I. BIONDI, Luigi (Luigi Biondi). II. Universidade Federal de São Paulo – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Em memória de meu avô Feliciano. Para minha avó Angelina.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Vera e Antonio e ao meu irmão Luciano por me apoiarem em todas as minhas escolhas, figuras essenciais na minha trajetória acadêmica em razão de sempre me incentivarem no caminho dos estudos.

Agradeço ao meu orientador, professor Luigi Biondi, por ter apoiado meu ingresso no programa de pós, e pela sua dedicação e confiança na concretização deste trabalho. Obrigada a Capes pela bolsa de estudos concedida. E ainda sou grata ao parecerista da Fapesp, figura desconhecida por mim, mas através de seu parecer favorável acabou sendo um grande incentivador em um momento importante da pesquisa.

Todos os meus familiares imigrantes foram inspiração para o desenvolvimento deste tema de pesquisa. Em especial agradeço ao meu avô Feliciano (*in memoriam*), ao qual tenho imensa saudade, e lembro de todas suas histórias sobre sua trajetória como imigrante, o que colaborou para estimular minha imaginação em torno do tema.

Agradeço a minha avó Angelina pela sua força e disposição em cuidar dos netos sempre com tanta dedicação e carinho. A minha tia Cida sou grata pela sua disposição em conversar comigo sobre os mais variados assuntos durante a elaboração desta dissertação.

Sou grata aos professores Andrea Slemian, Denilson Botelho, Marcia D'Alessio, André Machado, Luís Filipe Silvério e Edilene Toledo pelos debates nas aulas e pela disposição em contribuir com dicas para a construção da pesquisa.

Agradeço imensamente a professora Margareth Rago e a professora Glauca Fraccaro por fazerem parte da minha banca de qualificação e pelas suas valiosas sugestões.

Aos amigos e as amigas do curso de Pós-Graduação pela troca de conhecimentos, conselhos e toda a ajuda oferecida. Agradeço ao Demetrio, Flavio, Regis, Paula, Gustavo, Dani, Andreia... Agradeço a turma toda!

Sou grata as minhas amigas Danuza, Dani, Sônia, Tânia, Cris, Dine, Jô, Rosana pela amizade e por sempre me apoiarem quando mais necessito.

Ao professor Carlos Addor, grande especialista nos assuntos em torno do anarquismo, agradeço a sua generosidade em oferecer dicas e sugestões. Agradeço

à professora Ismênia Martins, figura ímpar de generosidade, bom-humor e conhecimento, sempre disposta a ajudar a todos os estudiosos.

Agradeço aos professores Rodrigo Rosa e Samanta Mendes pela receptividade, simpatia e disposição em ajudar na pesquisa.

Agradeço aos amigos do Arquivo Público do Estado de São Paulo, em especial ao Tarcio e ao Cido, exemplos de dedicação e eficiência no atendimento aos pesquisadores. Também os funcionários do Arquivo Cedem-Unesp e do AEL-Unicamp, aos quais foram muito prestativos em seus trabalhos. Agradeço ainda a bibliotecária Renata, muito simpática e eficiente no auxílio ao pesquisador.

Agradeço as importantes contribuições de Helio Bertolucci pela sua abertura ao diálogo, gentileza e disposição em ajudar com documentos de seus familiares.

Em especial agradeço ao companheiro Alexandre pelo carinho, incentivo e estímulo para elaboração deste trabalho. Por todo o companheirismo que me dedica e ser minha fonte de inspiração por levar a vida com coragem, otimismo e perseverança.

Agradeço ainda todas as pessoas que não estão aqui citadas simplesmente por falha de memória, mas ainda assim colaboraram para a construção desta dissertação.

RESUMO: A presente pesquisa pretendeu reconstruir a vida política e a trajetória intelectual de uma importante militante libertária: Isabel Bertolucci Cerruti. Mais particularmente apresentar e discutir suas ideias, sociais e políticas, difundidas nas primeiras décadas do século passado de 1910, 1920 e 1930, período de militância assídua em associações, jornais operários e antifascistas. Embora Isabel Cerruti tenha vivido até os anos 1970, a opção por um recorte cronológico mais restrito buscou apreender a relação da militante com o universo organizado dos jornais, grupos políticos ligados à classe operária e suas manifestações, tais como greves, campanhas, e sua sociabilidade política em geral entre o período de início da militância (década de 1910) e a fase de adesão ao antifascismo italiano em São Paulo (décadas de 1920 e 1930), passando pelo intenso período grevista de 1917-19. Além de bibliografia especializada, o estudo se baseia na pesquisa em fontes primárias, como os prontuários organizados pela polícia política (DEOPS), os artigos assinados por Cerruti nos periódicos publicados em São Paulo *A Plebe*, *A Obra*, *A Lanterna* e *La Difesa*. Portanto, os objetivos do presente trabalho são: investigar a vida política de Isabel Cerruti (objetivo geral); estudar sua trajetória profissional, entender suas posições e aproximações entre diferentes projetos políticos ao longo de sua vida, compreender o que significa ser uma mulher militante. Ainda pretendemos analisar seus círculos de sociabilidade com elementos da etnicidade italiana e entender sua contribuição feminina ligada à classe trabalhadora entre a Primeira República e a instalação da ditadura varguista.

Palavras-chave: Isabel Cerruti, Anarquismo, Militância, Feminismo, Igualdade.

ABSTRACT: This research aimed to reconstruct the political life and intellectual trajectory of an important libertarian activist: Isabel Bertolucci Cerruti. More particularly, it presents and discusses its social and political ideas spread in the first decades of the last century of 1910, 1920 and 1930, a period of active militancy in associations, workers 'and antifascists' journals. Although Isabel Cerruti lived until the 1970s, the option for a narrower chronological cut sought to apprehend the militant's relationship with the organized universe of newspapers, political groups linked to the working class and their manifestations, such as strikes, campaigns, and their sociability politics in general between the period of beginning of militancy (decade 1910) and the phase of adherence to Italian antifascism in São Paulo (1920s and 1930s), through the intense strike period of 1917-19. In addition to specialized bibliography, the study is based on research in primary sources, such as the medical records organized by the political police (DEOPS), the articles signed by Cerruti in the periodicals published in São Paulo *A Plebe*, *A Obra*, *A Lanterna* and *La Difesa*. Therefore, the objectives of the present work are: to investigate the political life of Isabel Cerruti (general objective); to study her professional trajectory, to understand her positions and approaches between different political projects throughout her life, to understand what it means to be a militant woman. We still want to analyze their circles of sociability with elements of Italian ethnicity and understand their female contribution to the working class between the First Republic and the installation of the Vargas dictatorship.

Keywords: Isabel Cerruti, Anarchism, Militancy, Feminism, Equality.

LISTA DE SIGLAS

AEL – Arquivo Edgard Leuenroth da UNICAMP

FBPF – Federação Brasileira pelo Progresso Feminino

FOSP – Federação Operária de São Paulo

A.P.I.T – Associação Promotora de Instrução e Trabalhos para Cegos

APH – Associação Paulista de Homeopatia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - A EXPERIÊNCIA POLÍTICA E AFETIVA.....	17
1.1 A personagem Isabel Bertolucci Cerruti.....	17
1.2 A família Bertolucci.....	22
1.3 A militância política.....	30
CAPÍTULO 2 - UMA VISÃO DE MUNDO EM BENEFÍCIO DO TRABALHADOR....	45
2.1 Anticlericalismo.....	45
2.2 Um olhar feminino sobre a greve geral de 1917.....	54
2.3 A luta pela emancipação feminina.....	61
2.4 Os problemas sociopolíticos enfrentados pelo trabalhador.....	74
2.5 Os problemas de saúde do trabalhador.....	79
2.6 A trajetória na Associação Paulista de Homeopatia.....	85
CAPÍTULO 3 - LIBERDADE, IGUALDADE E... SOLIDARIEDADE!	91
3.1 Educação libertária e instrução profissional.....	91
3.2 Igualdade libertária.....	98
3.3 Posição política “plural”.....	115
3.4 Anarquismo e recursos naturais.....	121
CONCLUSÃO.....	125
REFERENCIAS.....	129
Fontes.....	129
Bibliografia.....	130
ANEXO (IMAGENS).....	138

INTRODUÇÃO

O presente estudo propôs reconstruir a vida política e a trajetória intelectual de uma importante militante anarquista: Isabel Bertolucci Cerruti através da discussão de suas ideias sociais e políticas, difundidas nas primeiras décadas do século passado. Neste período, ela realizou militância assídua em centros femininos, associações, jornais operários e antifascistas. Embora Isabel Cerruti tenha falecido no ano de 1970, a opção por um recorte cronológico mais restrito buscou apreender a relação da militante com o universo organizado dos jornais, grupos políticos ligados à classe operária e suas manifestações, tais como greves, campanhas, comemorações, e sua sociabilidade política em geral entre o período de início da militância (década de 1910) e a fase de adesão ao antifascismo italiano em São Paulo (décadas de 1920 e 1930), passando pelo intenso período grevista de 1917-19. Durante o período indicado, ainda analisamos sua atuação em diferentes Associações e Centros femininos. Será imprescindível, no decorrer do trabalho, proceder à análise do seu discurso dentro do universo cultural das propostas do anarquismo feminista. Observamos a atuação constante de Cerruti nos jornais operários, nos quais lançava olhar sobre os mais diversos temas sociais e políticos. Mas após 1937, com o advento da ditadura do Estado Novo, sua militância nos jornais diminuiu, em decorrência da intensificação das perseguições aos militantes anarquistas, comunistas e socialistas. Embora haja notícia de que tenha atuado nos jornais até a sua velhice, não temos documentação suficiente da sua militância após o início do Estado Novo.

Os objetivos que foram traçados para esta dissertação foram os seguintes: investigar a vida política de Isabel Cerruti (objetivo geral); estudar sua trajetória pessoal e profissional, entender suas posições e aproximações entre diferentes projetos políticos ao longo de sua vida, compreender o que significava ser uma mulher militante. Ainda pretendemos analisar seus círculos de sociabilidade com elementos da etnicidade italiana e entender sua contribuição feminina ligada à classe trabalhadora. E por fim entender seu discurso ligado ao “anarquismo feminista” entre a Primeira República e a instalação da ditadura varguista (objetivos específicos).

A pesquisa privilegiou variados tipos de fontes primárias, tais como os documentos organizados pela polícia política (DEOPS), nos quais foram

encontradas duas fichas policiais de Isabel Cerruti que continham informações e explicações fragmentadas sobre as suas ações políticas investigadas pela polícia. Nestas fichas, Isabel Cerruti foi indicada como uma verdadeira inimiga da nação, ou seja, uma subversiva que procurava incentivar o proletariado a reagir a mão armada. Como a linguagem das fontes textuais históricas nunca é completamente transparente, e neste caso contém a construção do discurso oficialista realizado pelos agentes repressivos em nome do Estado brasileiro do período, então cabe ao historiador/a ter redobrado cuidado na sua análise crítica. O que se pretende salientar é que estes documentos contém nas suas linhas jogos de poder e interesses, identificáveis apenas através do olhar atento do pesquisador. Apesar disso, estas fontes policiais têm especial importância, já que registram a memória e a história dos vencidos. Além disto, conseguimos reunir fontes pessoais, tais como fotografias retiradas do álbum da família Bertolucci, gentilmente cedidas por Hélio Bertolucci, sobrinho-neto de Isabel Cerruti. Outros registros pessoais reunidos foram cartas escritas pela própria personagem feminina. Foram ainda consultados documentos de batismo, casamento e óbito, neste caso, vestígios importantes porque pairava o desconhecimento sobre informações básicas relacionadas a sua identidade pessoal, até mesmo como o seu nome de batismo, o ano de seu nascimento e falecimento. Mas, os documentos mais importantes para a nossa pesquisa foram os artigos assinados por Cerruti, principalmente nos periódicos *A Plebe*, *A Obra*, *A Lanterna* e *La Difesa*, publicados em São Paulo. Desta maneira pudemos compreender suas ideias políticas inseridas principalmente em publicações que se organizaram para confrontar normas sociais, políticas e econômicas vigentes do começo do século XX. Especialmente através dos seus escritos pudemos notar a relevância desta personagem para a história da militância feminina em São Paulo, principalmente devido à sua contribuição para a construção de um pensamento político essencialmente humano e plural.

É importante indicar que, na medida em que se desenvolveu a pesquisa nos jornais de caráter libertário, além de Isabel Bertolucci também notamos a presença de outras militantes femininas discutindo os mais diversos temas voltados para a defesa da emancipação social, amorosa, econômica de toda humanidade. Mas ao privilegiarmos os escritos desta que foi uma personagem ligada ao meio anarquista, pudemos compreender com maior riqueza de detalhes o seu olhar feminino diante

dos problemas enfrentados pelas classes oprimidas. Isabel conduziu sua vida de acordo com o ideal anarquista no que dizia respeito principalmente à luta pela igualdade, fraternidade e solidariedade. Mostrou ser uma personagem ativa, capaz de promover mudanças importantes no contexto político, econômico e sociocultural vividos, através do engajamento em centros femininos, jornais operários, greves, manifestações, assembleias e associações.

Apesar das dificuldades, Isabel pôde escolher seu próprio destino. Sobre esta possibilidade de resistência, Michelle Perrot explica:

“A abordagem biográfica, tanto das mulheres ‘excepcionais’ quanto das mulheres comuns, na totalidade de seus percursos, ou em outro segmento de existência, e até mesmo na fugacidade de uma circunstância ou de um instante, permite apreender a força da resistência ou do desejo pelo qual uma mulher se afirma como sujeito e reivindica o direito de escolher seu destino.”¹

Portanto, Isabel Cerruti, aparentemente uma trabalhadora comum conduziu sua vida em torno da atuação no campo político, diferente da maioria das mulheres de sua época, voltadas aos trabalhos maternos e domésticos. No começo do século XX, o direito de igualdade entre mulheres e homens era um tema inconcebível dentro da sociedade tradicional brasileira, marcadamente patriarcal.

Em relação às suas experiências que diziam respeito às relações de gênero, de modo geral, Isabel, por estar no meio anarquista, talvez tenha sofrido menos restrições e imposições, apenas quando comparadas a grande maioria das mulheres de sua época. De todo modo questões de gênero foram seu terreno de ação. Sobre a ideia em torno da palavra gênero, Rachel Soihet propõe que a palavra gênero, “[...] indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’. O gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar as ‘construções sociais’ - a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres”². Assim o que torna uma pessoa masculina ou feminina não é a imposição biológica que a determina como macho ou fêmea, mas as qualidades atribuídas aos homens e às mulheres num determinado período histórico, e de forma relacional. Ao longo da história as características biológicas

¹ PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005. p. 478.

² SOIHET, Rachel. “História das mulheres.” In: CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia*. RJ: Campus, 1997. p. 279.

femininas serviram para uma diferenciação sexual que visou o fortalecimento do controle e dominação das mulheres. Mesmo antes dos estudos de gênero se tornarem conhecidos, o anarquismo defendido por Cerruti já pressupunha que a diferença sexual não deveria implicar na hierarquização entre homens e mulheres.

Dialogando com esta questão podemos considerar a reflexão de Joan Scott³ sobre como as diferenças sexuais confirmam as diversas lutas pelo poder e modos de dominação. É importante o entendimento do modo como às diferenças sexuais contribuíram para a construção de uma identidade masculina para a classe. Por outro lado compreendemos que especificamente Isabel Cerruti, entre outras mulheres e homens do movimento anarquista, fugiu desta conduta, quando defendeu temas voltados a emancipação feminina, e foi contra os discursos moralizantes da sociedade paulista tradicional típica do século XX. Levantamos uma questão que consideramos interessante ao analisarmos o jornal *La Difesa* sobre a possibilidade de Isabel Cerruti ter sido a única mulher a escrever naquela publicação. Fato que não podemos afirmar de forma absoluta, em razão da existência de artigos não assinados, da presença de alguns pseudônimos desconhecidos e de existirem exemplares do jornal que permanecem inacessíveis à pesquisadora. Mas fica evidente é que nos jornais libertários pesquisados percebemos um número maior de mulheres atuando nas publicações. Então está pesquisa indica que os libertários responsáveis pelos periódicos eram mais abertos a presença de mulheres em suas redações, ou seja, incentivavam mais a atuação política feminina nestes espaços, diferentemente de outros grupos militantes de esquerda. Mas o tema acerca do entendimento da situação entre classe e luta feminina é amplo e permanece em aberto para constantes debates.

Antes de iniciarmos a apresentação de cada capítulo, convém explicar de maneira breve sobre os procedimentos e condutas utilizados para a conquista dos resultados presentes ao longo da dissertação. Durante a pesquisa procuramos utilizar procedimentos comuns à melhor historiografia, tais como metodologia apropriada, referências técnicas sobre a análise de personagens históricas, criticidade ao analisar a documentação, entre outras atitudes relacionadas ao ofício

³ SCOTT, Joan. "The Sears Case". In: SCOTT, Joan. *Gender and the Politics of History*. Columbia University Press, 1999. p. 167-177.

do historiador. Estes procedimentos foram fundamentais para compreensão da personagem e de sua trajetória, o que se pode conjecturar tenha permitido uma aproximação, logicamente parcial, em relação com a “verdade” histórica. Toda a atenção foi dispensada para que fossem evitados julgamentos pré-concebidos.

No primeiro capítulo desta dissertação buscamos principalmente apresentar a visão da historiografia sobre a personagem Isabel Cerruti, na qual indicamos lacunas sobre a sua atuação. Ainda privilegiamos sua experiência familiar, sentimental e as características da sua militância política.

No segundo capítulo iremos estudar com maior profundidade os assuntos que mais preocupavam Cerruti, ligados ao operariado e ainda especificamente aqueles que faziam parte do universo feminino (amor livre, sufrágio universal e o serviço militar obrigatório).

Por fim, o último capítulo foi dedicado à apresentação das suas ideias libertárias de igualdade social. Ainda o fato de que sua militância no movimento anarquista não a impediu de atuar concomitantemente como redatora na imprensa socialista. Por isso, destacamos no comportamento de Cerruti a sua tentativa de procurar militar pela união entre indivíduos, mesmo díspares entre si, no intuito de promover uma sociedade marcada pela justiça social.

CAPÍTULO 1 - A EXPERIÊNCIA POLÍTICA E AFETIVA

1.1 A personagem Isabel Bertolucci Cerruti

A ítalo-paulistana Isabel Bertolucci Cerruti foi uma personagem feminina importante para história do movimento da esquerda brasileira. Ao longo de sua vida exerceu as funções de costureira, secretária, propagandista, jornalista e principalmente militante política. Sua atuação política mais expressiva ocorreu no interior do movimento anarquista em São Paulo.

Militante com uma trajetória de ações expressivas como redatora em variados jornais engajados e oradora em assembleias, em comícios e em conferências. Ainda integrou e participou do *Centro Feminino de Educação em São Paulo*⁴, da *Federação Operária de São Paulo*⁵, da *Sociedade Italiana de Socorro Mútuo Lega Lombarda*⁶, da *Associação Promotora de Instrução e Trabalhos para Cegos* e da *Associação Paulista de Homeopatia*. A ativista, além de assinar as matérias com seu próprio nome, utilizou-se de alguns pseudônimos, tais como Isa Ruti, Issa Ruti⁷, Iza Ruti, Isabel Silva⁸, Walkyria⁹ e até mesmo a inclusão de sobrenome não comumente usado por ela, como em Isabel Ferreira Bertolucci. Mas entre esses o mais comum foi Isa Ruti, com o qual assinou variados textos para periódicos. Em seus primeiros artigos assinaria com o seu próprio nome, Isabel Bertolucci Cerruti ou Isabel Cerruti. Mas com o advento do ano de 1917, passaria a usar com muito mais frequência, o

⁴ Segundo relatório das autoridades policiais no mês de agosto de 1922, o Comitê Feminino de educação visava organizar várias conferências. Cerruti foi acusada de professar o anarquismo e colaborar em jornais libertários publicados em São Paulo. Prontuário n° 195 (*Isa Ruti ou Issa Ruti*). Fundo DEOPS. APESP, São Paulo, SP.

⁵ Cerruti atuava como oradora, ainda frequentava festivais e reuniões promovidos pela FOSP. (CERRUTI, Isabel. “Um apelo aos camaradas”. *A Plebe*, São Paulo, 13 jan. 1934, ano II, número 53, p.03).

⁶ Cerruti realizava discursos nesta Associação. Segundo Luigi Biondi (2011, p.01) foi “[...] fundada em São Paulo em 1897, por imigrantes italianos originários da Lombardia, a Società Italiana di Mutuo Soccorso “Lega Lombarda” atravessou a história da comunidade ítalo-paulistana tendo frequentemente um papel de destaque entre as diversas associações étnicas, não somente mutualistas, que surgiram já durante a última década do século XIX em São Paulo.” (BIONDI, Luigi “Aventuras e desventuras da Sociedade Italiana de Socorro Mútuo ‘Lega Lombarda’”. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH, São Paulo, 07/2011).

⁷ Prontuário n° 195 (*Isa Ruti ou Issa Ruti*). Fundo DEOPS. APESP, São Paulo, SP.

⁸ Edgar Rodrigues indica que Cerruti utilizou o pseudônimo Isabel Silva (RODRIGUES, Edgar. *Os companheiros 2*. Rio de Janeiro: Editores associados, 1995.) . Ainda vale lembrar que o nome da mãe de Cerruti era Maria Ferreira da Silva.

⁹ O pseudônimo Walkyria foi utilizado para assinar o artigo *Flagrantes*, escrito em fev. de 1924 para o periódico *La Difesa*. Valquírias na mitologia nórdica representavam espíritos guerreiros femininos, talvez Isabel tenha tido alguma inspiração na mitologia para a escolha do nome.

pseudônimo Isa Ruti. Em um período marcado pela resistência operária, tanto nas fábricas quanto na imprensa libertária, foi intensificada a repressão das forças do Estado sobre militantes anarquistas e operários grevistas em geral. Diante desta situação, o uso de pseudônimos seria uma estratégia com a intenção de despistar a polícia, e evitar a então costumeira perseguição e repressão. No jornal antifascista e de vertente socialista *La Difesa* utilizou em um artigo o pseudônimo Walkyria, desta maneira seria possível a diferenciação daqueles pseudônimos utilizados nos jornais de vertente anarquista. Já a utilização dos nomes Isabel Silva e Isabel Ferreira Bertolucci – considerando que Bertolucci de fato pertencia ao pai – os outros dois, Silva e Ferreira, são sobrenomes de sua mãe, Maria Ferreira da Silva, de nacionalidade brasileira. Desta maneira, Isabel parece querer com o uso destes dois sobrenomes maternos, que não constam no seu registro de nascimento, reforçar sua identidade brasileira. No artigo “E’co da revolução, voz da mulher paulista”¹⁰, Isabel Cerruti escreveu: “Eu sou paulista, de origem e de nascimento. Meu avô paterno chamava-se Joaquim Ferreira da Silva¹¹ e prestou serviço militar na campanha do Paraguay. Com essas credenciaes eu devia ter podido, também, falar, aqui em São Paulo [...]”¹². A militante neste artigo afirma seu pertencimento à sociedade paulista, com a intenção de reivindicar o direito de poder falar sobre os problemas políticos do seu Estado. Ao reforçar sua identidade paulista tem a intenção de demonstrar legitimidade para discutir e interferir sobre os problemas sociais relacionados ao seu local de nascimento.

A ampla variedade de pseudônimos utilizados por Cerruti demonstra a intensidade da sua militância, pois, realmente parece ser a militante anarquista mais atuante nos jornais estudados. No jornal socialista *La Difesa* é possível que tenha sido a única mulher a colaborar com a publicação.

¹⁰ Em todas as transcrições de textos de Isabel Cerruti foi mantida a ortografia original.

¹¹ O avô paterno de Cerruti era Pellegrino Bertolucci, italiano, residente na Itália. E o materno era Joaquim Ferreira da Silva. Será que foi apenas uma confusão trocar a nacionalidade dos avôs, ou foi algo intencional atribuir a brasilidade a um suposto avô paterno, com o intuito de reforçar sua nacionalidade brasileira.

¹² BERTOLUCCI, Isabel Ferreira. “E’co da revolução”. *A Plebe*, São Paulo, 03 dez.1932, p. 2.

O desconhecimento da historiografia sobre seus variados pseudônimos comprometia a sua identidade individual, pois, muitas vezes, Isabel Cerruti e Isa Ruti foram tratadas como personagens históricas distintas.

Apesar da sua importante contribuição como militante, principalmente na imprensa operária, notamos a inexistência de qualquer trabalho mais específico sobre ela. Foram encontrados estudos referentes às mulheres anarquistas na cidade de São Paulo, a imprensa anarquista ou ainda biografias de personagens femininas que de um modo geral, relacionavam Isabel Cerruti ao movimento anarquista. Em a *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*, datado de 1984, Míriam Lifchitz Moreira, de maneira breve, compara as ideias de Maria Lacerda de Moura e Isabel Cerruti com relação ao sufrágio feminino. Maria Lacerda de Moura aderiu à luta pelo sufrágio feminino, principalmente na década de 1920, ao contrário de Isabel Cerruti que combatia este tipo de campanha por sua limitação a apenas estreitos objetivos: Isabel sonhava com amplos poderes tanto para homens como para mulheres, indiscriminadamente. Maria Luiza Tucci Carneiro, no artigo “Memórias de uma jovem anarquista” (2002) dedicou um parágrafo a narrar uma ação política de Isabel Cerruti. E Elena Bignami em seu artigo “Os circuitos do antifascismo anarquista feminino – Itália e Brasil” (2010) discorreu sobre a militância libertária das mulheres italianas, e também analisou a investigação promovida pela polícia política sobre as ações de militância anarquista realizadas por Isabel Cerruti. Da mesma maneira Ana Claudia Ribas no artigo “Ciência e Emancipação Feminina: propaganda libertária nas páginas de *A Plebe* (1917-1951)” de 2014, narrou sua participação no periódico *A Plebe* através da discussão das ideias de emancipação feminina. Já a tese de doutorado de Ana Claudia Ribas, “As sexualidades d’*A Plebe*: sexualidade, amor e moral nos discursos anarquistas do jornal *A Plebe* (1917-1951)” de 2015, privilegiou as ideias propostas por Cerruti que diziam respeito especificamente ao amor livre. Ainda assim, a estudiosa Ana Claudia Ribas foi a única a cuidar das relações pessoais de Cerruti, ao ter conhecimento da relação amorosa da personagem com o anarquista Americo Cerruti, e ainda citou a relação de parceria de ideias políticas entre os dois ao assinarem juntos o mesmo artigo nas páginas de *A Plebe*.

Uma rara tentativa de estudo mais pormenorizado das ideias políticas de Isabel Cerruti foi a dissertação de mestrado de Samanta Colhado Mendes, “Mulheres anarquistas na cidade de São Paulo (1889-1930)”, pois esta estudiosa

ofereceu interpretações mais aprofundadas ao discutir algumas das ideias de Isabel Cerruti sobre a Greve Geral de 1917, a repressão policial, o sufrágio universal e o papel do clero.

Quando esta dissertação já estava pronta para ser defendida, foi lançado o livro *O triunfo da Anarquia e outros escritos: Isabel Cerruti* (2019), organizado por Rodrigo Rosa e publicado pela biblioteca *Terra Livre*.¹³ O trabalho conta com uma coletânea de artigos de Isabel Cerruti, que se constituem numa fonte rica e facilitada de acesso a boa parte de seus textos.

Apesar destas contribuições, deve-se observar que os estudos históricos careciam um trabalho mais de conjunto sobre a vida e a trajetória de Cerruti, o que aqui se pretendeu desenvolver.

De uma maneira geral, a historiografia ignorava não apenas seus vários pseudônimos, mas também suas origens familiares, a sua nacionalidade e a sua própria trajetória política. Edgar Rodrigues, no livro *Os companheiros 2*, tinha dúvidas sobre a sua nacionalidade e as funções exercidas, pois a identificava apenas como dona-de-casa. E sobre sua orientação política, a descreveu como uma “anarquista convicta”¹⁴. O que inclui o desconhecimento sobre sua atuação em um jornal de vertente socialista. Interessante percebermos que a participação de Isabel no movimento anarquista e concomitantemente no socialista, em alguns momentos de sua carreira, é um claro exemplo da existência de fronteiras porosas entre as diferentes correntes ideológicas e ao menos da passagem e circulação entre elas de diversos militantes.

Outra contribuição que julgamos importante para este trabalho foi à descoberta da atuação de Isabel em Associações que não estavam diretamente conectadas a movimentos políticos. E este tipo de participação divergia da sua habitual militância, ligada ao universo principalmente anarquista. Essas possíveis “idiossincrasias políticas” de Cerruti ou até seu modo peculiar para militância política serão melhor abordadas no segundo e terceiro capítulos.

¹³ Antes da publicação final desta dissertação foi possível acrescentar este novo trabalho sobre Isabel Cerruti.

¹⁴ RODRIGUES, Edgar. *Os companheiros 2*. Rio de Janeiro: Editores associados, 1995. p.143.

Aqui, poderemos refletir sobre algumas interessantes interpretações de estudiosos que trataram as problemáticas dos estudos biográficos. E estes estudos podem ser relacionados às experiências políticas e sociais múltiplas de Cerruti inseridas num contexto histórico em constante transformação. Vejamos a contribuição do estudioso Benito Schmidt:

“Inspirações da micro-história italiana e da ‘história vista de baixo’ britânica motivaram diversos historiadores brasileiros a biografarem indivíduos pertencentes às classes populares e a outros excluídos socialmente. Assim, por exemplo, alguns pesquisadores examinaram os percursos de militantes brasileiros ou estrangeiros que atuaram no Brasil, ligados às principais correntes que animavam o movimento operário nas últimas décadas do século XIX e primeiras do XX, como o socialismo, o sindicalismo e o anarquismo. Tais estudos evidenciaram que a militância não pode ser compreendida apenas por referências à ideologias formalizadas e aos “níveis” de desenvolvimento socioeconômico, pois resulta de múltiplas experiências públicas e privadas, de inúmeras relações sociais e de incontáveis influxos culturais.”¹⁵

Seguindo algumas ideias deste trecho sugestivo, a pesquisa sobre a vida de Cerruti buscou respeitar modelos teóricos, mas escapar de submissões a ideias pré-estabelecidas, privilegiando assim a investigação de informações sobre aspectos de sua vida pessoal e cultural, ricos para o entendimento da sua formação como militante política. A sua atuação como militante foi múltipla e muitas vezes independente daquilo que se compreendia como normalidade para o gênero feminino no início do século XX.

Adotando reflexão semelhante, Sabina Loriga elucida o que enxerga como conflito teórico básico e “recorrente na historiografia moderna, que opõe à totalidade a multiplicidade da experiência”¹⁶ – quando propõe que as biografias, tal como a existência humana, não podem ser alvo da “busca de uma improvável unidade de sentido (que) revela uma ingenuidade imperdoável” de certos historiadores que pretendem dar coerência ao devir da vida real. Complementando, Loriga explica que o real é descontínuo e, portanto, as biografias não devem ser apresentadas como unidades lógicas. A autora propõe aos biógrafos que ao invés de ficar buscando a

¹⁵ SCHMIDT, B.B. “História e Biografia”, In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (orgs.). *Novos Domínios da História*. Rio: Campus, 2011. p.202.

¹⁶ LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998. p.248.

normalidade das pessoas, devem expor as idiossincrasias de cada vida. Os biógrafos deveriam dar mais atenção às “vozes dos homens patológicos que não são sempre concordantes e não têm sempre uma estrutura melódica uniforme”, e assim transferindo ao conhecimento biográfico uma relativa noção de veracidade histórica. Pois,

“[...] os pensamentos provisórios, nebulosos, incertos, próprios dos homens patológicos podem talvez servir de obstáculo a esta tentativa afirmativa que espreita nossa disciplina, à plenitude da lei que diz que só o que se realizou teve efetivamente lugar, restituindo assim ao passado, ao menos como reminiscência ou motivo de nostalgia, um tempo complexo, jamais linear.”¹⁷

Em geral, a historiografia contemporânea deixou passar as idiossincrasias de Isabel Cerruti e suas particularidades, permitindo a concepção de uma personagem indistinguível do padrão anarquista da época: pois, justamente, sobre este ponto será possível a esta pesquisa realizar uma contribuição que apresente a relevância e a especificidade desta tão significativa militante, sobretudo em relação à complexidade formativa das suas ideias, ações e engajamento político.

1.2 A família Bertolucci

“[...] Vinte anos é um grande tempo.
Modela qualquer imagem.
Se uma figura vai murchando,
outra, sorrindo, se propõe.[...]”

Retrato de família, Carlos Drummond de Andrade.

Investigar os vestígios da família¹⁸ Bertolucci acarreta, sem dúvida, a compreensão da formação de Isabel no que diz respeito a sua personalidade, seus valores e crenças.

A origem familiar de Isabel provinha de italianos, pelo menos da parte paterna: o seu pai, Luigi Bertolucci nasceu em 1860, na Itália, em Capannori na

¹⁷ Idem, *Ibidem*. p.249.

¹⁸ Família “[...] é não só um tecido social fundamental de relações, mas também um conjunto de papéis socialmente definidos”. PRADO, Danda. *O que é família*. 12. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. p.23.

província de Lucca¹⁹, na região da Toscana. Filho de camponeses²⁰ imigrou para o Brasil ainda solteiro, com apenas 18 anos de idade, no dia 28 de dezembro de 1878.

A situação dos camponeses italianos, tal como da família de Luigi, era muito difícil, em razão da miséria que assolava o campo na Itália. Zuleika Alvim, explicita este fenômeno da seguinte maneira:

“[...] A penetração capitalista no campo: concentração da propriedade; altas taxas de impostos sobre a terra, que impeliram o pequeno proprietário a empréstimos e ao conseqüente endividamento; oferta, pela grande propriedade, de produtos a preços inferiores no mercado, eliminando a concorrência do pequeno agricultor; e, finalmente, a sua transformação em mão-de-obra para a indústria nascente.”²¹

Desta maneira o tipo de capitalismo, praticado durante a passagem do século XIX para o XX, ao se implantar no campo italiano liberou excedente de mão-de-obra, o qual a Itália não conseguiu absorver. Este fenômeno pode ter sido a razão que motivou a imigração²² de Luigi para o Brasil, como de tantos outros trabalhadores da terra. Mas também sabemos da existência de outras razões e circunstâncias que poderiam motivar alguém a imigrar naquele período, pois “migrar foi, muitas vezes, não apenas estratégia de sobrevivência, mas alternativa para conflitos individuais ou familiares, assim como para o exercício de profissões ou habilidades, ou mesmo para transferências de capitais”.²³ Ainda havia italianos que imigravam para fugir da repressão de governos autoritários ou em razão de perseguições políticas. Segundo Luigi Biondi, “[...] uma onda político-emigratória que se seguiu às repressões de 1892-1894 e de 1898 dos governos do primeiro-ministro Crispi e do seu partido trouxe para São Paulo, sobretudo militantes anarquistas (os mais atingidos por essa política repressiva), e em segundo lugar, socialistas e republicanos.”²⁴ Ainda Biondi

¹⁹ documento oficial IL Sindaco del comune di Capannori, de 29/08/1915.

²⁰ Os seus pais eram Pellegrino Bertolucci e Palmerina Micheli, e provavelmente fossem trabalhadores do tipo meeiro, pequenos proprietários ou arrendatários.

²¹ ALVIM, Zuleika. *Brava Gente! Os italianos em São Paulo (1870-1920)*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.22.

²² O período de imigração de Bertolucci foi o da imigração em massa da Europa para a América, ocorrido entre 1870 a 1930. Ver Angelo Trento, Emilio Franzina, Zuleika Alvim, Ismênia Martins e Alexandre Hecker.

²³ HECKER, Alexandre e MARTINS, Ismênia. *Imigrações: Histórias, Culturas, Trajetórias*. São Paulo: Expressão e Arte, 2011. p.10.

²⁴ BIONDI, Luigi. *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas-São Paulo: Editora da Unicamp, 2011. p.115.

nos indica que “[...] quase 70% destes novos militantes toscanos [...]” em São Paulo eram anarquistas. O pai de Isabel também era da região da Toscana, mas não podemos provar de que se tratava de um anarquista.

Muitos italianos também imigraram principalmente em busca de melhores condições de vida em terras estrangeiras, pois tinham a intenção de “fazer a América”. Neste período, o Brasil passava por transformações políticas, econômicas e sociais que atraíram milhares de imigrantes, tal como o pai de Isabel. Desenhando este contexto, Zuleika Alvim aponta, que “na Itália a emigração se afigurava como solução para a crise de desemprego que assolava o país desde 1870; e em São Paulo, a imigração serviria como alternativa da desagregação da mão-de-obra escrava nas fazendas”.²⁵

Entre outras cidades, São Paulo foi um dos principais polos de atração destes imigrantes, já que foi o Estado que mais incentivou essa imigração, subsidiando passagens de navio, hospedagem e também primeiras necessidades. A maioria dos imigrantes italianos veio para São Paulo durante as últimas décadas do século XIX, tal como o pai de Isabel, e tinham como destino servir como colonos nas lavouras de café do Oeste Paulista. No caso de Luigi, não temos informações suficientes para saber se trabalhou nas fazendas de café, antes do seu deslocamento para cidade de São Paulo. Outra hipótese é que seu deslocamento tenha sido direcionado diretamente ao trabalho urbano²⁶.

Luigi, depois de alguns anos de vivência no Brasil, casou-se com Maria Ferreira da Silva, de nacionalidade brasileira, em 24 de setembro de 1885, na Paróquia Bom Jesus do Brás²⁷, ambos eram “fregueses” desta paróquia. Isso indica que é bem possível que a família Bertolucci tenha se instalado neste bairro²⁸ por um

²⁵ ALVIM, Zuleika. *Brava Gente! Os italianos em São Paulo (1870-1920)*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.21.

²⁶ Segundo Alvim, a dispersão dos imigrantes “[...] entre o campo e a cidade obedecem, em grande parte, às normas socioculturais que os imigrantes traziam consigo”(ALVIM, Zuleika. *Brava Gente! Os italianos em São Paulo (1870-1920)*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.61). Já Trento acredita que a presença de italianos nos centros urbanos tenha ligação primeiramente “à dupla passagem – fazenda-cidade –, que, embora não quantificável deve ter envolvido uma parcela significativa da imigração italiana” (TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1988. p.127-128).

²⁷ ACMSP, **Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo**. livro de casamento do Bom Jesus do Braz, cota: 3-2-49, p.8V.

²⁸ De acordo com Miriam Leite (1984, p.18), “o distrito do Brás, por volta de 1920, tornara-se o principal bairro operário, construído na baixada pantanosa do Tamanduateí. Como ele, o Bexiga abrigava os trabalhadores estrangeiros e o Bom Retiro, a Mooca, o Ipiranga e o Belenzinho eram

longo de tempo. Muitos italianos se fixavam nestes bairros próximos às fábricas, como o Brás, Bom Retiro, Belenzinho, entre outros.

Consta no documento de certidão de casamento a idade dos noivos: Luiz²⁹ com 25 anos e Maria com 21 anos. Ambos eram empregados no serviço doméstico, o que permite apreender que a família de Isabel vivia com relativas restrições financeiras, pelo menos no início da vida em comum de seus pais. Poucos meses após o enlace matrimonial, Maria engravidaria da primeira filha do casal, Isabel Bertolucci que mais tarde, nos jornais seria mais conhecida como Isabel Cerruti³⁰. Nascida na cidade de São Paulo, a futura anarquista e crítica do clericalismo foi batizada com apenas quarenta e cinco dias de idade, no dia 10 de outubro de 1886 na Paróquia Bom Jesus do Brás, como filha legítima de Luigi Bertolucci de nacionalidade italiana e de Maria Ferreira da Silva, brasileira³¹. Isabel Bertolucci ganharia mais oito irmãos, Paulo (faleceu com poucos meses), Antonio, João, Elisa, Luíz Filho, Mário, Olga e Yolanda. Conforme, a família Bertolucci crescia, e, observe-se, um crescimento de todo compatível com a evolução da população urbana, pois, também aumentava consideravelmente o número de habitantes da cidade de São Paulo. No ano de nascimento de Isabel, “a cidade de São Paulo, [...] contava com cerca de 45 mil habitantes, em 1890 eram cerca de 65 mil”³² “e, em 1900, tinha aumentado para 240 mil (destes, mais de 90 mil eram de nacionalidade italiana)”³³. A imigração europeia, principalmente a italiana teve papel importante para contribuir para o aumento da população na cidade de São Paulo.

O elevado número de imigrantes na cidade de São Paulo, principalmente de origem italiana, colaborou não só para o aumento do número de operários nas fábricas, mas também para o aparecimento do anarquismo no movimento operário

seus prolongamentos.” (LEITE, Miriam L. Moreira - *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984. p.18)

²⁹ Em alguns documentos o nome do pai de Isabel foi abrasileirado.

³⁰ Sobrenome de casada.

³¹ ACMSP, **Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo**. livro de batismo do Bom Jesus do Braz, cota: 5-3-13, p.8V. O avô materno de Isabel chamava-se Joaquim Ferreira da Silva e havia prestado serviço militar na campanha do Paraguai.

³² MORSE, Richard. *Formação histórica de São Paulo*. São Paulo, Difel, 1970. p.238. Apud: BIONDI, Luigi. *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas-São Paulo: Editora da Unicamp. p.108.

³³ Cf. Vitaliano Rotellini, *Astensione o Elettorado? Um grave problema. São Paulo, Edizioni del Fanfulla, L. Buhnaeds & C., 1902. p.4. Apud: BIONDI, Luigi. Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920. Campinas-São Paulo: Editora da Unicamp. p.108.*

paulistano durante o período da República Velha. Muitos italianos trouxeram da Europa ideias anarquistas, mas outros as incorporaram em São Paulo, através do contato com outros imigrantes. Estes italianos eram unidos por laços patrióticos, não apenas devido a suas próprias afinidades culturais, mas também por pressão de outros que eram adeptos de partidos políticos: eram unidos devido à influência das ideias provenientes do anarquismo, do socialismo ou do fascismo.

O pai de Isabel, através do cotidiano operário, conviveu diretamente com esta efervescência de ideias políticas, simultaneamente ao desenvolvimento industrial na cidade de São Paulo.

Segundo Hélio Bertolucci³⁴, sobrinho-neto de Isabel Cerruti, seu bisavô Luigi, em fevereiro de 1902, ocupou o cargo de motorneiro, na empresa The São Paulo Tramway Light and Power Company Limited, permanecendo até a sua aposentadoria. “[...] Tanto o fornecimento de energia elétrica quanto o de transportes públicos em São Paulo seriam dominados pela The São Paulo Tramway Light & Power Co. Ltd.”³⁵ Neste contexto de inserção dos bondes elétricos, em 1900, com a inauguração da linha largo São Bento - Barra Funda, a profissão de motorneiro era a de um operário diferenciado, pois possuía de certa forma “melhor” posição social e ainda melhores condições de trabalho, isto ao compararmos com a da maioria dos operários fabris confinados ao ritmo de produção. Sobre as condições de trabalho dos motorneiros, João Santos nos explica:

“Esses operários trabalhavam ao ar livre, podiam enxergar o movimento da cidade e respirar o ar das ruas. Também exerciam discreto controle sobre o tempo de sua “linha de embarque e desembarque”, pois, em alguma medida, a velocidade do bonde dependia de suas próprias mãos.”³⁶

Isabel Bertolucci era adolescente quando seu pai assumiu essa nova profissão e isto significou o aumento da renda familiar, num momento oportuno, já que a família havia aumentado consideravelmente, após o nascimento de mais filhos. Apesar deste acontecimento representar aumento do padrão de vida da

³⁴ Conforme depoimento para autora.

³⁵ QUEIROZ, Suely Robles Reis. Política e poder público na Cidade de São Paulo: 1889-1954. In: PORTA, Paula. *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX, 1890-1954*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 39.

³⁶ SANTOS, João Marcelo. “Os operários dos bondes elétricos: trabalho, violência e estigmatização.” *Revista Mundos do Trabalho*. São Paulo, n. 3, p.99-123, janeiro-julho, 2010.

família, indiscutivelmente aqui tratamos da história de uma família de operários que passava relativas privações e dificuldades financeiras.

Quem sabe não foram essas dificuldades enfrentadas por seus pais que contribuíram para o sentimento de inquietação e desassossego de Isabel Bertolucci diante das desigualdades sociais e econômicas enraizadas no seio da sua família e de tantas outras famílias operárias. Podemos refletir que as ideias em torno da defesa de emancipação do operariado foram construídas aos poucos pela militante. E a convivência no seio de uma família da classe operária também serviu como base de formação para o seu pensamento como militante anarquista.

Segundo Thompson a noção de classe não pode ser usada para qualquer grupo social e em qualquer circunstância: ela aparece no exercício da vida de dificuldades e limitação, tais como se pode conjecturar viveu Isabel. O conceito tem especificidade. A questão aparece nitidamente no seguinte trecho de Thompson:

“Classe, em seu uso heurístico, é inseparável da noção de ‘luta de classes’. Na minha opinião, prestou-se excessiva atenção teórica ‘a classe’ (grande parte dela claramente ahistórica) e pouca atenção a ‘luta de classes’. Na realidade, luta de classes é um conceito prévio e também muito mais universal. Expressando-o claramente: as classes não existem como entidades separadas, que olham ao redor e encontram uma classe inimiga e logo começa a lutar. Pelo contrário, as pessoas se encontram numa sociedade estruturada de maneiras determinadas (fundamentalmente, porém não exclusivamente em relações de produção), experimentam a exploração (ou a necessidade de manter o poder sobre os explorados), identificam pontos de interesses antagônicos, começam a lutar por estas questões e no processo de luta descobrem-se como classe e chegam mesmo a perceber este descobrimento como consciência de classe. A classe e a consciência de classe são sempre as últimas, não as primeiras, fases do processo real histórico”.³⁷

Tal conceito de Thompson elucida a forma como Isabel tratou essa questão durante a sua trajetória política, pois, atribuiu a classe uma ideia de construção de um grupo social com sentido de defesa de seus interesses. Então, esta breve reconstrução da história da família Bertolucci, em especial de Luigi Bertolucci é importante pelo fato de percebermos durante a trajetória de vida de Isabel a sua proximidade com os valores e crenças advindos do universo cultural italiano ligado à classe trabalhadora.

³⁷ THOMPSON, E.P. *Tradicón, revuelta y consciencia de classe*. Barcelona: Editorial Crítica, 1984. p.37.

Pertencendo a uma família de classe operária, mas reconhecendo outros setores da sociedade como alvo da exploração de patrões pouco sensíveis às causas sociais, Cerruti compôs uma família que conheceu diversas condições ao longo do tempo.

Quando Isabel se tornou adulta, houve provavelmente ampliação da melhoria das condições de vida dos seus pais, como nos indica a foto abaixo, ao mostrar vestimentas bem cuidadas, o uso de relógio pelo “patriarca da família”, e ainda o fato da foto ter sido tirada em um estúdio. Então, através da análise desta foto familiar podemos refletir sobre a “verdade histórica” contida na época do seu registro.



Fonte: fotografia da família Bertolucci cedida por Helio Bertolucci.

A utilidade deste tipo de fotografia familiar, como fonte nos estudos históricos é inegável, pois, são registros que contêm informações importantes relacionadas a um evento passado. A fotografia não representa uma prova de verdade, pois pode

ser uma representação montada, e desta forma sempre contém “verdades” e “inverdades”. Como por exemplo, esta imagem da família Bertolucci foi certamente registrada em um estúdio, como era de praxe na época. Neste caso, esta foto pode conter muitas “verdades”, mas também “inverdades” devido ao registro artificial do momento, sobre está questão, Boris Kossoy nos explica que:

“[...] Na análise das imagens fotográficas do passado, cujos assuntos encerram quase que exclusivamente retratos posados de estúdios e vistas urbanas e rurais captadas na sua estaticidade, torna-se difícil levantar dúvidas quanto à fidedignidade dessas representações do ponto de vista iconográfico. Tratam-se de registros mecânicos de fragmentos do mundo visível caracterizados em geral pela inexistência de fatos dinâmicos que poderiam eventualmente ser flagrados em sua espontaneidade. Os conteúdos dessas imagens mostram assuntos geralmente bem-organizados em sua composição e aprioristicamente petrificados, antes mesmo do congelamento fotográfico. Tratam em essência de imagens estáticas que contêm assuntos também estáticos: as duras, passivas e estereotipadas expressões humanas dos álbuns de família... [...]”³⁸

Apesar de conseguirmos captar apenas pequenas impressões da representação do real, através de um cenário montado, ainda assim este pequeno fragmento de “realidade”, nos faz refletir sobre o tipo de situação vivida neste contexto. Este dia provavelmente foi um evento especial para a família, portanto atípico, já que a ida de uma família a um estúdio fotográfico não era algo corriqueiro na segunda década do século XX, período de registro desta foto. Para este momento especial percebemos que as vestimentas escolhidas foram formais e cerimoniais, inclusive as de Isabel.

O cenário para a foto foi montado da seguinte maneira: No centro da foto e ocupando o lugar de destaque, estão sentados os pais de Isabel: Maria e Luigi, com seus oito filhos posicionados ao redor. Isabel está em pé com a postura firme, atrás de sua mãe e ao lado de Américo, seu marido. Notamos especialmente a descrição e sobriedade do seu vestido, do seu cabelo bem alinhado, preso em coque. Ela seguia certas regras de vestimenta preconizadas pela moralidade burguesa da época, pois a utilização de cabelos soltos num evento público e tão especial poderia ser visto pela sociedade de moral burguesa como vulgar para uma moça de família. É também de se notar a ideia de hierarquia transparente no evento, em contraposição com as suas reivindicações e apelos emitidos nos órgãos de divulgação das ideias

³⁸ KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p.105.

anarquistas. De toda a forma, parece que em termos pessoais, familiares, a contestação da ordem não encontrava razão de ser para Isabel Bertolucci nesta foto. O que pode indicar a exigência de se comportar segundo papéis sociais diversos, embora não necessariamente os tomando como imposições, mas etiquetas sociais mais ou menos aparentes e superficiais.

1.3 A militância política

Durante sua infância, Isabel recebeu educação religiosa católica, principalmente orientada pela família. Quando menina as suas atividades principais eram o revezamento entre as aulas recebidas na escola e as de catecismo. De acordo com a estudiosa Ana Claudia Ribas, Isabel quando adolescente participou de congregações e irmandades religiosas, mas “rompeu” com o catolicismo ao ter “[...] contato com a cultura anarquista [...], entre 17 e 20 anos [...]”³⁹

A própria Isabel relata sua formação e trajetória religiosa dentro do ambiente familiar ao qual depois do estudo sobre outras religiões, decidiu substituir sua fé religiosa pela adoção do anarquismo:

“Quando menina, eu fui educada na religião católica. Mais tarde, quando o meu pensamento sentiu necessidade de mover-se ao encontro de novas verdades, fui indagar o que afirmavam outras religiões e travei conhecimento com o protestantismo. Não parando aí o meu desejo de investigação fui perscrutando mais adiante as diversas tendências filosóficas e sociais, detendo-me demoradamente a conhecer as afirmações do socialismo. [...] Sempre mais desprendendo o meu pensamento para a frente, acabei adotando o anarquismo, que me satisfez plenamente quanto aos meus sentimentos e desejo de felicidade para mim e para os meus semelhantes.”⁴⁰

Isabel além da dedicação aos estudos sobre religiões e política, também realizou trabalho remunerado. O primeiro ofício que declarou ter exercido foi o de

³⁹ RIBAS, Ana Claudia. “As sexualidades d’a plebe: sexualidade, amor e moral nos discursos anarquistas do jornal a Plebe (1917-1951)”. *Tese de Doutorado*, UFSC, Florianópolis, 2015. p.135.

⁴⁰ RUTI, Isa. “Não há religião superior á verdade”. *A Plebe*, São Paulo, 23 jun. 1934. p. 2.

costureira, nas suas próprias palavras: “[...] foi a oficina, onde adquiri o ofício de costureira, que me defendeu na vida por muito tempo [...]”⁴¹

Contudo, não temos informações suficientes para saber se Isabel trabalhava em sua própria casa - como foi próprio da distribuição de serviços feita pelo setor da confecção que contratava costureiras por tarefas, numa pré-história da alocação de mão-de-obra avulsa e precarizada - ou no ‘chão de fábrica’ das oficinas de costuras. Milhares de mulheres neste período trabalhavam em casa, de acordo com a estudiosa Margareth Rago: “[...] muitas mulheres eram costureiras e completavam o orçamento doméstico trabalhando em casa, às vezes até 18 horas por dia, para alguma fábrica de chapéu ou alfaiataria [...]”⁴²

Após seu casamento, é bem possível que Isabel tenha deixado o ofício de costureira, pois devido ao engajamento político, não lhe sobrava mais tanto tempo para o exercício de outras atividades. Para Ana Ribas os seus primeiros contatos com o anarquismo foram influenciados pelo noivo Americo Cerruti. “[...] Como presente, seu noivo lhe enviou, então, um exemplar do jornal anticlerical *A Lanterna*.”⁴³ Americo Cerruti não foi um personagem muito atuante na imprensa libertária, ao contrário de Isabel, colaboradora em diferentes jornais até a sua velhice. Americo era comerciante, proprietário de uma botica⁴⁴, onde vendia plantas medicinais, essências e drogas diversas, chamada *A Botânica*⁴⁵, localizada na praça D. Pedro II. E tinha como sócios seus irmãos João Cerruti e Giuseppe Cerruti. Um número considerável de italianos em São Paulo conseguiu ascender socialmente, justamente através da abertura de pequenos negócios. E entre as mulheres italianas havia um número significativo de donas de pensão.

Americo Cerruti, único marido de Isabel Cerruti, nasceu em São Paulo e era filho do casal de italianos: David⁴⁶ Cerruti e Angela Fruscone. O pai de Americo provinha da região de Cremona e imigrou para o Brasil durante o período da Grande

⁴¹ CERRUTI, I. “Carta aberta”. *A Plebe*, São Paulo, 08 dez. 1934. p. 4.

⁴² RAGO, Margareth. “Trabalho feminino e sexualidade” In: PRIORE, Mary del (org.); BASSANEZI, Carla (Coord.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000. p.581.

⁴³ op. cit. RIBAS, p.135.

⁴⁴ Botica era o nome dado a uma farmácia antiga.

⁴⁵ No periódico *La Difesa* existem vários anúncios da farmácia de Américo.

⁴⁶ Na certidão de óbito de Americo Cerruti consta que o pai se chamava David.

Imigração (1870-1930), provavelmente com sua companheira. Na Itália, David Cerruti era possivelmente um militante político ligado ao socialismo. Sobre as origens políticas do sogro e do cunhado da ativista, Luigi Biondi explica:

“Também artesão e também no norte da Itália era o militante Giuseppe Ceruti, que morava no Brás. Ele tinha nascido muito provavelmente em 1883, em Cremona, na Lombardia e, portanto, vinha também de uma família de trabalhadores urbanos especializados setentrionais. Giuseppe veio para São Paulo muito jovem, em 1894, seguindo o destino da família, que se estabeleceu logo na capital. Tudo indica que também o pai de Giuseppe, Davide, era socialista.”⁴⁷

Giuseppe ou José Cerruti era um militante importante no meio socialista, pois foi um dos fundadores de uma das agremiações que, no período da Primeira República, se denominou Partido Socialista Brasileiro. Ele faleceu no dia 08 de setembro de 1954.⁴⁸ A família Cerruti, provavelmente trouxe as ideias socialistas da Itália (região de Cremona) e através da militância política no Brasil construiu uma identidade como trabalhadores ítalo-brasileiros, com a experiência vivida fora de seu país de origem⁴⁹.

Interessante ressaltar também que a região de Cremona foi uma província pioneira na organização socialista de artesãos produtores de instrumentos musicais. Americo além de comerciante e perfumista também era músico, tocava violino.

⁴⁷ Prontuário de Giuseppe Cerruti. ACS, CPC, b.1264. In: *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas-São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.

⁴⁸ “Falecimento do comp. Jose Cerrutti”. *Folha Socialista*, São Paulo, 10 set. 1954. p. 8.

⁴⁹ Ver *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas-São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.



Fotografia de Americo Cerruti.

Fonte: cedida por H elio Bertolucci.

Giuseppe Cerruti, s ocio da botica dos irmãos Cerruti, tamb em foi redator e por algum tempo secretário do periódico *La Difesa* e ainda membro da comissão de finanças da *Associa o Promotora de Instru o e Trabalho para os cegos*. Isabel Cerruti foi fundadora, presidente honorária e secretária da Associa o Promotora de Instru o e Trabalhos para Cegos. Ela ficou conhecida como uma “distinta advogada dos cegos paulistas”⁵⁰, em razão principalmente da incansável luta pela defesa da inclusão profissional dos cegos na sociedade. Ainda era uma importante benemérita desta Associa o, pois contribuía com doa oes em dinheiro destinadas aos cegos⁵¹.

⁵⁰ “Associa o”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 out. 1924. p.17.

⁵¹ “Movimento associativo”. *A gazeta*, São Paulo, 04 jul. 1933, p.04.

O jornal *La Difesa* de vertente socialista era um meio de comunicação importante para os negócios da família Cerruti, pois era anunciante de propagandas da botica. Além de divulgar os escritos com as ideias sociais e políticas de Isabel. A aproximação de Isabel com a família Cerruti proporcionou que ela pudesse circular neste meio de socialistas. Podemos lembrar da sua participação como redatora no periódico *La Difesa*, influenciada apenas em parte pela família Cerruti, mesmo porque quando começou a escrever neste periódico em 1924 já era uma figura conhecida no meio político anarquista.

Até a própria atuação política engajada de Isabel Cerruti no meio anarquista foi possível devido o apoio de Americo Cerruti, pois apenas após o casamento é que se nota a sua militância ativa nos jornais. Pelo que observamos o casamento não cerceou a sua liberdade para o exercício da militância política. Mas afinal em quais circunstâncias ocorreu o casamento de Isabel?

Isabel Bertolucci e Americo Cerruti realizaram a união no cartório e também optaram pela celebração da união na Igreja no dia 26 de setembro de 1908⁵², na Paróquia Bom Jesus do Brás: exatamente a mesma em que seus pais haviam casado, décadas antes. Assim podemos procurar refletir de que forma uma prática religiosa como essa foi possível para um casal que já na época frequentava as redes militantes libertárias. Tais comportamentos em permanência permitem conjecturar que a cultura ítalo-brasileira de Isabel Cerruti recebeu sempre o reforço local dos espaços dominados por trabalhadores descendentes dos primeiros imigrantes, gerando ao mesmo tempo uma sensação de comunidade étnica e de relativa segurança na continuidade dos procedimentos sociais. Há ainda outras possíveis razões que fizeram os anarquistas – mesmo que ainda muito jovens militantes, sem talvez o compromisso com companheiros que cerceassem suas atividades “irregulares” - optarem pelo casamento religioso e foram descritas pela estudiosa Margareth Rago:

“Embora os anarquistas defendam o amor livre, o que significa um tipo de união amorosa e sexual constituída espontaneamente, desvinculada das obrigações relativas ao Estado e à Igreja, muitos se casaram legalmente nessa época, por inúmeros motivos: facilidade de conseguir documentação, por serem estrangeiros; forte pressão social exercida sobre os setores mais pobres da população,

⁵² ACMSP, **Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo**. livro de casamento do Bom Jesus do Braz, cota: 3-3-15, p.129 e 129V.

associados, no imaginário das elites, às imagens da degenerescência e da irracionalidade; desejo de reconhecimento social e de respeito”.⁵³

Chama a atenção o fato que alguns anos decorridos do seu enlace matrimonial na Igreja Católica, tendo admitido e até provavelmente aproveitado da garantia social atribuída aos aderentes às instituições oficiais da cultura dominante, Isabel Cerruti tenha protagonizado intensa propaganda anticlerical nos jornais operários de vertente anarquista. Esta postura crítica em relação ao catolicismo ocorreu por acreditar na opressão e exploração religiosa destinada aos trabalhadores, através da retirada de suas riquezas, por isso via o clero como contrário ao direito de igualdade entre os homens. Ao longo de sua vida, depois da adoção do anarquismo, não mais aderiu a nenhuma religião, nem mesmo ao espiritismo ou teosofismo, opção religiosa de muitos anarquistas neste período.

A possível contribuição mais antiga de Isabel Bertolucci na imprensa anarquista foi uma publicação chamada “Pela Cidade” publicada, em 1911, pelo periódico *A Lanterna*, com viés nitidamente anticlerical. Segundo Rodrigo Rosa, “[...] quando tinha pouco mais de 20 anos, Isabel enviou um texto em formato de carta que acabou publicada. [...] Mal sabia ela e Edgard Leuenroth, o editor destinatário da missiva, que ali estaria se iniciando uma longa e produtiva jornada de reflexão e propaganda do anarquismo por parte de uma jovem trabalhadora [...] que iniciava a construir sua visão crítica do mundo através do contato com os meios operários e libertários da época.”⁵⁴

Isabel Bertolucci como leitora assídua e admiradora do periódico anticlerical, *A Lanterna*⁵⁵, a partir de 1913 passa a ser colaboradora do jornal. Então publica o artigo “S. Vito em foco”⁵⁶, onde fez duras críticas à festa católica de São Vito realizada no Brás, bairro onde passou sua infância e juventude e depois viveu um bom tempo com o seu marido.

⁵³ RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade: Luce Fabbrì e o anarquismo contemporâneo*. UNESP: São Paulo, 2001. p.189.

⁵⁴ ROSA, Rodrigo. *O triunfo da Anarquia e outros escritos: Isabel Cerruti*. São Paulo: Terra Livre, 2019. p. 24.

⁵⁵ O jornal anarquista e anticlerical *A Lanterna* foi fundado na primeira década do século XX.

⁵⁶ CERRUTI, Isabel, “S. Vito em foco”. *A Lanterna*. São Paulo, 17 mai. 1913, p.03. número 191, ano XII.

O ano de 1917 foi um momento marcante na sua vida, com trinta e um anos de idade estava com ideias mais amadurecidas em torno do anarquismo e neste momento passou a escrever para o periódico *A Plebe*⁵⁷. Período que escrevia com regularidade e as vezes em uma mesma edição deste jornal publicava mais de um artigo, o que pode atestar sua importância dentro do movimento. Ela trabalhava ao lado dos mais importantes pensadores e ativistas do movimento anarquista como: Roberto Feijó, Everardo Dias e o editor Edgard Leuenroth. Vale lembrar que além de Cerruti, existiam várias outras mulheres militantes atuantes e que também assinavam artigos neste jornal, como Maria Antonia Soares, Maria Lacerda de Moura, Thereza Escobar, Noedúl, Elvira Boni, Bruna Varini, Sonia Martins, entre outras. Tais mulheres discutiam questões do universo feminino, como o amor livre, o divórcio, a maternidade, o sufrágio universal, o serviço militar obrigatório para mulheres. Além de assuntos particularmente de interesse dos trabalhadores como o desemprego, a repressão policial, a instrução política, as greves operárias, entre outros variados temas. Neste período, estas mulheres, assim, como Cerruti romperam certas barreiras sociais para a conquista deste universo da escrita, primeiro porque uma formação escolar erudita voltada para o domínio das letras entre as meninas não era algo comum, pois muitas vezes as famílias das variadas classes sociais privilegiavam uma formação direcionada aos afazeres domésticos, com a intenção da formação de prendas donas-de-casa. E devemos destacar, inclusive o domínio mínimo e precário da escrita ou então até mesmo o analfabetismo completo, principalmente entre as camadas sociais mais pobres. Interessante destacar que Maria Auxiliadora Decca no seu estudo sobre o cotidiano do operariado fora das fábricas no começo do século XX, indica que “em sua maioria o operariado em São Paulo não era analfabeto”.⁵⁸

Isabel Bertolucci frequentou a escola com este tipo de ensino direcionado ao sexo feminino, através de métodos e procedimentos próximos aos de décadas anteriores. Assim, a educação destinada as meninas no Brasil no final do século XIX e início do XX, guardava semelhança com a seguinte análise de Agassiz:

“[...] No Brasil, pouco se cuida da educação da mulher; o nível da instrução dada nas escolas femininas é pouquíssimo elevado;

⁵⁷ O periódico *A Plebe* neste período era semanal.

⁵⁸ DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo. 1920-1934*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.43.

mesmo nos pensionatos frequentados pelas filhas das classes abastadas, todos os professores se queixam de que se retiram as alunas justamente na idade em que a inteligência começa a se desenvolver.”⁵⁹

A formação de Isabel não era erudita, mas sua instrução política perpassava o estudo dos jornais operários, escritos de propaganda anarquista e livros de política em geral, além das discussões em associações e com os trabalhadores do bairro italiano em que vivia, o Brás. Residir no centro da cidade de São Paulo fazia com que percebesse de perto a miséria da população, segundo ela “[...] quem reside no centro da cidade, mais do que quem reside nos bairros, é que vê, em abundancia, a dolorosa miséria dos deserdados de tudo, na sociedade presente.”⁶⁰

Certamente o contato com vizinhos e a trocas culturais em um bairro pobre, como o Brás facilitava o seu convívio em um ambiente mais coletivo. Portanto a construção de suas ideias foi influenciada pelo universo cultural dos jornais operários e o contato com os trabalhadores e suas famílias. Esta formação cultural possibilitou o desenvolvimento de sua militância engajada e de sua entrada nos jornais operários, como redatora. Tal engajamento político mais radical era identificado nos seus escritos de propaganda libertária quando estimulava a luta de classe dos operários contra os opressores (capitalistas), e em algumas ocasiões utilizava adjetivos pejorativos, como corja parasitária, para fazer referência aos que denominava como os exploradores do povo. Ela buscava através deste discurso de menosprezo a burguesia valorizar o trabalhador, na tentativa de criar uma identidade de diferenciação entre classes. Além disso, Cerruti defendia como principais práticas de resistência operária: a greve, a boicotagem e a propaganda. E na prática realmente participou de greves, fez campanhas a favor do boicote de produtos e da propaganda libertária nos jornais. Ela acreditava que a conquista do ideal libertário pelos operários seria apenas possível através da mobilização da massa de trabalhadores, conforme explica:

“O homem sem ideal é um amontoado de carne sem valor. A valia do homem são os pensamentos, são os ideaes. Mas os brasileiros, na sua quasi totalidade, não têm ideal. Vegetam, deixando correr a vida

⁵⁹ AGASSIZ, Louis. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. São Paulo: Nacional, 1938. p.567.

⁶⁰ RUTI, Isa. “Boas festas”. *A Plebe*, São Paulo, 30 dez. 1933. p.02. número 52, ano I.

com todas as eventualidades. A um agravo da situação encolhem os ombros e espreguiçam-se num bocejo...”⁶¹

Em razão de calorosas e constantes denúncias diante das mazelas sociais e da convocação à reação das massas populares, tal como outros defensores de propostas de mudanças sociais libertadoras, foi vigiada e reprimida pela polícia, até mesmo foi identificada como elemento subversivo perigoso, pois segundo as autoridades policiais incentivava o proletariado “a reagir à mão armada”.⁶² Edgar Rodrigues no livro *Os companheiros 4*⁶³, relata que Cerruti foi presa em razão da sua atuação destemida como militante anarquista. Mas Edgar Rodrigues não informa em qual contexto ocorreu a sua prisão. Nas fichas criminais de Cerruti do DEOPS não consta ter sido decretada a sua prisão, mas apenas apresentam investigações e vigilância de suas ações por um longo período entre os anos de 1920 até 1933. A prisão ou então a expulsão dos militantes era uma tática utilizada pela polícia para desarticular os movimentos operários. Segundo Luigi Biondi,

“[...] uma das armas mais utilizadas pela intensa onda de repressão governamental, no período que se seguiu à greve de 1917, e que só teve certa diminuição em 1921, foi a expulsão dos militantes estrangeiros: naquele momento as lideranças sindicais e políticas (e, ainda mais, mutualistas) das várias associações de trabalhadores paulistanos eram fundamentalmente estrangeiras”.⁶⁴

Isabel Cerruti temia além de maus tratos físicos, até mesmo a perseguição da polícia e expulsão do Brasil. Mas mesmo diante deste tipo de repressão continuou a sua militância política engajada em ações em benefício dos trabalhadores.

Em carta escrita em maio de 1920, endereçada ao embaixador italiano, Alessandro de Bosdari, Isabel explanou que por possuir sobrenome italiano, herança de seu pai, corria o risco de ser deportada para Itália. Segue trecho da carta:

“Ah, conde Alessandro de Bosdari: as mesmas autoridades brasileiras, que foram de extrema amabilidade e cortezia para comigo – um estrangeiro – não o serão [...] si, amanhã, eu tiver a audácia de me condoer da dura sorte reservada aos italianos que aqui vieram trazer o concurso do seu braço, para o progresso desta

⁶¹ SILVA, Isabel. “Ponderando”. *A Plebe*, São Paulo, 27 out. 1923, p.03. número 221, ano VI.

⁶² Prontuário n° 195 (*Isa Ruti ou Issa Ruti*). Fundo DEOPS. APESP, São Paulo, SP.

⁶³ RODRIGUES, Edgar. *Os companheiros 4*. Florianópolis: Insular, 1997. p. 211.

⁶⁴ BIONDI, Luigi. *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas-São Paulo: Editora da Unicamp. 2011. p.358.

terra, mas que não tiveram habilidade per fare l'America... Só por eu usar um nome italiano, - porque meu pae é italiano – apesar de que ninguém póde negar-me a legitimidade de filha do Brasil, pois que nasci aqui e quem me acalentou no seio é brasileira [...] só porque tenho um nome italiano [...] estou arriscada a ser tratada com pouca reverencia, e, o que é pior, a ser deportada para a Italia.”⁶⁵

Em decorrência da perseguição promovida pelo Estado aos estrangeiros, Cerruti tinha o receio de ser deportada para Itália. Neste período temos a intensa repressão policial aos italianos que participavam das greves e da militância de esquerda.

O ítalo-paulistano e mais ainda o imigrante simpatizante do anarquismo foi um agente histórico realmente visado pelas autoridades policiais, pois a repressão recaiu sobre boa parte da colônia italiana. E neste caso considere-se que Isabel Cerruti estava integrada à cultura italiana em São Paulo, obviamente não só por ser filha de pai italiano ou por morar no bairro do Brás⁶⁶, mas também por participar de associações italianas, como a *Lega Lombarda*, além de escrever em jornais como o *La Difesa*, de exclusiva colaboração entre italianos ou descendentes. Além disso, muitos italianos e seus descendentes em São Paulo eram unidos por laços patrióticos não apenas devido a suas afinidades culturais, mas também devido às redes étnicas de militância política republicanas, anarquistas, socialistas ou até mesmo, posteriormente, fascistas e antifascistas.⁶⁷

Cerruti temia que caso fosse realmente deportada, também não seria bem recebida na Itália, já que os próprios italianos estavam sendo expulsos do país.

Este processo de instabilidade dos italianos e seus descendentes no Brasil, se tornou ainda mais crítico com a tomada do poder do fascismo na Itália. A vitória de Mussolini em 1922 na Itália influenciou mais uma simpatia de muitos italianos residentes no Brasil, mas não necessariamente profundo apoio político, sobre essa questão, Hall explica:

⁶⁵ CERRUTI, Isabel. “Carta ao embaixador italiano”. *A Plebe*, São Paulo, 27 mai. 1920, p.5.

⁶⁶ Segundo sua ficha criminal consta que no ano de 1926 residia na Avenida Celso Garcia, número 92. Prontuário n° 195 (*Isa Ruti ou Issa Ruti*). Fundo DEOPS. APESP, São Paulo, SP.

⁶⁷ Ver BIONDI, Luigi. *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas-São Paulo: Editora da Unicamp, 2011; TOLEDO, Edilene. *Travessias Revolucionárias*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004; BERTONHA, João Fábio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

“Muitos imigrantes se entusiasmavam com as supostas realizações do governo fascista: ordem, prosperidade, poderio militar, um novo Império. Mussolini, dizia-se, tornou a Itália um país respeitado e deixou os imigrantes orgulhosos das suas origens. Não há dúvida de que tais sentimentos se enraizavam amplamente na comunidade italiana de São Paulo, onde serviam para criar uma certa simpatia difusa em relação ao regime de Mussolini, mas sem se traduzir necessariamente num abrangente ou profundo apoio político ao fascismo e suas ações.”⁶⁸

Em 1924, a militante acreditava que os fascistas não teriam força suficiente para disseminar sua violência em terras brasileiras. Neste contexto nos conta sobre uma suposta ideia de levantamento de um monumento em homenagem a Mussolini em uma praça pública de São Paulo:

“Tem graça! Houve quem nos taxasse a nós, povo brasileiro, de falhos de sentimentos cívicos porque não protestamos como deveramos contra a ideia de se erguer, em uma de nossas praças públicas, um monumento a Mussolini, quando temos tantas personalidades históricas brasileiras, com muito mais direito a essa homenagem que o herói italiano. Ora, o povo... o povo para que há de protestar por isso? (Este povo que paga dois mil réis por kilo de feijão bichado, só porque protestar... [...]) Para que? Uma estatua mais, uma estatua menos, em nossas praças, não estorva a ninguém! Não merece tanto alarido.”⁶⁹

Isabel não via a necessidade de protestos contra a ideia de homenagear Mussolini através deste monumento, pois temia que o alarido antifascista poderia contribuir para provocar a ira dos fascistas, e como consequência provocar uma onda de violência patrocinada pelo fascismo em São Paulo. Isabel nos explica:

“E depois, no caso Mussolini, o caso não é mesmo para a gente esguelar-se em protestos, fazendo júrs às patas dos nossos cavaleiros e atraindo as iras dos fascistas que há muitos por aqui, á espera de oportunidade para porem em acção o manganelo e o óleo de rícino...”⁷⁰

Seria até uma situação cômica a necessidade dos fascistas brasileiros em homenagear Mussolini, caso não fosse o contexto da política sangrenta fascista, pensava Cerruti:

“A ideia dos fascistas brasileiros quererem homenagear Mussolini, elevando-lhe uma estatua é comico-ridicula e seria mais para a

⁶⁸ HALL, Michael. “Imigrantes na cidade de São Paulo.” In: PORTA, Paula. *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX, (1890-1954)*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 132.

⁶⁹ RUTI, Isa. “O monumento a Mussolini”. *A Plebe*, São Paulo, 17 mai. 1924. p.02.

⁷⁰ Idem, *Ibidem*.

gente se apiedar e rir do disparate, si não fosse o pensamento que faz assomar aos nossos olhos lagrimas de dôr sobre a memoria dos nossos companheiros, martyres da sanha sangrenta de Mussolini.”⁷¹

Mas, Isabel imaginava que a derrocada de Mussolini na Itália estava próxima, como vemos neste trecho: “Fez-se malvado por vaidade. [...] O seu fim, ou por outra, o fim de seu reinado, na grandiosa e martyr Italia, está por pouco.”⁷²

Como o fascismo era um perigo geral para militância de esquerda e democrata, Isabel Cerruti agiu no sentido da promoção de ações contra a disseminação do fascismo, então é bem possível que a sua entrada no ano de 1924 no *La Difesa*⁷³ tenha relação com o combate a uma possível fascistização da sociedade paulista. A luta de Cerruti contra o fascismo seria intelectual, através de seus escritos no *La Difesa* formaria uma frente com outros intelectuais para procurar impedir esta possível disseminação do fascismo. Bertonha⁷⁴ acreditou em uma relativa desarticulação e fragilidade do movimento antifascista em São Paulo devido aos conflitos entre militantes políticos. De qualquer maneira existiam focos de resistência contra o fascismo, como no caso do jornal *La Difesa* criado com a intenção de ser crítico a este tipo de política. A maioria dos artigos no jornal *La Difesa* eram escritos na língua italiana, mas Cerruti em seu primeiro artigo começa a escrever em português.

A ativista participou da política brasileira através de sua ampla militância em jornais operários, mas também com a participação em conferências, assembleias e comícios. A intenção de Cerruti era procurar melhorar a vida dos trabalhadores, algo impossível sem uma transformação na sociedade. Esta alteração social deveria seguir os princípios libertários, mas para isto seria imprescindível à conscientização da população, através de um trabalho voltado para a instrução política dos operários. Por isso, Cerruti instruía os trabalhadores através de palestras em que arrecadava dinheiro em benefício do operariado.

⁷¹ Idem, Ibidem.

⁷² Idem, Ibidem.

⁷³ Jornal da comunidade italiana e antifascista.

⁷⁴ Ver BERTONHA, Fábio. *Sob a sombra de Mussolini: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1945*. São Paulo: Annablume, 1999.

Na década de 1930 chegou a realizar duas conferências patrocinadas pela FOSP⁷⁵. A primeira realizada em junho de 1934 em um Grande Festival da Federação Operária, meses depois realizou outra conferência em um Festival Pró Presos.⁷⁶ Nestes festivais sempre havia a apresentação de peças teatrais, recitativos, monólogos e encenações de magia.⁷⁷ No ano de 1935, Isabel desenvolveu um trabalho sobre o tema: “O amor como fator do progresso humano”, promovida em benefício do periódico *A Plebe*.⁷⁸

Isabel Cerruti participava de reuniões políticas dentro da FOSP, onde as discussões estavam baseadas em estratégias voltadas para a conquista de um ideal anarquista entre o operariado. Ainda procurava realizar pessoalmente doações em dinheiro para alguns periódicos libertários como: *A Lanterna*, *A Plebe* e *O Libertário* com a clara intenção de contribuir para a sobrevivência destas publicações. Em 1935, iniciou uma campanha com a intenção de arrecadar dinheiro para o jornal *A Plebe*:

“Um maço de cigarros e uma entrada de cinema, uma vez por mês, revertidos em favor de “*A Plebe*”, não representa grande sacrifício. Avante! Façamos uma campanha neste sentido!” “Juntando a ação às palavras, dou início a campanha ofertando cinco mil réis, equivalentes a duas entradas de cinema, de que me privo, em favor da “*Plebe*”, óvante e imperecível!”⁷⁹

Mas não era apenas com dinheiro que Cerruti ajudava, mas também com a doação de perfumes obtidos na loja de seu marido que era perfumista. Estes perfumes eram doados para a venda em leilões durante festivais em benefício dos periódicos.

Isabel Cerruti não só militou incansavelmente na tentativa de pensar em soluções para os problemas que afligiam o trabalhador, mas também interferiu neste universo operário, não só através de suas denúncias nos jornais, mas também

⁷⁵ A Federação Operária de São Paulo foi criada em 1905 e contava com um número considerável de anarquistas. A sua intenção era a de reunir trabalhadores e suas associações e auxiliar na criação de sindicatos. Além de ajudar na orientação e divulgação das reivindicações dos trabalhadores.

⁷⁶ “Grande Festival Pró Presos”. *A Plebe*, São Paulo, 10 nov. 1934. p.04.

⁷⁷ Estas manifestações artísticas tinham como temática principal expressar críticas a sociedade burguesa. Várias outras mulheres também participavam nestes festivais, como figuras atuantes ou simplesmente como espectadoras.

⁷⁸ RUTI, Isa. “Um apelo que deve ser ouvido”. *A Plebe*, São Paulo, 05 jan. 1935. p.02.

⁷⁹ Idem, *Ibidem*.

através da criação e participação de variadas associações voltadas para a melhoria da condição social de homens e mulheres trabalhadores.

Mesmo diante do cansaço que os anos impõem, não parou de militar pelo ideal anarquista, embora, com o passar dos anos a sua contribuição para os jornais⁸⁰ tenha sido muito menor, também em decorrência de problemas de saúde, típicos da idade mais avançada. Em 1º de maio de 1970, com 84 anos de idade, Isabel Cerruti veio a falecer em decorrência de hipertensão maligna e insuficiência cardíaca. Foi sepultada no cemitério da Vila Mariana em São Paulo, no jazigo da família. Abaixo segue um pequeno trecho de sua certidão de óbito:

“[...] Faleceu Isabel Bertolucci (brasileira), do sexo feminino, de cor branca, profissão prendas domésticas, natural de São Paulo, Brás, domiciliada e residente em prédio onde ocorreu o óbito, com oitenta e quatro anos de idade, estado civil viúva, filha de Luiz Bertolucci e de dona Maria Ferreira da Silva Bertolucci, aquele italiano, esta brasileira já falecidos. Não era eleitora. O sepultamento será feito no cemitério Vila Mariana, capital... [...]”⁸¹

Neste seu registro de óbito, consta como sua única profissão a de prendas domésticas, mas sabemos que além desta função, também foi operária, “jornalista”, ainda ocupou vários cargos nas Associações. Mas destacamos principalmente suas tarefas em torno da militância política.

Parece que ano de 1970, a mentalidade da época – se considerarmos a cultura vigente entre os funcionários burocráticos dos serviços funerários da Capital - ainda atribuíam imediatamente como função principal da figura feminina: o papel de dona de casa ou então de mãe, como naturais. Angela Davis explica:

“[...] As atitudes sociais predominantes continuam a associar a eterna condição feminina a imagens de vassouras e pás de lixo, esfregões e baldes, aventais e fogões, vasilhas e panelas. E é verdade que o trabalho da mulher, de uma era histórica a outra, tem sido geralmente associado ao ambiente doméstico.”⁸²

⁸⁰ Em 1964, Cerruti continuou a escrever e ajudar com o sustento dos jornais libertários, através de doações em dinheiro. Neste período suas contribuições eram destinadas ao periódico *O libertário*.

⁸¹ Conforme Certidão de Óbito do Registro Civil das Pessoas Naturais de Indianópolis, expedida em 25 de outubro de 2017.

⁸² DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016. p.226.

E problematiza ainda que, “[...] desvincular o trabalho doméstico do sexo não alteraria verdadeiramente a natureza opressiva do trabalho em si. Em última análise, nem as mulheres nem os homens deveriam perder horas preciosas de vida em um trabalho que não é nem estimulante, nem criativo, nem produtivo.”⁸³

Ainda as tarefas do lar, embora muito importantes para o bem-estar do núcleo familiar não são remuneradas e principalmente as mulheres carregariam uma dupla jornada exaustiva e sem grande valorização no exercício de tarefas dentro e fora do lar. No caso específico de Isabel, exercia ocupação no lar de maneira limitada em razão de sua ampla militância política no meio libertário.

A sua trajetória de vida indica mesmo a iniciativa e força em romper e subverter os padrões tradicionais típicos de conduta feminina para sua época. Através de uma trajetória de vida marcada pela luta, resistência e perseverança na busca pela construção de um ideal político de igualdade para todos os indivíduos.

⁸³ Idem, *Ibidem*.

CAPÍTULO 2 - Uma visão de mundo em benefício do trabalhador

2.1 Anticlericalismo

O início da sua militância no universo dos jornais parece ter ocorrido no periódico *A Lanterna*, utilizado para divulgar principalmente suas ideias anticlericais. O conceito anticlericalismo denominou o conjunto de ideias contrárias ao poder que a Igreja exerceu a partir dos seus membros contra organizações da sociedade civil.⁸⁴ O discurso da Igreja voltado para promoção da resignação do operariado e a própria interferência dos clérigos na vida das pessoas incomodava os anarquistas, pois estas condutas prejudicavam o projeto de construção de uma nova sociedade. Assim, Isabel Cerruti, com suas ideias ainda em construção acerca do projeto anarquista, iniciou sua militância nos jornais através de textos anticlericais como o “Pela Cidade”, de 1911. Nesta publicação, a militante denunciou o que acreditou ser um desvio de conduta de um padre da paróquia São José do Belém, quando este cobrou um valor abusivo em dinheiro para a realização de um batismo. Isabel Bertolucci definia tais atos como absurdos religiosos e fazia críticas severas aos padres. Pois defendia que a religião para Cristo era “amor, fraternidade e justiça”.⁸⁵ Interessante notar, neste início de sua militância, a valorização que ela faz da “religião de Cristo”, o que mostra que não se opunha propriamente ao cristianismo, mas sim aos abusos cometidos pelos clérigos.

No artigo “S. Vito em foco” de 1913, Cerruti vai criticar o que julga ser mais um absurdo religioso da Igreja, e neste sentido percebemos um julgamento acerca da instrumentalização da religião pelos homens. A militante desta vez faz críticas a festa de São Vito, no bairro do Brás. Antes da análise de seu artigo, vale destacar que o culto religioso a São Vito tem origem na Itália meridional, estes imigrantes trouxeram para as terras brasileiras a veneração ao santo com festividades seguidas de uma série de rituais. Boris Fausto explica sobre a organização do ritual em torno da festa de São Vito:

⁸⁴ Ver VERUCCI, Guido. “Anticlericalismo”. In: BOBBIO, N. e outros. Dicionário de Política. Brasília: Ed. Unb, 1986. p.32-34.

⁸⁵ CERRUTI, Isabel Bertolucci. “Pela Cidade”. *A Lanterna*, São Paulo, 08 abr. 1911, número 81, ano X. in: ROSA, Rodrigo. *O triunfo da Anarquia e outros escritos: Isabel Cerruti*. São Paulo: Terra Livre, 2019. p. 143.

“Com o correr dos anos, a festa se institucionalizou mediante a criação de comissões organizadoras; a Igreja do Brás converteu-se em ponto alto das comemorações e estas foram tomando cada vez mais caráter público, com o surgimento das missas em louvor a São Vito e a ênfase posta nas procissões e nas quermesses. É significativo ressaltar, porém, que ainda em torno de 1912-3 a imagem utilizada nas procissões não ficava permanentemente na Igreja do Brás. Objeto de culto doméstico de um membro da colônia, era emprestada à comunidade para as festas e, a seguir, devolvida a seu dono.”⁸⁶

Então, a militante descontente com toda a organização em volta do ritual religioso acabou por comparar a procissão de São Vito a uma festa carnavalesca e expressou a sua indignação da seguinte maneira:

“[...] se trata de uma festa que diversos operarios levam a efeito, em homenagem ao santo patrono da terra deles, um tal S. Vito. É ridículo ver-se essa gente andar em procissão pelas ruas deste bairro, em atitude carnavalesca, empunhando bandeiras, velas acesas, com o boneco encarapitado naquilo que os carolas chamam andor, ao ombro de quatro homens, acompanhados de musica e queimando foguetes.”⁸⁷

Isabel Cerruti denunciava a incoerência do clero ao patrocinar festas religiosas em bairros pobres, pois atrapalharia a tranquilidade dos moradores, e principalmente atrapalharia os trabalhadores (militantes) anarquistas que precisavam acordar cedo para a realização dos trabalhos de propaganda. Apesar de Cerruti já ser uma anarquista convicta nesta época e por isso, qualquer ato insignificante da Igreja já poderia ser alvo de crítica mordaz, neste momento parece se posicionar de maneira crível, ao apontar que os moradores do bairro do Brás passam por tal infortúnio em razão da falta de condições materiais de moradia nos bairros mais ricos da cidade, vistos como locais tranquilos. Vejamos na sua fala estas considerações:

“[...] para aqueles que desejam conhecer os absurdos religiosos, afim de se emanciparem e se tornarem homens livres, venho por meio destas humildes linhas patentear a minha indignação contra um facto que está se passando no bairro do Braz. Esse facto, além de ser um atentado á civilização e perturbar a tranquilidade dos moradores de ideias avançadas que teem a desdita de habitar este bairro, por não

⁸⁶ FAUSTO, Boris. “Imigração: cortes e continuidades”. In: NOVAIS, Fernando A. & SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil* (vol. 4), *Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.49.

⁸⁷ CERRUTI, Isabel. “S. Vito em foco”. *A Lanterna*, São Paulo, 17 mai. 1913. p.03.

poderem pagar os fabulosos alugueis na mansão [...] esse facto, digo, vem prejudicar os trabalhos da propaganda.”⁸⁸

Realmente festas religiosas eram comuns nos bairros operários e não aconteciam em locais ricos da cidade de São Paulo. Ela ainda enfatiza a participação de operários, a seu ver presas fáceis de preconceitos, na festa. Nas suas palavras:

“[...] Esses mesmos operários que hoje festejam assim esse boneco de barro vivem nas mais imundas e anti-higiênicas habitações, numa promiscuidade revoltante e mandam seus filhinhos de tenra idade às fabricas para serem explorados pelos tiranos do povo”⁸⁹

Como Cerruti relatou, no começo do século XX, boa parte dos operários paulistanos moravam nos bairros do Brás, da Lapa, do Bom Retiro, Mooca, em habitações precárias ou cortiços. Sobre estes espaços de moradia operária, a estudiosa Margareth Rago explica:

“A dimensão reduzidíssima da moradia operária, a escuridão e a umidade dos compartimentos nauseabundos, a exiguidade dos quartos de dormir, a utilização comunitária de tanques e latrinas, o fedor exalado pela merda acumulada nas fossas ou nos latões, o convívio promíscuo de pessoas e de animais nos mesmos espaços... [...]”⁹⁰

Maria Auxiliadora Guzzo destaca que “a maioria dos trabalhadores industriais e urbanos na cidade de São Paulo morava mal, alimentava-se deficientemente e se vestiam precariamente até meados da década de 30”.⁹¹ Nestas condições não era incomum as famílias operárias enviarem as crianças à fábrica para ajudarem no sustento familiar.

Isabel Cerruti refletia sobre como a Igreja através da busca por riquezas colaborava para este tipo de desigualdade social no meio operário. No ano de 1916, explicava que tanto os padres, como também os pastores em seus sermões citavam trechos do Evangelho sobre os atos de caridade praticados por Jesus. Mas Isabel refletia como algo notório que a própria Igreja não seguia tais mandamentos. Nas suas próprias palavras:

⁸⁸ Idem, Ibidem.

⁸⁹ Idem, Ibidem.

⁹⁰ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista*. São Paulo: Paz e Terra, 1985. p.166.

⁹¹ DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo. 1920-1934*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.26.

“No entanto, não é bem notório que eles não seguem nem em parte esses mandamentos? Não são eles, ao contrário, muito apegados aos tesouros e gosos terrestres, não sendo limite a sua cobiça desenfreada, sempre na ancia de mais ajuntar? Olhai o vaticano com a sua imensa riqueza! E quando deveis receber um sacramento da Igreja eles vos dão de graça? Não deveis pagar o batismo, a crisma, o casamento, etc? E se quereis que um sacerdote vos acompanhe á ultima morado? E para resgatar uma alma do purgatório, não é tudo a troco do vil metal? E quando eles dão uma esmola, não é sempre ao som da trompeta?”⁹²

Refletia que as ideias religiosas sobre a criação da riqueza e da miséria eram inverdades. Na concepção libertária da militante, a Igreja com seus princípios, dogmas e ritos contribuía para a ignorância do trabalhador. Ponderava como uma forma de atitude preconceituosa da religião acreditar na criação do pobre e do rico como obras divinas: “Enquanto ao pobre, quanto maior fôr o seu sofrimento maior será o seu galardão no céu!”⁹³

Seguindo este pensamento, para Isabel Cerruti, a Igreja Católica era aliada dos capitalistas no incentivo a manutenção da miséria. Além disso, a promoção por parte da Igreja na pregação da resignação tornava os trabalhadores apáticos diante dos problemas sociais. E, por isso aconselhava aos crentes uma postura destinada à emancipação dos preconceitos disseminados pela religião, através da reflexão das suas possíveis incoerências,

“[...] crentes ingenuos, para vos emancipardes de todos os preconceitos, basta refletirdes sobre a seguinte exposição, onde fica bem patente que a existência de Deus é uma fantasia criada para manter a sociedade da opressão e do crime.”⁹⁴

Através destas denúncias considerava uma atitude criminosa a manutenção da desigualdade social, ao qual refletia ser incentivada pela Igreja.

Isabel Cerruti no artigo “*O papa invoca a intervenção de Deus a favor da paz*” começa sua explanação em torno da ideia de mostrar que apesar do século XX ser o de desenvolvimento da ciência, infelizmente os homens ainda não acompanharam tal progresso.

Como indica na sua fala: “o homem não sofreu grande evolução”, pois ainda permite a existência de religiões e principalmente de guerras. Nas suas palavras:

⁹² CERRUTI, Isabel. “As misérias desta sociedade”. *A Lanterna*, São Paulo, 12 fev. 1916. p. 03.

⁹³ Idem, *Ibidem*.

⁹⁴ Idem, *Ibidem*.

“[...] O pae de todos os fieis – o papa assim se expressa – vendo improficuos os esforços por ele empregados para se concluir a paz, pede a intervenção divina por meio de orações... especialmente das crianças.”⁹⁵

Ela explica que seria mais digno de adoração e louvor, um Deus que espalhasse sobre a terra a felicidade, ao invés do sofrimento. Nas suas próprias palavras: “Serias mais digno de adoração e louvor se te mostrasses ás tuas criaturas com maneiras mais brandas. Espargindo sobre a terra o bem e a felicidade, em vez da dôr e da miseria. A continuar assim, procuraremos nós o nosso bem estar, banindo-te para junto dos deuses pagãos. E reinará, então, a paz, a alegria e a felicidade sobre a terra.”⁹⁶ Isabel Cerruti apresenta um discurso irreligioso, no qual a existência de Deus poderia implicar na anulação da liberdade do homem e até causar sofrimentos.

Em outra ocasião, já em 1917, Cerruti manifestou sérias críticas ao bispo de Campinas. Pois dizia que o Bispo fazia muito mal em “se ocupar dos operários”, já que realizou sermões de críticas ao operariado. Ressaltou que os sermões do bispo não convenciam mais ninguém e que os próprios operários católicos desprezando os preceitos da religião e da crença em Deus reuniram-se aos grevistas, com a intenção de apresentar para o governo e seus patrões um programa próprio de melhorias para o operariado.⁹⁷

Realmente a aderência ao movimento grevista foi ampla, inclusive destes operários católicos que não seguiram os preceitos da Igreja, diante da recomendação para a não participação na greve. A militante explicou que apesar da Igreja recomendar aos operários católicos a não participação no movimento, contrariaram os preceitos da religião ao integrarem a greve. Ela entendia ser necessário sanear todos os preconceitos religiosos manifestados pelos homens que os impediam de lutar pela causa operária.

Isabel Cerruti obviamente em razão da sua postura anticlerical não apoiava à expansão das Igrejas Católicas, principalmente financiadas pelo Estado. Sabemos que após a Proclamação da República foi promulgada a primeira Constituição

⁹⁵ CERRUTI, Isabel. “O papa invoca a intervenção de Deus a favor da paz”. *A Lanterna*. 28 out. 1916, p.03.

⁹⁶ Idem, *Ibidem*.

⁹⁷ RUTI, Isa. “D. João Nery e os operários”. *A Plebe*, São Paulo, 18 agost. 1917. p.02.

brasileira em 1891, a qual estabelecia como instituições separadas Estado e Igreja, assim passou a não existir mais uma religião oficial no Brasil.

Diante do exposto, em outubro de 1919, ela manifestava sua oposição a uma proposta do Estado brasileiro de destinar recursos públicos para a construção de uma Igreja. Nas suas próprias palavras:

“É uma ousadia pretender-se arrancar ao erário publico a fabulosa somma de dois mil contos de réis para a construcção de uma igreja, nesta hora solenne da historia, em que os povos das cinco partes do mundo já cerram os punhos dispostos-a fazer valer a sua soberania. Isto até parece um desafio!”⁹⁸

Indignada diante da possibilidade da concretização da construção desta Igreja, pois acreditava que a população pobre da cidade tivesse necessidades de outros tipos para a destinação de investimentos públicos. Ela explicava da seguinte maneira,

“consentirás, acaso, que se consumme essa pouca-vergonha, quando os humildes lixeiros, tendo em conta a tua saúde, retomaram o trabalho aceitando a insignificante migalha que a muito custo lhes atiraram? O que é mais util, a construcção de uma igreja ou a reparação das ruas? Não querem festejar o centenário da independencia com aquelle trambolho por acabar?”⁹⁹

Isabel Cerruti concorda com a construção da Igreja, apenas se for local de acolhimento daqueles “infelizes que por ahi dormem ao relento.”

“Pois bem: Dêm-se os dois mil contos para a sua conclusão, mas depois, ao em vez de se dar abrigo sob o seu tecto aos bonecos que bem podem estar ao sol e á chuva, dê-se o acolhimento aos infelizes que por ahi dormem ao relento.”¹⁰⁰

Por isso, sugere um levante conduzido por maçons, anticlericais e homens de consciência livre a se posicionarem contra o clericalismo:

“Misero povo deste bello torrão de gloriosas tradições, maçons, anti-clericaes, homens de consciência livre: no dia 7 de setembro de 1822, na collina do Ypiranga, os nossos antepassados gritaram contra as hostes dominadoras: independencia ou morte! Agora, no dia 7 de setembro de 1922, si quizermos prestar-lhes justa

⁹⁸ RUTI, Isa. “Que ousadia”. *A Plebe*, São Paulo, 07 out. 1919. p.01.

⁹⁹ Idem, *Ibidem*.

¹⁰⁰ Idem, *Ibidem*.

homenagem, honrando a sua memoria repitamos esse grito contra as hordas clericas.”¹⁰¹

Podemos perceber a disposição de Isabel Cerruti em realmente abraçar as tarefas intelectuais ligadas ao anarquismo voltadas para as denúncias contra as incoerências do clero. As suas críticas eram voltadas não só ao clero, mas também ao poder público, omissos diante de uma cidade repleta de graves problemas, onde não existia adequada coleta de lixo e os serviços de água e de esgoto eram ineficientes. Estes problemas eram agravados nos bairros pobres, onde o operariado vivia em habitações coletivas precárias.

Apesar de Cerruti não possuir fé na religião, algumas vezes a sua confiança na causa política poderia ser comparada a um ato de fé a favor do anarquismo como o escolhido para salvar a humanidade. Nos seus escritos tinha a convicção na resolução dos problemas sociais, através do advento de uma civilização libertária. E isto, seria possível, através do trabalho exaustivo de divulgação de propaganda do anarquismo. Em algumas ocasiões sua propaganda manifestou uma fé no anarquismo parecida com a religiosa, pois utilizou até mesmo expressões como “evangelizar” politicamente os indivíduos. Parecia agir como uma missionária político-religiosa, tamanho era sua devoção e engajamento em relação a causa operária. Podemos perceber isto neste seu discurso de cunho político religioso:

“E assim, evangelizamos, pregando por todos os lados, propagando a toda a hora, em qualquer parte ou meio em que nos encontrassemos: Entre indivíduos de todas as idades; quando iamos em visita, entre amigos, entre parentes, entre desconhecidos mesmo, com quem nunca fallamos de questões sociaes; com todos nos arrebatavamos na precipitação de doutrinar, de instruir, de propagar e de realizar...”¹⁰²

A dedicação como militante a fazia parecer com uma “guia missionária” que possuía como missão agir na orientação da massa popular. Nos trabalhos de propaganda recomendava as famílias libertárias o engajamento político no seu cotidiano. Ela expressava da seguinte maneira o seu “anarquismo religioso”:

¹⁰¹ Idem, *Ibidem*.

¹⁰² CERRUTI, Isabel. “Sou anarquista”. *A Plebe*, São Paulo, 14 mai. 1927. p.01.

“A natureza nos fez todos iguaes; todos temos o mesmo direito á vida! Não pedimos para vir ao mundo, mas já que aqui estamos, temos o direito de viver! Ensine essa máxima ás vossas esposas; ensinae-a aos vossos filhos! Fazei della a oração quotidiana para ser recitada ao deitar-se e ao levantar-se. E nem só de pão vive o homem! Pão e amor, para todos. Para todos a vida integra na natureza! Para todos os direitos ao desfrute maximo das riquezas naturaes e humanas! Pão e amor para todos! São as finalidades soberbas do ideal anarchista!”¹⁰³

O tipo de comprometimento proposto às famílias seria o de “rezar” os “mandamentos” libertários em seu cotidiano.

Como vimos, os anarquistas empenhados na política faziam oposição ao catolicismo, mas isto não quer dizer que rejeitavam todas as religiões, pois muitos indivíduos anticlericais, tinham simpatia pela Teosofia. Basicamente era uma “religião” que tinha como fundamento a busca pela Verdade, presente na natureza e no homem. Ela incluiu conceitos de várias religiões, mas pode ser melhor denominada como esotérica.

No ano de 1934, apesar de não ser adepta a nenhuma religião, Cerruti confessava estar interessada em estudar as afirmações espiritualistas da sociedade teosófica¹⁰⁴. O lema da religião: *Não há religião superior a verdade*¹⁰⁵, chamou a sua atenção por agregar um discurso de caráter científico religioso. Portanto seu interesse estava na investigação do que existia de verídico em tal religião, conforme nos revela: “A respeito do sentimento religioso conservo as minhas reservas, ocupada como estou a estudar o que pôde haver de verídico nas afirmações espiritualistas”.¹⁰⁶

Diante deste dístico questiona sobre qual seria a religião ou doutrina política que estaria com a verdade? Assim declara: “Em religião, com os teòsofos, com os espiritualistas? E nas doutrinas que pretendem resolver a questão social, amparando

¹⁰³ CERRUTI, Isabel. “O direito a vida”. *A Plebe*, São Paulo, 25 jun.1927. p.01.

¹⁰⁴ Seu objetivo foi “[...] a investigação científica dos fenômenos chamados espíritas, depois do que foram expostos seus três principais objetivos: 1º) A Fraternidade humana, sem distinção de raça, cor, religião ou condição social; 2º) O estudo sério das antigas religiões para fins de comparação e de seleção de uma moral universal e 3º) O estudo e desenvolvimento dos poderes divinos latentes no homem.” (BLAVATSKY, Helena Petrovna. *Glossário Teosófico*. São Paulo: Editora Groud, 2004. p. 645.)

¹⁰⁵ O lema revela a não-devoção a dogmas e crenças, mas sim ao estudo em uma crença fundamentada na experiência pessoal.

¹⁰⁶ RUTI, Isa. “Não há religião superior a verdade”. *A Plebe*, São Paulo, 23 jun.1934. p.02.

as classes trabalhadoras, com quem estará a verdade? Com os socialistas, com os comunistas, ou com os anarquistas?” E rememora certa ocasião que fez amizade com um membro de uma sociedade teosófica e o instruiu a estudar sobre,

“[...] teorias avançadas, que prometem transformar a sociedade humana para melhorar as condições dos indivíduos. Ofereci-me para proporcionar-lhe o material adequado [...] que nos afirmam ser possível uma existência mais feliz entre os homens, pondo-se à disposição de cada membro da coletividade os meios de se trabalhar livremente e poder cada um prover-se do que lhe fôr necessário à vida, de acordo com as suas necessidades, que podem ir até ao mais requintado gosto artístico, uma vez que na vida há todos os elementos necessários para torna-la bela e confortável a todos os seres.”¹⁰⁷

Quando encontrou com o amigo novamente, soube que havia se tornado adepto ao anarquismo e estava mais “satisfeito com a sua consciência”, pois “[...] os casos dolorosos de miséria que à miúdo se deparam à nossa vista e que antes acreditara serem irremediáveis, encarando-os nos limites das doutrinas espiritualistas.”¹⁰⁸

Percebemos o interesse de Cerruti em estudar e discutir as diversas religiões para pensar como, muitas vezes poderiam contribuir para o acirramento dos problemas sociais, como o da desigualdade econômica, além da disseminação de preconceitos.

Isabel ganhou de uma outra amiga teósofa e anarquista, chamada Noedul um trabalho intitulado: *Alocucion en la apertura del Congreso de Barcelona — Rama ‘Hesperia’ — Sociedade Teosofica Espanola*. Noedul ao presentear com este trabalho, na verdade, também questionava Isabel Cerruti sobre suas posições religiosas. Em dezembro de 1934, Cerruti explicou que não era uma estudiosa das ciências ocultas, por isso não poderia tecer considerações sobre teosofia. E responde a sua amiga que não poderia fazer “[...] uma afirmação para saber qual de nós estará com o erro ou com a verdade: Se eu, dentro do meu sonho libertário, ou se a gentil amiguinha, leitora assídua da “*A Plebe*”.”¹⁰⁹

¹⁰⁷ Idem, *Ibidem*.

¹⁰⁸ Idem, *Ibidem*.

¹⁰⁹ CERRUTI, Isabel. “Carta aberta”. *A Plebe*, São Paulo, 08 dez. 1934, p.02.

Apesar de considerar que ninguém estaria com a verdade sobre essas afirmações de cunho religioso, Isabel Cerruti procura se posicionar explicando as ideias de Malatesta¹¹⁰ sobre este assunto:

“Certa vez, esse nosso companheiro, interrogado sobre o que êle pensava do mistério do homem e do que pôde haver além tumulto, respondeu: Acho que o mais urgente é cuidarmos do problema do pão para todos, afim de que, bem alimentados, sadios e instruídos, todos possam se entregar ás especulações científicas, em todas as suas possibilidades, sem o risco das mistificações e dos charlatanismos visando os baixos interesses humanos.”¹¹¹

Então de acordo com as ideias de Malatesta, explicava que não era sua intenção afirmar que os teosofistas não fossem sinceros e bem intencionados, contudo, essa sinceridade seria resultado de admiração se fosse mais eficiente, atuando no sentido de levar a humanidade por caminho mais vantajoso para a “economia social”.

Neste sentido Isabel comparou esta religião com o catolicismo, ao criticar em ambas a falta de comprometimento com os problemas sociais, principalmente relacionados à miséria no mundo operário.

2.2 Um olhar feminino sobre a greve geral de 1917

Nesta época, Isabel Cerruti estava com trinta e poucos anos e foi um momento importante de sua vida, com ideias em torno do anarquismo mais amadurecidas passou a escrever de maneira frequente para o periódico *A Plebe*. Ao lado de Edgar Leuenroth e de outros militantes com ideias próximas do anarcossindicalismo. Viam no engajamento dos trabalhadores dentro dos sindicatos um caminho eficaz de organização e a greve a principal estratégia revolucionária de ação do operariado.

Isabel Cerruti juntamente com o grupo do jornal *A Plebe* militaram em torno dos acontecimentos da greve geral. Marco histórico da luta operária de enfrentamento direto contra o capital, a greve teve início contando com um importante grupo de reivindicação feminina proveniente do setor têxtil, segundo Luigi Biondi:

¹¹⁰ Idem, Ibidem.

¹¹¹ Idem, Ibidem.

“Na noite de 2 de junho de 1917, a União dos Operários em Fábricas de Tecidos convocou os trabalhadores do setor para uma assembleia na sede da entidade. [...] Nos dias subsequentes, as reivindicações de aumento preencheram a pauta de várias reuniões. Assim começou a greve geral paulistana de 1917, envolvendo homens, obviamente, porém em muito maior quantidade, mulheres e crianças.”¹¹²

A greve geral de 1917, resultou de uma insatisfação generalizada do operariado, decorrente das condições de trabalho precárias, e remunerações extremamente desfavoráveis. Ainda nas palavras de Luigi Biondi, “[...] cerca de 400 operários e operárias da seção têxtil do Cotonifício Crespi entraram em greve, depois que a diretoria da fábrica tinha se recusado a conceder um aumento de salário entre 15% e 20% e a abolir uma carga horária de trabalho noturno maior.[...]”¹¹³

Diante das reivindicações do operariado um fato marcante ocorrido no Brás durante a greve que exemplificou o ápice da violência destinada ao operariado pelas autoridades policiais foi a morte de um jovem sapateiro, conforme explica Lopreato:

“São Paulo, 10 de julho de 1917. Os jornais paulistanos divulgam o falecimento de José Iniguez Martinez. O sapateiro espanhol, de 21 anos, não resistiu aos ferimentos causados por uma bala disparada durante o confronto entre policiais e trabalhadores em greve, ocorrido no dia anterior, no bairro do Brás, em frente da fábrica de tecidos Mariângela. A notícia da morte da primeira vítima do movimento grevista, iniciado pelos tecelões do Cotonifício Crespi, se espalha rapidamente pela cidade como a chama de um rastilho.”¹¹⁴

A repressão policial sobre o movimento operário causou preocupação em Cerruti, pois a polícia estava atacando “anarquistas”¹¹⁵ através de perseguições, prisões e do fechamento de sindicatos. Diante desta situação os próprios grevistas divulgaram um manifesto aos soldados assinado por um grupo de mulheres. Sobre

¹¹² BIONDI, Luigi. “Na construção de uma biografia anarquista: os últimos anos de Gigi Damiani no Brasil”. In: Rafael Borges Deminicis e Daniel Aarão Reis Filho (orgs.) *História do anarquismo no Brasil*, vol. 1. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.172.

¹¹³ _____. *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas-São Paulo: Editora da Unicamp, 2011. p.315.

¹¹⁴ LOPREATO, Christina. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000. p. 29.

¹¹⁵ Segundo Luigi Biondi. “[...] ainda que ofuscados por uma presença mais intensa dos anarquistas, também os socialistas italianos foram ativos e, sobretudo, fundamentais para que o movimento de reorganização das ligas sindicais tomasse rumos um pouco diferentes dos pregados pelos propagandistas de tendência anarquista-sindicalista.” (BIONDI, Luigi. *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas-São Paulo: Editora da Unicamp, 2011. p. 323.)

essa situação Lopreato explica que: “[...] o grupo de mulheres grevistas que assinou o documento pediu aos soldados para se recusarem a agir como carrascos.”¹¹⁶

Em um de seus primeiros artigos escritos para *A Plebe*, em 1917, Isabel Cerruti via como arbitrárias as prisões dos operários e o fechamento de suas associações, pois isto impedia as discussões em torno da causa operária. Por isso fez uma denúncia sobre a repressão policial ao movimento: “[...] aqueles que entendem ser os senhores do mundo tentaram sufocar o movimento de justiça em que se lançaram os operários.”¹¹⁷ No contexto de 1917, Cerruti indica a existência de protestos sendo reprimidos mundialmente, como nos explica: “[...] Esse procedimento não constitui, aliás, uma novidade razão pela qual não nos surpreendeu, pois que se verifica em toda a parte para os famintos que ousarem pedir pão existem as balas!”¹¹⁸

Mas Isabel Cerruti não pregava pelo fim das tarefas policiais, pelo contrário, pois defendia que os policiais deveriam participar alinhados aos operários na luta por direitos sociais voltados ao trabalhador. Neste sentido, Isabel ponderava que a polícia procurava garantir o trabalho dos industriais, mas impedia a conquista dos direitos do operariado. Nas suas próprias palavras:

“[...] a polícia afirma garantir o trabalho, de facto nada garante ao operário, que, por isso, às vezes, perde a calma. [...] E ainda pretende o severo paladino do direito alheio e do direito de propriedade que os trabalhadores procedam com calma, de acordo com os meios legais, estando fartamente sabido que dessa forma não conseguirão dar um passo no sentido de romper o círculo que os opprime.”¹¹⁹

Para ela, a verdadeira motivação do operariado em realizar os movimentos grevistas era a fome: “a grande anarchica e revolucionaria”, disseminada pelo mundo. Apontava que tanto o operário quanto o soldado sofriam com as consequências da má organização social, da seguinte maneira:

¹¹⁶ LOPREATO, Christina. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000. p. 39.

¹¹⁷ CERRUTI, Isabel. “A proposito da attitude do grande organ”. *A Plebe*, São Paulo, 04 agost. 1917. pg.02.

¹¹⁸ CERRUTI, Isabel. “A proposito da attitude do grande organ”. *A Plebe*, São Paulo, 04 agost. 1917. p.02.

¹¹⁹ Idem, *Ibidem*.

“O que é de lamentar e não deixa de me despertar o sentimento de piedade, é a situação humilhante do soldado victima desta madraستا sociedade... [...] O soldado é do povo e com o povo soffre as consequencias da má organização social. Vemol-o no cumprimento de suas tristes attribuições, obediente e submisso. [...]”¹²⁰

Interessante notar a postura crítica de Cerruti, mas ao mesmo tempo sensível diante da percepção em não apontar as autoridades policiais como algozes, pois compreendia que também viviam em precárias condições de vida. Compreendia que o soldado cumpria ordens e não tinha autonomia para desacatar seus superiores, então defendia que as autoridades policiais não tinham culpa, pois eram “os cães de guarda do Estado.” Em razão disto acreditava que a condição das autoridades policiais era pior que a dos próprios operários, pois os via numa condição humilhante de submissão ao Estado. Em razão desta condição enfrentada pela polícia incentivava a educação das autoridades policiais para que pudessem ajudar na emancipação social.

Via a necessidade de intensificar a propaganda anarquista “entre os que vestem farda”, com o intuito de formar uma “consciência livre no soldado”. Esta seria uma maneira de colaborar para a construção de uma sociedade libertária.

Mas como o soldado não possuía este tipo de consciência livre, então aumentou a repressão nas organizações operárias e em setembro de 1917, Cerruti manifestou seu descontentamento diante da situação: “Proibido de se reunir; proibido de falar: proibido de participar de actos de solidariedade entre companheiros”.¹²¹ Mas refletia que mesmo a repressão policial mais severa não seria capaz de impedir a luta operária em São Paulo, nas suas palavras: “Só servirá para fomentar mais e mais o ódio do fraco contra o forte.”¹²²

Diante desta mobilização operária, Isabel Cerruti foi uma resistência feminina importante no meio anarquista, pois por iniciativa própria começou uma campanha para arrecadar dinheiro, como forma de garantir uma mesada fixa as famílias dos operários grevistas. Vejamos o pedido de Cerruti: “Sim, solidariedade para com as esposas, filhos, mães e irmãos das victimas da tyrannia que nos oprime... [...] Resolvi escrever estas linhas; eu que sou mulher, dona de casa sei quanta agrura

¹²⁰ Idem, *Ibidem*.

¹²¹ RUTI, Isa. “Ligeiros confrontos”. *A Plebe*, São Paulo, 30 set. 1917. p.03.

¹²² Idem, *Ibidem*.

há na vida dum lar, quando falta o concurso do extremoso chefe.”¹²³ Ressaltava que os operários deveriam ser exemplos de solidariedade. E por isso assumiu o compromisso de contribuir com cinco mil réis por mês.

Este tipo, de ação de Cerruti a de lançar campanhas para a arrecadação de dinheiro era própria de uma possível prática de militância feminina. Portanto a atuação própria de militante feminina na greve geral de 1917 não passava por fazer manifestação na porta das fábricas, mas sim lançar seu olhar sobre os acontecimentos e denunciar as injustiças relacionadas ao universo dos operários em jornais, assembleias e palestras. Além disto, Isabel fazia parte de grupos femininos que atuavam junto ao operariado pela defesa por melhores condições de vida e de trabalho.

Uma importante organização da cidade de São Paulo criada na década de 1910 e atuou na greve geral de 1917 foi o Centro Feminino Jovens Idealistas. Isabel Cerruti atuava neste Centro de militância feminina, juntamente com Emma Menocchi, Maria Antônia Soares e Rosa Musitano. A construção intelectual deste Centro Feminino reuniu principalmente mulheres anarquistas, mas era aberto a receber indivíduos também de outras orientações políticas. Na verdade tinha como regra principal a defesa de princípios ligados a ideias modernas, necessárias para regenerar e educar a Humanidade, embora o Centro estivesse ligado a uma maior participação de anarquistas.

A orientação desta organização estava pautada na discussão e defesa de questões relacionadas à emancipação feminina, o que não excluía as questões relacionadas ao universo da massa trabalhadora (homens e mulheres). Vejamos abaixo os princípios que o Centro propôs:

“1º - Reunir em seu seio o maior número possível de pessoas do sexo feminino; 2º - Manter nas mais estreitas e amistosas relações com todas as pessoas que tenham aspirações de liberdade e com as instituições cujos fins tendam à emancipação da Humanidade; 3º - Trabalhar no sentido de instituir e educar as mulheres para assim elevar-lhes o caráter e torná-las apta a conquistar a sua emancipação; Para este fim empregará os seguintes meios: a)- Criar escolas gratuitas para as jovens e meninas que desejem instruir-se; b)- Fundar bibliotecas, editar publicações de propaganda de educação e regeneração social; c)- Organizar conferências, festivais

¹²³ RUTI, Isa. “Irmãos, solidariedade!”. *A plebe*, São Paulo, 21 de out.1917. p.03.

instrutivos e recreativos, etc.; 4º - Combater todos os males sociais assim como as causas que as originam, e aderir a todas as iniciativas que tiverem esse fim.”¹²⁴

A sua obra de engajamento político e social não se limitou apenas ao universo feminino, mas também, como temos visto, lutou pela defesa dos direitos do operariado (homens e mulheres). Participando dos esforços despendidos atuando na greve geral de 1917 e em diversos outros movimentos, Isabel Cerruti vivenciou na prática seus projetos ideológicos. Segundo Luigi Biondi¹²⁵, durante a greve “[...] Emma Mennocchi, integrante do Centro Feminino de Jovens Idealistas, tem participação ativa: grita contra os tiras que espancam as mulheres e as detêm”.

Diante destas arbitrariedades promovidas pela polícia durante a greve geral de 1917, o *Centro Feminino Jovens Idealistas* publicou um manifesto no periódico *A Plebe* em tom de protesto contra a violência policial que,

“[...] em sua sanha bestial desconhece até o respeito devido ao pudor natural de mulheres honradas a quem a polícia insultou, penetrando altas horas da noite em seus aposentos e arrancando-lhes a roupa com que se cobriam. [...] A ação da polícia, praticando essas monstruosidades, foi tão covarde, tão infame, tão suja que não achamos palavras capazes de exprimir nossa indignação. [...]”¹²⁶

Neste mesmo contexto, ocorria à expulsão dos anarquistas do país, fato que gerou manifestações do *Centro F. Jovens Idealistas*, segundo Christina Lopreato:

“A militância feminina, mais uma vez, marcou sua presença, demonstrando a importância do papel das mulheres na luta contra as injustiças. Através do Centro Feminino “Jovens Idealistas”, as militantes libertárias lançaram um “Manifesto ao trabalhador”, em 21 de setembro de 1917, no qual fizeram um caloroso apelo aos trabalhadores de São Paulo a fim de que eles permanecessem unidos.”¹²⁷

¹²⁴ “Bases de Acordo do Centro Feminino Jovens Idealistas”. In: OLIVEIRA, Antoniette. “Despontar, (Des) fazer-se, (Re) viver... a (des) continuidade das organizações anarquistas na Primeira República”. Dissertação de Mestrado. UFU, Minas Gerais, 2001. p.153.

¹²⁵ BIONDI, Luigi. Na construção de uma biografia anarquista: os anos de Gigi Damiani no Brasil. In: DEMINICIS, Rafael Borges; FILHO, Daniel Aarão Reis (org.). História do anarquismo no Brasil. Niterói: Ed. UFF/ Rio de Janeiro. Ed. Mauad, 2006. Volume 1. p.172.

¹²⁶ “Manifesto do Centro Feminino Jovens Idealistas ao povo trabalhador de S. Paulo.” *A Plebe*, São Paulo, 22 set.1917. p.2.

¹²⁷ LOPREATO, Christina. O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917. São Paulo: Annablume, 2000. p.169.

Além das denúncias, publicadas nos jornais de vertente anarquista, as ativistas deste Centro também promoveram campanhas para angariar donativos a operários presos, perseguidos ou desempregados. Chegaram a fazer uma campanha nos jornais contra o serviço militar obrigatório por considera-lo prejudicial à vida moral e econômica do povo. Além disso, o Centro disseminou atividades culturais no meio operário, através da organização de festivais com encenação de várias peças de teatro, organizadas principalmente pelas libertárias. E promoveu datas comemorativas, como no ano de 1920, quando organizou um festival com o objetivo de comemorar o 1º de maio.¹²⁸ Especificamente na área da instrução feminina chegou a criar duas escolas totalmente gratuitas para as operárias, com a proposta de instrução desprovida de falsos tradicionalismos e preconceitos sociais.

Além da imprensa de esquerda, logicamente aquela vista pelos anarquistas como conservadora e destinada à elite paulistana também noticiou os acontecimentos em torno da greve geral. Uma destas notícias publicadas pelo *Jornal Estado* chamou a atenção de Isabel. Em agosto de 1917, já no final da greve, Isabel fez críticas ao posicionamento parcial do jornal *Estado*, em razão da sua “oposição” aos interesses do operariado. Ela explica a posição do jornal que em um primeiro momento parecia entender e justificar o movimento, mas por fim defendia o direito dos patrões. Vejamos o que foi escrito pelo jornal, segundo Cerruti:

“Que é preciso reconhecer que ás auctoridades são necessarias, e ainda o serão provavelmente por muito tempo, e que a polícia sendo talvez um mal, será um mal necessario, enquanto houver individuos que pretendam fazer valer a sua vontade á força, contra a vontade e o direito alheio...”¹²⁹

Isabel alega que o verdadeiro direito é o do trabalhador, e explica: “O verdadeiro direito, senhores, está em primeiro, com o trabalhador; para justificar, pois, a vossa asserção a respeito da necessidade da polícia para garantir direitos, devia ella collocar-se ao lado das causas justas.”¹³⁰

Por diversas vezes Isabel ficou descontente com notícias de jornais da imprensa de “elite”, a qual denominava como mercenária, pois compreendia a defesa parcial e intencional apenas dos capitalistas nas suas páginas.

¹²⁸ “Grande Festival”. *A Obra*, São Paulo, 13 maio 1920.

¹²⁹ CERRUTI, Isabel. “A proposito da atitude do grande orgam”. *A Plebe*, São Paulo, 04 agost.1917. p.02.

¹³⁰ Idem, Ibidem.

Durante a greve geral, muitas mulheres, assim como Cerruti tiveram o papel ativo na participação da grande mobilização. Cerruti arrecadou dinheiro às famílias dos operários grevistas, denunciou a violência policial contra o movimento e ainda criticou a imprensa contrária a greve.

O interessante notar é a importância destas participações femininas para a própria manutenção do movimento grevista e, por isso o quanto foi necessário o engajamento destas mulheres.

2.3 A luta pela emancipação feminina

No começo do século XX as libertárias trataram questões que diziam respeito à emancipação moral, sexual, política, econômica e intelectual do universo feminino. A libertação feminina através do anarquismo seria possível através da relação de equiparidade entre homem e mulher, com a finalidade da construção de uma sociedade baseada na justiça social. Mulheres protagonistas em ações políticas de militância, dentro dos jornais, de associações, dos teatros e em ateneus libertários, locais de convivência utilizados para denunciar formas de opressão, preconceito e exploração contra as mulheres.

As libertárias que procuravam pensar sobre a nova posição da mulher na sociedade eram Isabel Cerruti, Maria L. de Moura, Noedul, Maria A. Soares, Sonia Martins, entre outras, redatoras principalmente nas páginas da imprensa libertária. Vale destacar que existiam homens, principalmente entre os libertários, que também pensavam e defendiam questões acerca da emancipação feminina.

As anarquistas, tal como Isabel Cerruti concentravam seus esforços em acabar com a tutela política e a exploração econômica exercida entre todo gênero humano, a “exploração do homem sobre o homem”. Desta forma a libertação completa da mulher seria apenas possível através do esforço voltado a defesa por direitos sociais femininos mais amplos, alcançados apenas através do fim da exploração econômica imposta não só as mulheres, mas a toda humanidade. A luta contra a sociedade de classes deveria estar atrelada a um trabalho de educação política e na luta a favor da mobilização contra as injustiças sociais no mundo do trabalho, além da oposição a um único modelo de mulher.

Em 17 de outubro de 1922, Cerruti fundou o Centro Feminino de Educação, localizado à rua Brigadeiro Machado, 57, no Brás. A criação deste Centro contou com a colaboração de um grupo de companheiras, principalmente anarquistas. Segundo a polícia política o Centro era formado por “Angelina Soares, as irmãs Alles e Victoria Guerrero”, grevistas da fábrica “Santa Branca”, além de Olga Tornasini, colaboradora de jornais libertários.¹³¹ Maria Antônia Soares também era outra militante anarquista que compunha o grupo. Estas anarquistas buscavam desenvolver um trabalho voltado para a educação e a emancipação das mulheres brasileiras. Para estas reuniões eram convidados o público em geral, mas especialmente as mulheres, conforme anúncio publicado no jornal *O Combate*¹³². Tanto este Centro Feminino quanto o *Centro Feminino Jovens idealistas*, além da promoção da educação política, através da organização de reuniões, conferências e festivais para disseminação do conhecimento, também ofereciam cursos primários de alfabetização voltados para as operárias.

Isabel ainda mobilizou ações importantes em torno da questão da educação profissional feminina. Criou uma Legião em prol da mulher cega, destinada a promoção da profissionalização deste grupo com características específicas, mais adiante explicaremos melhor essa questão, ao abordarmos especificamente as questões em torno da *Associação Promotora de instrução e trabalho para cegos*. Será que as ações de Cerruti a favor da organização de espaços próprios femininos a levaram a pensar sobre a possibilidade de iniciar um movimento com características próprias de revolução feminina?

Em relação à defesa da emancipação da mulher, Cerruti proferiu discurso diante de um público composto por anarquistas e simpatizantes, durante a inauguração do Centro Feminino de Educação. No qual definiu a emancipação da mulher segundo a sua própria perspectiva anarquista:

“A emancipação da mulher não está na igualdade desta perante o homem, nas prerrogativas políticas, de mando e de trabalho, mas sim na emancipação da Humanidade da tutela política e na igualdade econômica e social de todo gênero humano. A mulher não é escrava do homem (salvo em casos anormais), mas sim escrava juntamente com o homem de mil preconceitos, e vítima, como ele, da exploração

¹³¹ Prontuário nº 195 (Isa Ruti ou Issa Ruti). Fundo DEOPS. APESP, São Paulo, SP.

¹³² “Centro Feminino de Educação”. *O Combate*, São Paulo, 17 out. 1922.

exercida pelos potentados de ambos os sexos, tanto sobre o homem como sobre a mulher. Igualá-la aos homens é ficar onde estamos. Nós devemos é lutar ao seu lado e junto aos homens para que a emancipação seja um fato, não para a mulher, ou para o homem, mas para todas as pessoas (inclusive crianças e adolescentes), para a Humanidade, porque os dois sexos se integram e se completam.”

133

Isabel se movimenta entre dois campos distintos, o primeiro relativo à mobilização teórica e genérica acerca da emancipação de toda a humanidade; o segundo no campo prático e específico, através da luta em torno da emancipação pelos direitos femininos. É possível perceber certa flexibilização no seu pensamento em relação às reivindicações próprias femininas, em razão de compreender ser a condição da mulher nas relações pessoais e de trabalho como mais vulneráveis em comparação as mesmas condições vivenciadas pelos homens.

A pesquisa de Glaucia Fraccaro analisou as condições de trabalho desiguais enfrentadas pelas mulheres e a respectiva busca por igualdade de direitos e de condições nas primeiras décadas do século XX. Abaixo a explicação da estudiosa Fraccaro sobre as condições femininas desiguais no universo do trabalho:

“A segmentação por sexo no mercado de trabalho brasileiro, nas primeiras décadas do século XX, pode ficar bem clara por meio dos indicadores apresentados: mulheres rurais e urbanas exercem atividade remunerada de modo a manter em dia suas tarefas domésticas de limpeza e de cuidados, com rendimentos mais baixos. Os postos mais qualificados, que requeriam maior instrução, são ocupados por homens, ainda que se verifique uma absorção crescente delas tanto na educação, quanto na força de trabalho em geral. O trabalho doméstico remunerado é função exercida essencialmente por mulheres e a contagem dos postos desse setor depende da declaração delas e da intenção de se reconhecer a atividade econômica principal das mulheres, podendo atingir marcas maiores do que aquelas apresentadas pelos censos oficiais.”¹³⁴

Cerruti acreditava ser possível a melhoria das condições de trabalho da operária apenas através da mobilização voltada à educação política libertária. A mulher através da conquista de um “pensamento emancipado” seria capaz de compreender a causa da sua própria “escravidão social” dentro do sistema capitalista. Nas suas próprias palavras:

¹³³ CORREIA, Francisco. “Mulheres libertárias: um roteiro”, In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.55-56.

¹³⁴ FRACCARO, Glaucia. “Os direitos das mulheres – organização social e legislação trabalhista no entreguerras brasileiro (1917-1937)”. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 2016. p.27.

“Antes de tudo, e isso é o essencial, ela deve fazer uso do seu raciocínio para se despedir dos vãos temores, dos tolos preconceitos e dos ridículos escrúpulos que lhe incutiu a falsa moral de Deus e da Pátria, para assim, obter o seu pensamento emancipado. Uma vez com o pensamento emancipado a mulher há de estudar, ha de investigar a causa da sua escravidão social e ha de, sem grande esforço, compreender que essa causa tem sua razão de ser nas cadeias do capitalismo que a prende ao homem constringendo-a a mover-se com ele num circulo vicioso, num ambiente saturado de dôr e imoralidade.”¹³⁵

A manutenção do sistema capitalista escravizava as mulheres, e impedia a conquista de direitos sociais. Isabel Cerruti ainda identificou como falsa a moral da religião em contribuir com “tolos preconceitos”. O trabalho *Minha História das mulheres*¹³⁶ de Michelle Perrot, mostrou a maneira pela qual, as religiões monoteístas impuseram uma diferenciação entre os sexos, e como isto contribuiu para incentivar a superioridade do homem em relação à mulher. Notava na religião católica a exclusão das mulheres do exercício do culto, o que fortalecia a própria visão de superioridade perpetuada ao homem.

Em novembro de 1920, Isabel Cerruti, leitora assídua da *Revista Feminina*¹³⁷ criticou uma publicação desta empresa que fazia referência as “teorias libertárias”. Segundo Cerruti, o anarquismo era visto pela revista como contrário à honra e a moral nos lares. Ela se contrapõe a esta visão ao argumentar que o anarquismo seria o detentor da verdadeira e “sã moral”. Ainda ressaltava que a revista defendia a emancipação da mulher através do direito de voto feminino, conforme suas palavras:

“Chocou-me os sentimentos, ao lêr em a circular expedida pela redação da “Revista Feminina”, de que sou assídua leitora, a referencia que faz das teorias libertarias. “Não sei em que vos apoiaes para dizer que as correntes anarquicas pretendem fazer ruir a moral nos lares.” Como mulher, protesto contra essa aberração de raciocinio. E como anarquista, o dever me impõe, não posso deixar passar em silencio essa alusão tão injusta á um das mais nobres e galhardas aspirações do ideal que prefesso, que é justamente aquela que quer garantir, com bases seguras, a moral nos lares”. A “Revista Feminina” em seu programa, propõe-se a propugnar pela emancipação da mulher conseguindo para ela o direito de empenhar-se em lutas eleitoraes. E só. A isso chamam pomposamente

¹³⁵ CERRUTI, Izabel. “A moral nos lares”. *A Plebe*, São Paulo, 20 nov. 1920. p.03.

¹³⁶ PERROT, Michelle. *Minha História das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

¹³⁷ A Revista Feminina (1914/1936) tinha como temáticas, questões do universo feminino. Composta por feministas liberais defendia a emancipação das mulheres dentro do universo católico.

emancipação feminina! Como se a emancipação da mulher se resumisse em tão pouco... [...] O programa anarquista é mais vasto neste terreno; é vastíssimo: quer fazer compreender á mulher, na sua inteira concepção, o papel grandioso que ela deve desempenhar, como fatora historica, para a sua inteira integralização na vida social.”¹³⁸

Cerruti fez críticas ao movimento sufragista em razão da luta reivindicatória ser limitada ao direito de voto, pois acreditava ser a opressão classista a forma mais abrangente de dominação feminina. Então compreendia que a concessão de direito político a mulher, não a livraria “[...] de ser espezinhada pelo sexo forte e prepotente, enquanto perdurar a moral social que constrange e protege a prostituição.”¹³⁹

Outra questão importante a ser abordada é seu empenho de mobilização voltado para a emancipação especificamente da mulher operária, então também esta seria uma das razões pelas quais via com certa restrição o movimento sufragista, conduzido segundo a visão de Cerruti pelas mulheres da “elite”. Observamos, no entanto, que a posição social privilegiada de Bertha Lutz não a impediu de ter preocupação pelas demandas sociais das trabalhadoras. Glauca Fraccaro aponta a luta de Bertha Lutz¹⁴⁰ pelo direito das mulheres operárias:

“[...] Bertha Lutz se viu envolvida com as demandas de trabalhadoras do serviço público e do comércio. Em cartas enviadas ao poder público em defesa desses casos particulares, a feminista afirmou que a FBPF estava ao lado da instalação da legislação do trabalho no Brasil e da batalha pela ratificação do Tratado de Versalhes, bem como defendia ‘todas as medidas que interessam à mulher operária, principalmente no seu papel de mãe’¹⁴¹.

Apesar de visões opostas entre Bertha Lutz e Isabel Cerruti sobre as diferentes escolhas de ações em relação às estratégias para a condução da emancipação feminina, parece que as duas caminharam em direção a uma luta concreta para o estabelecimento dos direitos sociais femininos, apesar de Isabel deixar claro a sua defesa apenas em torno da mulher trabalhadora, enquanto o esforço de Lutz seria voltado para beneficiar mulheres de todas as classes sociais.

¹³⁸ CERRUTI, Isabel. “A moral nos lares”. *A Plebe*, São Paulo, 20 nov. 1920. p.3.

¹³⁹ Idem, *Ibidem*.

¹⁴⁰ Bertha Lutz pertencia a uma camada abastada da sociedade, formada em biologia e foi a principal liderança pela defesa do voto feminino. Organizou em 1923 a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino que atuava em prol dos direitos civis e políticos das mulheres.

¹⁴¹ FRACCARO, Glauca. “Os direitos das mulheres – organização social e legislação trabalhista no entreguerras brasileiro (1917-1937)”. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 2016. p.66.

Luta igualmente travada por Maria Lacerda de Moura, na qual por breve período uniu forças juntamente com Bertha Lutz à favor da conquista pelo sufrágio feminino.

No ano de 1923, Isabel Cerruti narra um pedido de um camarada para realizar uma apreciação sobre as conferências de Maria Lacerda de Moura¹⁴², no que diz respeito as suas ideias sobre o feminismo. Conforme podemos observar no trecho abaixo:

“Lastimei com o camarada que me havia pedido a apreciação sobre as conferencias de D. Maria Lacerda o facto dela fazer a propaganda desse feminismo, que disfarça o maior crime, a maior infamia desta execravel e maldicta sociedade, e declarei não estar disposta a me pronunciar nem a favor nem contra as ideias de uma pessoa que se apresentava em boas promessas, mas que, no entanto, se mantinha em atitude dubia: parecendo conhecer o ideal das trabalhadoras e pregando o feminismo burguez.”¹⁴³

Isabel narrou o momento de aproximação de Maria Lacerda na luta pelo voto, ao qual chamou ser um “movimento” composto pelas “feministas burguesas”. Mas Isabel Cerruti alegou que não iria realizar a apreciação sobre este assunto, pois considerava mais prudente voltar a falar quando “[...] D. Maria se firmasse neste ou naquele terreno.” Este tipo de sufragismo, o qual Cerruti chamou de “feminismo burguês”, foi mais tarde identificado por parte da historiografia brasileira como a primeira fase do feminismo brasileiro. Vale destacar que a construção histórica do feminismo modificou o seu significado no decorrer do século XX e desta maneira abriu a possibilidade de diálogo com a luta travada pelas libertárias a favor da emancipação das mulheres. No qual historiadoras contemporâneas como Celi Pinto, Margareth Rago ou Samanta Colhado Mendes utilizam o termo anarquismo feminista ou anarcofeminismo quando procuram fazer referência a luta travada das libertárias pela emancipação feminina.

Voltando a questão do voto feminino, mais tarde, Maria Lacerda decidiu pelo seu afastamento na luta pelo sufrágio feminino e seu rompimento foi explicado pela estudiosa Miriam Moreira Leite da seguinte maneira:

“O interesse fundamental do movimento feminista de Bertha Lutz [...] concentrou-se na luta pelo voto como instrumento de progresso feminino e símbolo dos direitos de cidadania. Maria Lacerda de Moura aprovava essa iniciativa, que ultrapassava, de um lado, as

¹⁴³ SILVA, Isabel. “Ponderando”. *A Plebe*, São Paulo, 27 out.1923. p.03.

escolas domésticas e os estabelecimentos de filantropia e, de outro, queria conquistar para a mulher uma nova posição, sem o paternalismo e os termos religiosos das Associações Cristãs, da Legião da Mulher Brasileira ou da Federação das Bandeirantes do Brasil. Contudo esbarrou rapidamente com os limites políticos da instituição. [...] Apenas esporadicamente Bertha Lutz e as Ligas pelo Progresso Feminino se preocupavam com as operárias e assalariadas brasileiras.”¹⁴⁴

No ano de 1931, Cerruti realizou uma conferência no festival da União dos Operários em Fábricas de Tecidos¹⁴⁵ que tratou sobre a reforma eleitoral que restringia o direito de voto às brasileiras. Ainda discutiu sobre a organização sindical das mulheres, como por exemplo, a defesa de políticas de proteção das operárias e dos menores nas fábricas.¹⁴⁶ Percebemos cada vez mais a sua preocupação em tratar sobre temas especificamente do universo feminino. Em 1932, com os trâmites políticos acerca da concessão do sufrágio feminino ainda mais adiantados, Isabel Cerruti informou que a legislação brasileira iria mesmo conceder à mulher o direito de votar, o que seria de fato um progresso. Porém, deixava claro que as leis escritas poderiam não ter tanto valor e recordou um desastre ocorrido em uma fábrica do Ipiranga, quando uma pequena operária de apenas 13 anos sofreu um acidente brutal.

Posição parecida com a de Isabel Cerruti, foi quando em 1933, já afastada da luta pelo sufrágio feminino, Maria Lacerda de Moura resolveu explicar a situação da mulher na sociedade:

“E a mulher não percebe a cilada e se alista nas fileiras dos reacionários de todos os séculos. E vae votar, quando a representação parlamentar é circo de cavalinhos e o sufrágio universal, uma mentira. No Brasil, o voto feminino será uma calamidade maior – ao lado da calamidade das nossas instituições políticas.”¹⁴⁷

¹⁴⁴ LEITE, Miriam L. Moreira - *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984. p.37- 39.

¹⁴⁵ Vale lembrar que a União dos Operários em Fábricas de Tecidos foi muito atuante nas greves operárias, não só iniciou a greve geral de 1917, mas também em 1919 organizaram vários outros movimentos grevistas.

¹⁴⁶ CERRUTI, Isabel. “La festa delle tessili e la conferenza Cerruti”. *La Difesa*, São Paulo, 26 set. 1931. p. 4. Notamos que os socialistas consideravam Cerruti uma militante importante no movimento político, pois em algumas publicações do periódico *La Difesa*, seus redatores se preocuparam em anunciar suas conferências.

¹⁴⁷ MOURA, Maria L. “Direitos civis e políticos á mulher.” *A Plebe*, São Paulo, 25 mar. 1933. p.02.

Neste sentido, as mulheres libertárias não eram contra o voto feminino, apenas lutavam pela ampliação dos direitos das mulheres. Por isso, Isabel Cerruti e Maria Lacerda de Moura eram contra o movimento que lutava apenas pelo voto, porque o que mais desejavam era a emancipação total da mulher.

Isabel Cerruti acompanhava o trabalho de Maria Lacerda, através da leitura de seus livros e apreciação de suas conferências. E sobre suas impressões em relação às ideias de Maria Lacerda de Moura, destaca:

“A mulher parecia querer revolucionar o mundo feminino, aqui, neste paiz onde os homens resvalam pela vida com todos os característicos da preguiça, - sem uma vontade, sem um anseio, num abandono revoltante, num marasmo de consciencia, numa inercia de pensar, estagnado no fosso dos preconceitos, ou do individualismo estéril... [...]”¹⁴⁸

Compreendia ser revolucionário o idealismo de Maria Lacerda de Moura por buscar o rompimento de preconceitos e opressões sociais particularmente vividos pelas mulheres na sociedade brasileira. Maria Lacerda lutou com extremo engajamento para denunciar as formas de opressão de gênero, através dos seguintes temas: amor livre, divórcio, maternidade livre, entre várias outras discussões.

Maria Lacerda de Moura propunha a liberdade sexual da mulher, enquanto Isabel Cerruti defendia o modelo de núcleo familiar tradicional, típico do começo do século XX. Em seus discursos propagandísticos dos “princípios” que julgava fazer parte do programa anarquista idealizava o anarquismo como o protetor da família: “Salve Anarquia! Ideal sacrossanto protetor da família, do amor, da honra e da moral.”¹⁴⁹ Então o tipo de anarquismo defendido por Isabel Cerruti pressupunha a valorização de alguns princípios morais típicos das famílias tradicionais de sua época, como a exaltação da união matrimonial e a necessidade da geração de descendentes pelos casais. Vários outros anarquistas, neste período já discutiam a necessidade do amor livre com a dissolução do modelo familiar através do divórcio.

Apesar das discussões de Isabel Cerruti em defesa do modelo de família nuclear, cabe ressaltar que a mesma não teve filhos, portanto não colocou esta ideia da valorização da maternidade em prática, em um “[...] período em que a definição

¹⁴⁸ SILVA, Isabel. “Ponderando”. *A Plebe*, São Paulo, 27 out.1923. p.03.

¹⁴⁹ CERRUTI, Izabel. “A moral nos lares”. *A Plebe*, São Paulo, 20 nov. 1920, p.03. número 90, ano IV.

do feminino restringia-se, cada vez mais, as suas relações domésticas e maternais”¹⁵⁰, por isso notamos uma ruptura em relação a este padrão.

Em 1934, Isabel posicionava-se contrária ao amor livre licencioso, aquele em que os amantes evitavam o “fruto do amôr proibido”. Conforme escreveu:

“O amôr livre de acôrdo com os ideais libertários; o amôr livre que preconizamos e desejamos vêr realizado, é o amôr que predispõe á exaltação das funções geneticas e á glorificação da Vida: criando sêres humanos e favorecendo a formosura e o eclectismo nos costumes.”¹⁵¹

Exaltava que a missão da mulher seria alcançada através da maternidade: “E’ o amor que alçará a mulher na mais alta e sublime das missões – que é a missão de ser mãe.”¹⁵² Isabel aceitava essa missão pela maternidade apenas se a mulher for livre e consciente para tomar essa decisão. Então compreendia como importante a maternidade, mas não a via como obrigação. Além disso, Isabel defendia como um dos ensinamentos mais importantes que a mãe libertária deveria passar aos seus filhos seria o da doutrina anarquista, está talvez fosse uma das razões, pela qual valorizasse a maternidade, pois assim seria possível disseminar os ensinamentos libertários, através de uma pedagogia desde a infância.

Apesar do pensamento de Isabel opor-se sensivelmente ao das famílias paulistanas típicas do começo do século XX, ainda assim poderia ser influenciada no que diz respeito, a estrutura familiar. Sobre a família burguesa, Maria Ângela D’Incao nos explica,

“[...] que a família burguesa, ao reforçar no imaginário a importância do amor familiar e do cuidado com o marido e com os filhos, redefine o papel feminino e ao mesmo tempo reserva para a mulher novas e absorventes atividades no interior do espaço doméstico. Percebe-se o endosso desse papel por parte dos meios médicos, educativos e da imprensa da formulação de uma série de propostas que visavam “educar” a mulher para o seu papel de guardiã do lar e da família – a medicina, por exemplo, combatia severamente o ócio e sugeria que as mulheres se ocupassem ao máximo dos afazeres domésticos.”¹⁵³

¹⁵⁰ SOIHET, Rachel. Mulheres e Biografia. Significados para a História. Locus. *Revista de História*, Juiz de Fora, v.9, n.1, p.33-48, 2003, p. 39.

¹⁵¹ CERRUTI, Isabel. “Amôr livre”. *A Plebe*, São Paulo, 27 out. 1934. p. 3.

¹⁵² Idem, *Ibidem*.

¹⁵³ D’INCAO, Maria Ângela. “Mulher e família burguesa”, In: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 1997. p.230.

A construção deste imaginário sobre a missão da mulher era reforçado pelo discurso do Estado através do qual a mulher deveria evitar atividades remuneradas exercidas no espaço público. Durante os anos 30, nas palavras de Margareth Rago:

“Era interessante para o Estado (industrializado) construir trabalhadores disciplinados, saudáveis e bons pais de família, por isso a família assumiria um papel fundamental na educação dos filhos, de filhos brasileiros e civilizados. Nesse sentido a atenção seria voltada à mulher, pois ela é a guardiã do lar, transmissora da moral e dos bons costumes. A mulher teria o dever de preservar a família. Para os discursos autorizados “tanto a mulher das camadas altas como das camadas baixas” seria sua a “tarefa natural de criação e de educação dos filhos”.¹⁵⁴

Neste período alguns anarquistas, tal como Maria Lacerda de Moura, já defendiam que a mulher deveria ter seus filhos, apenas se fosse da sua própria vontade, portanto não admitiam como missão da mulher a maternidade. Cerruti subvertia o papel da mulher na sociedade ao defender que esta deveria ser livre para se dedicar ao trabalho fora do lar, mas que evitasse o trabalho nas fábricas, vejamos:

“O amôr, conforme os ideais libertários, é o amor que reconduzirá a mulher para o lar, donde ela não terá necessidade de sair, a não ser que o faça livre, espontânea e gostosamente para ir auxiliar o homem no trabalho, como sincera, dedicada, carinhosa e inteligente colaboradora, e não como desleal concorrente ao braço mercantilizado, disputando-lhe o direito ao miserável ganha pão, como acontece nos nossos dias”.¹⁵⁵

Ela conhecia as agruras enfrentadas pelas operárias nas fábricas, em razão disso desestimulava entre as mulheres o trabalho fabril. Por isso, compreendia que o amor livre só poderia ser alcançado pelos casais mediante a implantação do regime de igualdade econômica. A compreensão de Cerruti sobre o “amor livre” estava principalmente relacionada à defesa de uniões amorosas livres de eventuais dificuldades econômicas. Pois, acreditava que a falta de recursos econômicos entre os casais seria o grande entrave aos matrimônios de sua época. Neste sentido, seu olhar era lançado para a situação de miséria do operariado das fábricas, já que em razão dos baixos salários, muitas vezes eram impossibilitados de sustentar suas famílias. Em razão deste tipo de situação, reivindicava a construção de uma sociedade igualitária com direitos econômicos assegurados aos casais.

¹⁵⁴ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890/1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p.61.

¹⁵⁵ CERRUTI, Isabel. “Amôr livre”. *A Plebe*, São Paulo, 27 out. 1934. p.3.

Mas Cerruti refletia de modo mais crítico sobre as questões relacionadas ao amor livre, quando admitia um tipo de preconceito social enfrentado apenas pelas mulheres. Nas suas próprias palavras:

“Em se tratando do sexo masculino, ainda êle se arranja, da melhor forma possível, mas a mulher? Ai dela se ousar se pronunciar á respeito, reivindicando o direito de criar á saciedade. O resultado é aquê: A sarjeta da rua, o estigma do desprezo e a ponta do pé masculino, que a farão rolar na lama da miséria.”¹⁵⁶

Interessante a compreensão de Isabel sobre as práticas amorosas livres serem apenas permitidas aos homens da sua época, pois as mulheres eram estigmatizadas ao manifestarem comportamento semelhante. Em razão destas consequências procurava desestimular o prazer sexual livre. Então refletia que após a conquista de direitos econômicos as questões em torno do amor livre poderiam ser resolvidas de maneira mais fácil:

“Antes de sonhar em vão eu sou anarquista positiva; e por isso, deixo a questão do amor para se resolver por si, quando a humanidade puder faze-lo, livre do embargo economico que determina as dificuldades da existencia, sem a necessaria predisposição para amar.”¹⁵⁷

Em razão das suas posições em relação ao amor livre, Cerruti confessou ter recebido críticas de um cavalheiro que considerou suas ideias sobre o amor livre atrasadas, conforme destacamos:

“Disse que eu me acho atrazadissima nos conhecimentos da realidade do presente: Que o amor livre já se pratica impunemente, em todo o mundo, inclusive no Brasil, terra dos preconceitos avoengos, apesar da desigualdade economica existente entre os sêres e de toda a apreensão da mulher pelo dia de amanhã.”¹⁵⁸

Em resposta a essas críticas, Isabel declarou que não identificava a licenciosidade entre os sexos como prática do amor livre. Pois em decorrência da união impune dos casais para a prática do amor seria evitada a prole. E para ela, isto seria o maior atentado contra a lei da vida, no que diz respeito a moral e a higiene, pois acarretaria na decadência da raça humana. Vale destacar que existiam

¹⁵⁶ RUTI, Isa. “Amor livre”. A *Plebe*, São Paulo, 04 agost. 1934. p.03.

¹⁵⁷ Idem, *Ibidem*.

¹⁵⁸ CERRUTI, Isabel. “Amôr livre”. A *Plebe*, São Paulo, 27 out. 1934. p.3.

anarquistas que apontavam que o livre nascimento de filhos não seria prudente em uma sociedade tão miserável, portando defendiam o controle de natalidade.

O “companheiro” Amilcar respondeu a Isabel Cerruti em artigo intitulado *Ainda sobre o amor livre* em 1934, sobre ter uma posição diferente daquela defendida por Cerruti, pois compreendia que o problema do amor livre seria tão importante quanto o da igualdade econômica, então explicava que:

“[...] Há indivíduos, homens e mulheres, que tem o seu problema econômico perfeitamente resolvido, e, no entanto, são verdadeiros escravos dos preconceitos que dizem respeito ao amor. Muitas [...] mulheres são casadas e não amam os maridos, mas não os deixam por que é feio, dá escândalo... [...] Isto acontece também com muitos homens. Esta gente é escrava dos preconceitos. Nós, libertários que somos, temos o dever de propagar a liberdade a escravos. Dizer-lhe que cada ser tem o direito de parar onde se sentir bem e, para isto, não é preciso esperar que se faça a revolução social, total e geral.”¹⁵⁹

Portanto, Amilcar defendia a ideia de divórcio e neste caso percebemos as várias interpretações possíveis para a prática do amor livre no interior do pensamento anarquista. Dialogando com esta ideia, Maria Antônia Soares¹⁶⁰ reconhecia as ações e pensamentos individuais praticados pelos militantes anarquistas, mas estas deveriam seguir uma essência libertária, conforme este seu trecho aponta:

“Os modos de propagal-o, a fôrma de compreender e aplicar as pequenas particularidades que do todo se desprendem adquirindo o caráter de ações individuais, pois que apenas ao individuo que as pratica dizem respeito, sendo o resultado do seu modo de ser pessoal, tudo isso póde oferecer pequenas variantes. Mas o fundo, a verdadeira essencia da ideia concebida, essa, não póde ser tocada. Si o fôr deixará de ser o que éra.”¹⁶¹

Esta ideia de Maria Antônia Soares nos faz refletir que os discursos libertários sobre amor livre analisados seguiam em certa medida – dentro de padrões admitidos pelo movimento libertário - interpretações individuais, mas tinham em comum os questionamentos acerca da moral vigente daquele período, o que contribuía para abrir espaços de luta favoráveis a emancipação da mulher. Isabel Cerruti e Maria Antônia Soares eram companheiras de militância. Em seu recente trabalho, Rodrigo

¹⁵⁹ Amilcar. “Ainda sobre o amor livre”, *A Plebe*, São Paulo, 24 nov. 1934. p.03.

¹⁶⁰ Maria Antônia Soares, operária e militante anarquista também contribuiu com diversos artigos para o jornal *A Plebe*. Ela era irmã de Primitivo Raimundo Soares, mais conhecido como Florentino de Carvalho.

¹⁶¹ SOARES, Maria. “O maximalismo e os anarquistas”, *A Plebe*. 06 nov. 1920. p.02. número 88, ano IV.

Rosa também evidencia essa relação de companheirismo e amizade entre ambas. E nos indica que essa relação ficou evidente quando Maria Antônia Soares foi presa no ano de 1921, pois neste momento, Isabel “[...] publica um belíssimo texto nas colunas do principal jornal libertário da época tecendo uma afetiva homenagem à companheira”.¹⁶² Maria Antônia Soares foi presa em janeiro de 1921. Para o editorial do jornal *O Combate: Independência, Verdade e Justiça*, a polícia queria impedir que Maria Soares ajudasse na libertação de seu marido, Manuel de Campos.¹⁶³

Outro tema importante discutido principalmente pelas mulheres anarquistas foi o serviço militar obrigatório. Isabel Cerruti fazia campanha contra a obrigação de prestação de serviço militar destinado às mulheres, pois defendia que a sua incorporação às forças militares só provocaria a participação em atividades violentas que, eventualmente, colocariam em risco a própria vida das mulheres. Na verdade era contrária ao serviço militar obrigatório para ambos os sexos, pois julgava ser um trabalho impróprio por suas próprias práticas perigosas e violentas. E expressava que tanto as mulheres como os homens mereciam as mesmas condições apropriadas para o trabalho, pois eram iguais na “dôr, nos sofrimentos, na alegria e nos prazeres e na necessidade de viver.” A única diferenciação era na “[...] conformação dos [...] órgãos reprodutores”.¹⁶⁴ Nas suas próprias palavras:

“A dôr da carne dos nossos homens, estraçalhados pelos obuzes e pelas metralhas, é igual á dôr da nossa mesma carne, formada pelos mesmos elementos biológicos e pelos mesmos componentes químicos e físicos com que saímos do laboratório da natureza.”¹⁶⁵

Isabel Cerruti fazia oposição às práticas do Estado de mandar militares do Exército para que fossem mortos nas guerras. “Porque acima de todos os deveres e direitos, está o dever de conservar a vida e o direito de defendê-la.”¹⁶⁶ Ainda denunciava que o Estado utilizava este tipo de força militar para manter os privilégios dos mais ricos.

Para Isabel Cerruti, a mulher não deveria participar da guerra, mas sim de espaços políticos de sociabilidade voltados ao diálogo. Por outro lado, ela também

¹⁶² ROSA, Rodrigo. *O triunfo da Anarquia e outros escritos: Isabel Cerruti*. São Paulo: Terra Livre, 2019. p.71.

¹⁶³ “A companheira de Manuel de Campos foi presa”. *O Combate: Independência, Verdade e Justiça*, São Paulo, 22 jan.1921, p.01.

¹⁶⁴ RUTI, Isa. “A mulher e o militarismo”, *A Plebe*, São Paulo, 09 jun. 1934. p.03.

¹⁶⁵ Idem, *Ibidem*.

¹⁶⁶ Idem, *Ibidem*.

condenava a frivolidade do comportamento feminino tanto entre as mulheres abastadas como entre as operárias, numa típica análise racional que ia além dos limites de classe:

“Na classe dos de lá de cima, assim como na classe cá de baixo, existem mulheres de vários aspectos intelectuais.” Existem as de cérebro completamente nulo que só se ocupam de cinemas, bailes e festas mundanas e existem as que se dão ao cuidado de outros assuntos [...] Entre as mulheres da minha classe também existem as mulheres frívolas que de tudo tiram proveito para se divertirem e vão á missa aos domingos.”¹⁶⁷

Para Cerruti estas mulheres apenas valorizavam aspectos supérfluos da vida, como divertimentos vãos que não contribuía para a sua emancipação. Por isto, a proposta de Isabel Cerruti era a de defender a ampliação da consciência da luta por direitos, através de um trabalho educativo voltado para a moral e ética libertária.

2.4 Os problemas sociopolíticos enfrentados pelo trabalhador

Nas primeiras décadas do século XX, Isabel Cerruti, através de seu discurso libertário buscava situar a vida de dificuldades do operariado na cidade de São Paulo, com a intenção de reivindicar por melhores condições sociais para este grupo. Compreendia como desumano o tratamento destinado aos operários nas fábricas, até mesmo fez uma analogia entre as condições de trabalho enfrentadas pelos operários com as vividas pelo escravo negro do século XIX, no Brasil. Para ela, a onda revolucionária abolicionista conduzida por líderes negros poderia servir de inspiração para a resistência do movimento operário em São Paulo.¹⁶⁸ Apesar da diferença de contexto e condições que separam o trabalho precário do operário ao do negro escravizado, a intenção de Isabel era a de denunciar as péssimas condições e atritos das relações de trabalho entre o operariado e os industriais.

Este operariado era constituído em sua maioria por imigrantes e seus filhos, como era o caso da família Bertolucci. No começo do século XX, os baixos salários aliados à falta de ocupações de trabalho causavam preocupação em Isabel Cerruti.

¹⁶⁷ BERTOLUCCI, Isabel. “Eco da revolução, voz da mulher paulista”. *A Plebe*. São Paulo, 03 dez. 1932. p. 2.

¹⁶⁸ SILVA, Isabel. “A abolição”. *A Obra*. São Paulo, 13 maio 1920. p.04.

Essa diminuição constante dos salários por parte dos industriais foi indicada por Maria Auxiliadora Decca:

“Para garantir a sobrevivência, as famílias operárias ‘deficitárias’ cortavam ainda mais suas despesas, emprestavam ou recebiam auxílios de seus amigos e parentes, acumulavam dívidas, sendo que grande número deixava de pagar o aluguel ou o pagava parcialmente. Em situação de desemprego, as condições de vida da classe operária tornavam-se ainda mais precárias.”¹⁶⁹

A situação de desemprego vivenciada pelos trabalhadores, muitas vezes acabava por determinar a sua marginalização social, conforme Cerruti nos explica: “Se o pária procura trabalho, não lhe toleram a presença; na porta já elle encontra a taboleta com os arrogantes dizeres: Não se precisa de operarios.” Por isso, ao não conseguir trabalho “estende a mão á caridade.¹⁷⁰ Ajudar o trabalhador através de atos de caridade não seria suficiente para solucionar o problema da miséria. Para Cerruti a única solução digna seria a conquista de ocupação, pois via no trabalho um “direito livre de todos e para todos.” Para muitos libertários a situação de miséria vivida pela maior parte da população brasileira teria a conivência do poder público, alheio aos problemas sociais. Destacamos no pensamento de Cerruti a criação de estereótipos quando fazia referência ao Estado quase sempre visto de maneira pejorativa. Ao contrário do operário, indicado como alguém com uma moral rígida voltada para o trabalho. Indicava a sua retidão de caráter, nas palavras de Cerruti: “[...] Enveredar pelo caminho de aventuras nocturnas... repugna á consciência do homem honrado e trabalhador.” Em diversos outros escritos, idealizou a figura do operário como alguém sóbrio, sábio e respeitador da instituição familiar.

Cerruti refletiu que o trabalhador diante do desemprego encontrava como única saída para o problema da falta de recursos: o suicídio. Um fato de ocorrência não incomum na sociedade paulistana no começo do século XX. Nas suas palavras: “Logo, o único recurso para o homem sem trabalho [...] é suicidar-se!” [...] Ainda há poucos dias a chronica dos diários narraram o facto de um desesperado matar a mulher e quatro filhos, e suicidar-se em seguida”. Resolveu ele, assim, a sua

¹⁶⁹ DECCA, Maria Auxiliadora. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.38.

¹⁷⁰ RUTTI, Isa. “A lógica burguesa - Os apuros do pária sem sorte”. *A Plebe*, São Paulo, 21 out. 1917. p.02.

situação de desempregado”.¹⁷¹ Para Cerruti a miséria deixaria de existir apenas com uma transformação radical na estrutura econômica e política da sociedade, através da destruição do Estado e da expropriação da burguesia. Pois entendia que muitas das dificuldades econômicas enfrentadas pelo operariado decorriam do sistema político vigente de sua época. Não apenas por ser contrária a autoridade política dentro de uma sociedade hierarquizada capitalista, mas, além disto, via os políticos como aqueles que defendiam apenas os interesses dos capitalistas, da Igreja e nunca das massas populares.

O ideal de “democracia” de Cerruti não admitia a ideia de um governo constituído em bases republicanas. Apesar disto, Isabel Cerruti participava da política republicana através das discussões críticas nos jornais sobre os políticos e até mesmo através da participação em espaços políticos republicanos.

No ano de 1919, ocorreu no Teatro Municipal na cidade de São Paulo, uma conferência realizada por Rui Barbosa¹⁷². Cerruti mesmo em posse do convite de entrada, não conseguiu acompanhar a fala de Barbosa devido a lotação de pessoas no local. Então aproveitou para acompanhar os ânimos e conversas do grupo de pessoas aglomeradas na parte de fora do Teatro:

“[...] Mas, si não tive o prazer de ouvir Ruy Barbosa, ouvi, no entanto, coisas muito interessantes cá fora. Quando um garoto qualquer gritou: Lá vem a cavallaria! – e outros fizeram ouvir: ‘Cavallaria! Cavallaria!’ – houve uma debandada geral e um senhor bem aparentado exclamou: É só falar em cavallaria para que elles demonstrem a sua coragem... Pobre do Ruy, si precisar contar com esse povo para subir ao Cattete! Gostaria de ouvir o velhote, si agora promete mundos e fundos, mas quando estiver empoleirado será tão bom ou peor que os outros. O que nós precisávamos era de um homem com energia bastante que fosse capaz de nos livrar dos exploradores estrangeiros. Somos um povo escravizado, aqui os estrangeiros fazem o que querem, exploram-nos á vontade e ninguém lhes pede conta. O Ruy não serve, está mais velho e os velhos são como herança, em tudo precisam de guia, imaginem o que então será o governo de um velho e careta... Em outro grupo ouvi uma mulher que dizia: ‘Pouco se me dava ouvir o caduco, o que eu queria era ver o theatro; quando passo por aí, aí da-me vontade

¹⁷¹ RUTTI, Isa. “A lógica burguesa - Os apuros do pária sem sorte”. *A Plebe*, São Paulo, 21 out. 1917. p.02.

¹⁷² Rui Barbosa de Oliveira atuou na defesa do federalismo e do abolicionismo. Ocupou o cargo de Deputado Geral em 1878 e no ano de 1919 disputou à candidatura para presidente da República.

de entrar.... [...] 'O que enche de indignação a gente', repoz um rapagão antipathico, "é pensar que esse majestoso edificio que ahi está custou o dinheiro de nós todos e só aquelles canalhas é que se delíciam... [...]"¹⁷³

Neste escrito percebemos a descrença da população pobre com as promessas dos políticos. Além disto, evidencia as diferenças sociais, enquanto as classes mais abastadas frequentam teatros, os trabalhadores não tem acesso a este tipo de espaço cultural. Apesar do teatro ser um espaço construído com o dinheiro de toda a população é evidenciado que serve apenas a alguns indivíduos privilegiados, o que demonstra o descaso dos políticos com a massa de trabalhadores.

Anos mais tarde, Isabel Cerruti, insatisfeita com a postura política de Rui Barbosa alegava descompromisso deste político com as questões sociais de interesse do operariado. Dizia que caso Rui Barbosa conceda algum tipo de benefício ao operariado, isto não irá significar aproximação amigável. Nas suas palavras: "[...] apesar das verbas na sua folha de serviço ás classes trabalhadoras do Brasil, os operarios não serão jamais seus amigos."¹⁷⁴ Indica sua crítica a tentativa de Rui Barbosa em tentar agradar a massa trabalhadora com mais recursos, mesmo assim os anarquistas e os operários não teriam confiança na sua política republicana.

As notícias sobre o contexto político e econômico internacional comumente despertavam a atenção de Cerruti, principalmente quando eram notícias sobre os conflitos protagonizados pelo próprio operariado. Neste sentido, Cerruti procurava até mesmo mobilizar campanhas no jornal *A Plebe* para denunciar as injustiças sofridas por estes trabalhadores internacionais, com a intenção de informar e mobilizar seus leitores brasileiros. Cabe ressaltar que neste caso, este tipo de internacionalismo exercido por ela, seria genérico, o que quer dizer que não caracterizava uma vertente específica de anarquismo.

¹⁷³ RUTI, Isa. "A margem de uma conferencia". *A Plebe*, São Paulo, 26 abr. 1919. p. 04.

¹⁷⁴ RUTI, Iza. "Atenção plebeus!". *A Plebe*, São Paulo, 29 mar. 1919, p.03.

No ano de 1927, defendeu a inocência dos operários italianos Sacco e Vanzetti¹⁷⁵, imigrantes nos Estados Unidos. E participou de uma campanha no jornal *A Plebe* contra a condenação destes trabalhadores. Argumentava que caso fosse decretada a pena de morte aos dois trabalhadores, então como forma de protesto os seus leitores militantes libertários e simpatizantes deveriam realizar greves e o boicote aos produtos americanos.¹⁷⁶ O movimento anarquista comumente defendia variadas estratégias de combate ao capitalismo, como por exemplo, através de greves, boicotes e manifestações públicas. Estas ações seriam voltadas com a intenção de união mobilizadora dos operários de diversos países em oposição a condenação injusta de Sacco e Vanzetti. Nas suas próprias palavras:

“Dois nomes aureolados que vibram, neste momento, envoltos no amor de milhares e milhares de trabalhadores, que, de extremo a extremo do mundo civilizado, erguem em unísono o clamor de protesto contra a sanha sanguinária do capitalismo norte americano. [...] A inocência de Sacco e Vanzetti está mais que provada! E si houvesse qualquer duvida, bastaria este colosso de movimento que se opera em todo o mundo, numa espontaneidade commovedora, - para oppor-se a consummação de uma torpeza – em que a multidão de obreiros, juntando-se num só corpo, num só vulto grandioso, apresenta a força hercúlea, numa demonstração bellissima de bravura, de consciencia e de valor.”¹⁷⁷

Ela ainda crítica a pena de morte imposta aos trabalhadores pela justiça americana, conforme conclamou: “Não matarás!” – dizia o Christo. E lá se matam covarde e barbaramente... [...]”¹⁷⁸

Isabel lembrava que a moral religiosa era contrária à pena de morte, mas mesmo assim era realizada. Ela estava convencida que a prisão dos dois operários foi decretada em virtude da posição política anarquista de ambos.

“Aquelles dois correligionários nossos, aquelles dois trabalhadores honestos, pendem da justiça norte-americana por serem anarchistas. Por serem anarchistas, muito simplesmente, com toda a franqueza, com a máxima naturalidade, - sem complicações, sem satisfações a dar, elles, os tyrannos – iguaes aos de todas as épocas – iguaes aos de todas as partes, o pensaram e o disseram com o característico impudente dos covardes. E se a tyrania norte-americana, assim mesmo, numa desastrada prepotencia velhaca, teimar em levar a

¹⁷⁵ Dois anarquistas italianos que viviam nos Estados Unidos foram acusados injustamente de roubo e assassinato, posteriormente julgados e condenados a morte.

¹⁷⁶ CERRUTI, Isabel. “Sacco e Vanzetti”. *A Plebe*, São Paulo, 28 maio 1927. p.01.

¹⁷⁷ Idem, *Ibidem*.

¹⁷⁸ Idem, *Ibidem*.

termo a consumação da inominável infâmia, Sacco e Vanzetti saberão encarar a morte, serenos e valorosos, como outros tantos martyres da humanidade pensadora, tranquilos com a rectidão de suas consciências, - e confortados com o apoio moral dos companheiros e de todas as victimas do capitalismo mundial, reunidos á roda deles, afirmando-lhes, amorosamente, solidariedade.”¹⁷⁹

A repercussão da prisão de Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti impactou os anarquistas do mundo todo. Segundo explicou Edgar Rodrigues: “Não houve força capaz de demover a reação norte-americana, os dois operários italianos foram electrocutados em 23 de agosto de 1927, e desde então, operários italianos e brasileiros, fizeram ouvir os seus protestos naquela data de luto e de dor para a família libertária.”¹⁸⁰

2.5 Os problemas de saúde do trabalhador

Os assuntos ligados à saúde do trabalhador chamavam atenção de Isabel de maneira especial, pois dedicou boa parte de sua militância a denunciar os problemas relacionados ao difícil acesso dos trabalhadores aos hospitais públicos da cidade de São Paulo. Os hospitais existentes não eram suficientes para o atendimento da massa populacional em constante crescimento em São Paulo. Sobre este contexto relacionado à saúde dos trabalhadores, Maria Auxiliadora Decca explica:

“As condições de higiene e saúde da classe operária em São Paulo continuaram precárias e insuficientes ao longo da década de 20 e início da de 30, como havia sido desde o final do século XIX, quando a cidade começou a se expandir e o comércio e a atividade industrial a crescer. [...] Com salários insuficientes para habitação saudável e boa alimentação, o operariado estava obviamente mais sujeito às doenças de ‘fundo eminentemente social’ como a tuberculose, por exemplo. Além disso, as condições de trabalho, de forma geral, permaneceram quase inalteradas até meados da década de 30, a despeito da legislação existente, inúmeras vezes burlada e em alguns casos sistematicamente desrespeitada, com a conivência, omissão ou insuficiência dos serviços públicos. Os higienistas e médicos ao longo da década de 20 e início da de 30 continuavam a se preocupar com a questão da saúde pública, em especial a dos meios operários, com objetivos notadamente eugênicos e,

¹⁷⁹ Idem, *Ibidem*.

¹⁸⁰ RODRIGUES, Edgar. *Os anarquistas: trabalhadores italianos no Brasil*. São Paulo: Global, 1984. p. 117-118.

diferentemente do operariado, na maior parte das vezes encararam o problema de um ângulo técnico.”¹⁸¹

Isabel refletia que muitos dos problemas de saúde ou vícios dos trabalhadores surgiam devido à sua própria condição de miséria e exploração decorrentes do próprio sistema capitalista. Via o operário como o produtor da maior parte das riquezas, mas apesar disto, ao ficar doente não teria acesso a qualquer tratamento no serviço público de saúde. Ela explicava desta maneira esta condição: “Não te illudas, o plebeu! Tu, que produziste as immensas riquezas que te cercam, quando invalido para o trabalho e enfermo implorares um leito num hospital serás tratado pior do que um cão.”¹⁸²

No começo do século XX, o atendimento emergencial e mais individualizado ao doente era precário, existia mais uma assistência à saúde voltada à fiscalização de epidemias e as condições sanitárias dos bairros da cidade de São Paulo. Muitas vezes a assistência hospitalar gratuita era mantida através de doações individuais e de entidades beneficentes. Ou até mesmo de associações mutualistas que dedicavam seus esforços aos serviços de saúde voltados aos imigrantes filiados.

Isabel Cerruti acreditava que as iniciativas beneficentes doadas aos hospitais públicos seriam insuficientes para a promoção da cura de enfermidades dos trabalhadores. Sobre isto, explica a doação do industrial Francisco Matarazzo de um edifício, denominado: ‘Casa di salute Francesco Matarazzo’. E demonstrou sua indignação com os seguintes dizeres: “[...] para ser internado nesse luxuoso pavilhão será necessário pagar “uma diaria de vinte a cinquenta mil réis!” E segundo o hospital, este dinheiro será para atender/socorrer os enfermos indigentes e cerca-los de todos os confortos humanitários”.¹⁸³

Ela acusava a Santa Casa de não conceder atendimento aos trabalhadores, mas apenas aos que pudessem pagar pelo tratamento de saúde, o que compreendida como uma situação de humilhação e desamparo destinado ao operário doente dentro da sociedade. Nas suas próprias palavras: “A miseria, o

¹⁸¹ DECCA, Maria Auxiliadora. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. p.39-40.

¹⁸² RUTI, Isa. “A philanthropia deles”. *A Plebe*, São Paulo, 25 agost.1917. p.02.

¹⁸³ Idem, *Ibidem*.

escarneo, o desprezo, o insulto da esmola que te arroja esta sociedade que tu, o forte dos fortes sustentas por um lamentável e triste egoísmo.”¹⁸⁴

Via as doações dos ricos como insuficientes diante da quantidade elevada de trabalhadores carentes de atendimento médico-hospitalar na cidade de São Paulo. Para apoiar suas críticas ao sistema público de saúde, Isabel cita a reclamação de um médico chamado dr. Arnaldo Vieira de Carvalho da seguinte maneira:

“[...] Por excesso de lotação nos hospitais da Misericórdia, do Guapira e Lazareto, não se recebem mais doentes, indigentes nestes estabelecimentos. [...] E isso, caro plebeu, depois que o poderoso banqueiro Briccola deixou em testamento ao hospital da Santa Casa, por “amor dos pauperrimos”, ao rufar dos tambores e ao toque das cornetas, a quantia de seis mil contos de réis!”¹⁸⁵

O excesso de pacientes pobres no hospital da Santa Casa e outros hospitais era evidente para este médico. Mesmo diante de doações, isto não contribuiria para resolver os problemas de superlotação nestes centros médico-hospitalares que atendiam principalmente a população pobre da cidade de São Paulo.

O operariado pobre era alvo privilegiado da contaminação por doenças, Isabel Cerruti relatava que a transmissão de moléstias poderia ocorrer devido à péssima qualidade dos alimentos e da água, isto logicamente implicava no aumento do número de mortes sem a devida assistência médica adequada. Essas situações precárias relacionadas à falta de cuidados básicos de saúde pública afetavam diretamente o cotidiano da população pobre, sobre isto Maria Auxiliadora apresenta:

“Mais que os outros na capital, os bairros operários e pobres sofriam com a falta de saneamento. Nos bairros onde havia pobreza, sem fiscalização, sem rede de esgotos, sem água encanada, onde os poços eram construídos muito próximos das fossas, a contaminação era maior, a mortalidade infantil mais alta. Mesmo até 1933-1934 o Brás e o Alto da Moóca, Belenzinho, Ipiranga, bairros mais antigos e populosos, não haviam recebido infra-estrutura urbana condizente com seus crescimento...[...]"¹⁸⁶

Além das doenças provocadas por um sistema de saneamento básico ineficiente, outro problema que afetava a saúde do operariado era o vício em bebidas alcoólicas. Segundo Uassyr de Siqueira,

¹⁸⁴ Idem, Ibidem.

¹⁸⁵ Idem, Ibidem.

¹⁸⁶ DECCA, Maria Auxiliadora. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. p.39

[...] o hábito de frequentar armazéns e botequins [...] era alvo de preocupação tanto do patronato quanto dos militantes, estava enraizado no cotidiano do trabalho, revelando que, para muitos trabalhadores, lazer e trabalho não eram esferas que se excluía mutuamente. Durante a Primeira República, as organizações sindicais promoviam, frequentemente, suas “reuniões de propaganda”, com a finalidade de divulgar os propósitos do sindicalismo e de angariar mais filiados. Junto a esse trabalho de convencimento, os militantes faziam alertas quanto aos diversos males, presentes no cotidiano, que seriam responsáveis pela obstrução da tomada de consciência de classe: entre os piores, o consumo excessivo do álcool.¹⁸⁷

Em 19 de julho de 1919, Isabel Cerruti, escreveu o artigo: *Irmãos, trabalhadores!*, no qual explicava sobre o vício do álcool entre o operariado. Ao apontar que nos lares falta alimento, mas em contrapartida há excesso de álcool nos botequins. E culpava os patrões pelo excesso de álcool disponível para venda, no qual contribuía para empurrar os operários para o vício. E ainda por cima, o empresário insultava os operários ao atribuir a denominação de "Finíssima Canninha Operaria" ao álcool.¹⁸⁸

Ao aproveitar termos e expressões carregadas de sentido metafórico como “algozes”, “abarrotam-se os botequins”, “nossos inimigos”, “código abjeto”, “desalmados”, enfim uma infinidade de alusões e correlações em que o simbolismo abunda, a autora pretendeu produzir um “texto musculoso” (expressão certa vez usada por Marx contra Proudhon) que servisse de bandeira do operariado na sua “luta de classe” contra os opressores.

Nota-se, também, que a demonstração de preocupação com o vício do alcoolismo entre os operários é presente no discurso de Cerruti, mas ao mesmo tempo apresenta um discurso contraditório ao idealizar os operários, ao compará-los com homens sóbrios. Então percebemos o não desenvolvimento de uma ideia no qual pudesse indicar ser o vício adquirido em decorrência, talvez, do trabalho insalubre nas fábricas, então o álcool poderia ser um estímulo ou fuga da realidade vergonhosa vivenciada.

Outro problema de saúde que afetava o operariado era a sífilis e em decorrência da proliferação dos casos de sífilis, Cerruti, em 1933, resolveu fazer

¹⁸⁷ SIQUEIRA, Uassyr de. “Trabalhadores paulistanos: os associados e as ‘vítimas da pinga.’” *História Social*, Campinas, n.14-15, p. 102-103, 2008.

¹⁸⁸ RUTI, Isa. “Irmãos, trabalhadores!” *A Plebe*, São Paulo, 19 jul. 1919. p.02.

uma campanha para prevenção da doença. Sua campanha consistia em tentar educar o operariado como forma de erradicar a doença.¹⁸⁹

O vício no cigarro também era tema de preocupação no ideal anarquista feminino de Cerruti. É possível que um homem, na sua condição específica de masculinidade, militante anarquista, tivesse outras preocupações em relação à saúde do trabalhador. Na noite de janeiro de 1934, Cerruti participou de uma reunião política na FOSP, acompanhada de algumas amigas. Diante das discussões presenciadas no local, suas amigas manifestaram incômodo com a fumaça de cigarro no recinto. O ato dos homens militantes fumarem na FOSP também era um dos motivos alegados por Cerruti para não participar com maior frequência de reuniões e festivais naquele local. A presença de Isabel Cerruti e ainda de suas amigas neste espaço, provavelmente dominado por homens nos mostra que mesmo diante de certos incômodos, ainda assim, essas mulheres faziam questão de ocupar os vários espaços políticos, antes locais comumente reservados aos homens. Mas voltando às críticas de Cerruti e de suas amigas, no qual alegavam que o ato de fumar em ambientes fechados era prejudicial à saúde.

Então fez um apelo solicitando a abolição do fumo dentro do salão da FOSP. Segue um trecho do seu apelo:

“Eu gosto muito de estar presente às reuniões dos camaradas; mas não posso suportar a fumaceira dos cigarros: Dá-me tonturas e passo mal por diversos dias, quando afronto o perigo do fumo, pela satisfação de comparecer às reuniões úteis e necessárias á preparação do advento do supremo ideal anarquista. O fumo em combustão intoxica não só os nossos pulmões como todas as vísceras do nosso organismo, produzindo tonturas, insônia e desarranjo intestinal, como se dá comigo. E como eu outras pessoas haverá que sentem horror á fumaça do cigarro, dentro de um recinto fechado e repleto de pessoas. Numa de nossas últimas reuniões levei comigo algumas amigas, aliás que não são anarquistas, mas que gostaram imensamente da reunião daquela noite; saíram, porém no firme proposito de não mais lá voltar, por causa — disseram-me francamente — do ‘maldito vicio do fumo’ — que não sabíamos combater. E fizeram considerações sobre o mesmo estranhando que elementos que combatem a burguesia alimentassem o mais repugnante vicio — que é da burguesia e que deve pertencer exclusivamente á burguesia — o vicio de fumar. Fiquei contrafeita pela observação e por isso, no desejo de que as nossas reuniões

¹⁸⁹ RUTI, Isa. “Campanha contra a sífilis”, *A Plebe*, São Paulo, 21 out. 1933. p.01.

façam muita obra de propaganda anarquista deliberei traçar estas linhas, fazendo este apelo.”¹⁹⁰

Para ela, o ato de fumar cigarro além de ser prejudicial à saúde, também era um vício burguês, portanto impróprio para o operariado cultivar.

Notamos que o ideal anarquista de Cerruti perpassava pela defesa da saúde, boa alimentação e da felicidade no trabalho, porque desta maneira seria possível a construção de um ideal de sociedade superior ao da sociedade capitalista, em que vivia. Então procurava exaltar a concepção de uma nova sociedade mais saudável: “[...] Aperfeiçoemo-nos e mostremos, desde já, sermos superiores a todos os burgueses! Formemos assim, desde já, o novo mundo onde possamos viver sadios, felizes e estéticos!”.

As várias moléstias e vícios presentes no meio operário mobilizaram Cerruti a colaborar com ações para melhorar o acesso do trabalhador a um tratamento médico. Uma de suas mais importantes ações neste sentido foi o seu trabalho na *Associação Paulista de Homeopatia*. Ela entendia que a homeopatia era um tipo de tratamento mais popular, e portanto mais adequado ao operário e de certa maneira ao seu ideal de militante política anarquista.

¹⁹⁰ CERRUTI, Isabel. “Um apelo aos camaradas”. *A Plebe*, São Paulo, 13 jan. 1934. p.03.

2.6 A trajetória na Associação Paulista de Homeopatia

A Associação Paulista de Homeopatia¹⁹¹ foi fundada em junho de 1936 na cidade de São Paulo pelo Dr. Alfredo Di Vernieri¹⁹². A solene instalação ocorreu nos salões da Associação das Classes Laboriosas, na rua do Carmo, número 25, em São Paulo.¹⁹³

A medicina homeopática defendia com rigor o embasamento científico, através da experiência clínica e de laboratório, ao divulgar fatos médicos que poderiam ser provados. Vejamos:

“A Associação Paulista de Homeopathia pretende dar aos seus trabalhos um caracter scientifico, tal como as congeneres. As communicações serão o fructo da experiencia clinica e do laboratorio. Terão um sabor de verdade, por isso que apresentaremos factos provados e factos que se podem provar a qualquer tempo. Será, conseguintemente, util a todos quantos desejem, por curiosidade scientifica, verificar os fundamentos da doutrina hanemaniana, o seu desenvolvimento, as suas conquistas lentas mas seguras, em 150 annos de triumpho”¹⁹⁴.

Nesta época observamos entre os médicos brasileiros, a maior valorização de uma cultura científica, em razão da influência das ideias do cientificismo surgidas no século XIX na Europa. A doutrina positivista também era ligada ao cientificismo, em razão da valorização da superioridade da ciência em todas as áreas do saber humano. Sabemos do caráter conservador da doutrina positivista, principalmente no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade. Para os positivistas a principal tarefa da mulher deveria ser no lar, através do cuidado com os filhos e o marido.

Sobre isto nos explica Margareth Rago que, “os membros do Apostolado Positivista do Brasil entendiam que a mulher não deveria possuir dinheiro - um

¹⁹¹ A homeopatia divulgada pela Associação segue os ensinamentos de Samuel Hahnemann (1755-1843), médico alemão que iniciou os estudos homeopáticos. Segundo Ariovaldo Ribeiro Filho, médico homeopata “(...) A homeopatia foi introduzida no Brasil por um discípulo francês de Hahnemann, Benoit-Jules Mure (1809-1858), que aqui chegou em 21 de novembro de 1840. A homeopatia se propagou, rapidamente, e, no final do século XIX, foi abraçada pelo movimento positivista brasileiro, através de seus adeptos do Instituto Militar de Engenharia, no Rio de Janeiro.” (RIBEIRO, Ariovaldo. “A institucionalização da Homeopatia no Brasil”. *Revista de Homeopatia*, v.71, n.1/4, p.70, 2008.)

¹⁹² Dr. Alfredo Di Vernieri, além de fundador, assumiu o cargo de diretor geral da Associação Paulista de Homeopatia. Membro do Instituto Hahnemanniano do Brasil. Ainda foi ex-médico interno do Hospital Hahnemanniano do Rio de Janeiro. Médico da Caixa de Aposentadoria e Pensões da S.P.R e da Associação Socorros Mutuos Artes e Officios.

¹⁹³ Posteriormente a sede da Associação passou a funcionar na Rua Dr. Diogo de Faria n.º 839 em São Paulo.

¹⁹⁴ “A homeopathia basea-se em factos provados”. *Correio Paulistano*. São Paulo, 12/06/1936, p.03.

objeto sujo, degradante e essencialmente masculino, portanto, contrário à sua natureza”.¹⁹⁵

Cabe a nós refletir sobre o posicionamento de Isabel Cerruti em relação ao caráter “conservador” na formação desta Associação em São Paulo. E o movimento anarquista como dialogou com essas ideias advindas do positivismo? Mas o mais importante é entender principalmente os primórdios da aproximação e posteriormente inserção de Cerruti na Associação, além da sua trajetória de ações neste ambiente.

O primeiro contato de Isabel com a medicina homeopática ocorreu na infância. Quando pela primeira vez consumiu remédios naturais. Através da cura de sua doença, percebeu a eficácia deste tratamento e mais tarde o seu caráter científico. Em carta¹⁹⁶ publicada no jornal *Correio Paulistano*, explica o momento em que iniciou o tratamento homeopático:

“Quando menina eu sofria frequentemente de dores de ouvido e inflamação da garganta. [...] Havia uma senhora que possuía uma botica homeopathica. [...] Eu ia lá todos os dias. E a bondosa senhora [...] dava-me a forma homeopathica o óleo de fígado de bacalhau. E mais, me dava, duas vezes ao dia, uma dosesinha de Cina. [...] Meu pae nunca soube desta minha transgressão á obediência filial. Mas dahi para deante, no transcurso de minha vida, nunca mais foi preciso minha mãe me levar á Santa Casa. [...] passei todo o tempo na dependência de meus paes sem nunca mais necessitar de médicos nem de remédios.”¹⁹⁷

Além da experiência precoce com a medicina homeopática, outro possível motivo que influenciou sua entrada na *Associação Paulista de Homeopatia* foi o trabalho de seu marido. Americo Cerruti era proprietário de uma farmácia natural, onde vendia plantas medicinais, essências e drogas diversas, chamada *A botânica*. E após o casamento, Isabel inicia a divulgação dos tratamentos homeopáticos, em 1936. Nesta época era importante a divulgação da Homeopatia e de seus tratamentos bem sucedidos, pois muitos médicos alopatas questionavam o caráter científico deste tipo de medicina. Além da rejeição dos médicos alopatas, também muitos “populares” desconfiavam do tratamento homeopático. Segundo Dr. Canuto,

¹⁹⁵ RAGO, Margareth. “Trabalho feminino e sexualidade”. In: PRIORE, Mary del (org.); BASSANEZI, Carla (Coord.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000. p.592.

¹⁹⁶ Está carta não foi divulgada por Cerruti neste jornal, mas por um médico da *Associação Paulista de Homeopatia* que tinha coluna neste jornal.

¹⁹⁷ “Chronica homeopathica”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 17 abr. 1938, p.08.

vice-presidente da Associação, em 1936, a opinião popular era a de que: “não há nenhuma sciencia na Homeopathia e a identificam como uma ciência do Diabo.”¹⁹⁸

A marginalização da Homeopatia pela medicina clássica atrapalhou o seu progresso, de acordo com a interpretação do jornal *Correio Paulistano*:

“Os médicos que praticam a therapeutica habitual, consideram, na maioria dos casos, os homeopatas, não como sábios, mas como mysticos, para quem a homeopathia é uma fé e com efeito, eles aparecem, muitas vezes, como taes.”¹⁹⁹

Em maio de 1938²⁰⁰, Cerruti passou a integrar a Associação e foi recebida pelo Dr. Alfredo Di Vernieri: “[...] Um grande espirito veio cerrar fileiras connosco; referimo-nos gostosamente á Exma. Snra. D. Isabel Cerruti [...]”²⁰¹. Este médico reconhecia a colega de trabalho como alguém de destaque social, intelectual e obreira de valor distinto em favor da homeopatia. Como forma de agradecer a sua entrada na Associação, quase completamente composta por médicos, Isabel escreveu uma carta para o Dr. Alfredo Di Vernieri²⁰², publicada na Revista da APH²⁰³,

“[...] sensibilizou-me o facto de, eu, por essa maneira, concorrer, tambem, com um grãosinho de areia para ir accumulando o material necessario com que erguer sempre mais alto o Grande Edificio da Homeopathia de hoje, de amanhã e para o futuro além dos tempos infinitos, para a eternidade humana”. [...] Nós os beneficiados da Homeopathia – sem pertencer á distincta classe medica – queremos ser os obscuros servidores do Ideal. Unam-se os medicos da A.P.H., em torno do santo objetivo, num só corpo e numa só alma – num só pensamento vibrando de amor ao proximo padecente, em um unico anseio forte, de mais esse progresso para a nossa terra. [...]”²⁰⁴

Isabel ao explicar sobre a necessidade de amar ao “próximo padecente” parece indicar a necessidade da prática do anarquismo fraternal, segundo Norberto Bobbio “a preeminência das ideias anarquistas sobre o ‘campo da esquerda’, pode-

¹⁹⁸ “A homeopathia basea-se em factos provados”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 12 jun.1936. p.03.

¹⁹⁹ “A homeopathia e a enciclopedia Espasa”. *Correio Paulistano*. São Paulo, 26 jun. 1936. p.56.

²⁰⁰ Foge a periodização privilegiada neste projeto, porém não constitui alteração das disposições ideológicas de Cerruti e sua participação se caracteriza por trabalho assistencial.

²⁰¹ “A homeopathia basea-se em factos...” Idem.

²⁰² Colaborador semanal do jornal *Correio Paulistano*, escrevia uma coluna chamada “Chronica Homeopathica”.

²⁰³ Associação Paulista de Homeopatia.

²⁰⁴ “Semeando”. *Revista da Associação Paulista de Homeopatia*, São Paulo, n.10, maio de 1938. p.08.

se afirmar que a vertente anarcossindicalista específica então em voga, pautou suas propostas na atenção à fraternidade universal como objetivo genérico”.²⁰⁵

Cerruti ainda defendia a necessidade de abertura de hospitais e ambulatórios homeopáticos em São Paulo, nas suas próprias palavras:

“Estendam o chamado aos nossos intellectuaes, aos servidores da boa imprensa, e á classe medica bem intencionada, a todos os homens de coração bem formado, emfim, e sigam adiante sem esmorecimento firmes e resolutos na bôa campanha até a extensão do Ideal e lancem então a pedra fundamental de um Hospital Hahnemanniano, entre nós.”²⁰⁶

A preocupação pela abertura de hospitais homeopáticos em São Paulo era uma reivindicação também dos médicos que integravam esta Associação.

Na noite do dia 10 de junho de 1938, Isabel Cerruti assumiu o cargo de Diretora-secretária da Associação Paulista de Homeopatia e redatora da revista da A.P.H. No dia de sua posse fez um longo discurso, no qual explicou que a instituição deixava de ser uma corporação exclusiva da classe médica e passava a receber “[...] em seu seio os leigos em assuntos médicos, e repartir, com elles, a essencia de um ideal commum”.²⁰⁷ Afirmou ainda que o seu interesse pela homeopatia ocorreu em razão do tratamento homeopático ter curado sua doença. E enfatizou ainda que o programa da Associação era voltado para amparar as doenças do povo. Nas suas próprias palavras:

“[...] quero dirigir o meu fervoroso apelo, feminino, a todos os corações votados ao Bem e predestinados aos grandes feitos historicos e sociaes; para que todos atentem para o que a Ass. Paulista de Homeopatia reúne em seu programa, no sentido de amparar o problema de assistência medica e hospitalar do povo.”²⁰⁸

Isabel Cerruti acreditava que o tratamento homeopático fosse menos custoso e portanto seria mais adequado para a população pobre. Outra qualidade atribuída por Cerruti ao tratamento diz respeito a sua eficácia.

²⁰⁵ NORBERTO, Bobbio. *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011. p. 107- 108.

²⁰⁶ “Semeando”. Idem.

²⁰⁷ “O nosso segundo aniversário”. *Revista da Associação Paulista de Homeopatia*, São Paulo, n.24, jul. 1938. p.07.

²⁰⁸ Idem. p 07-08.

Seguindo o mesmo pensamento de Cerruti, também os médicos homeopatas da Associação acreditavam na função social possibilitada pela Homeopatia. Pois existiam vários médicos que possuíam consultórios homeopáticos ligados a Associação, no qual atendiam seus pacientes gratuitamente. A luta por uma medicina popular levou Cerruti a trabalhar com afinco na disseminação da propaganda dos benefícios do tratamento homeopático e como consequência deste empenho conseguiu um número elevado de associados.

Em março de 1939, Isabel Cerruti já não era mais redatora da revista. Mas continuou como colaboradora, pois em julho de 1939, propôs para os membros da revista da A.P.H, a criação de uma coluna chamada página dos leigos. Por ser reconhecida pelos médicos como “distinta correligionária e valorosa propugnadora da homeopatia”, ganhou notoriedade dentro da Associação, por isso suas sugestões eram bem recebidas.

Então, em setembro de 1939 foi inaugurada a coluna que tinha como proposta principal a participação de “homeopatas leigos”, através do envio de artigos sobre assuntos ligados a homeopatia. Isabel Cerruti inaugurou a coluna *Página dos leigos* com um artigo intitulado *Doloroso*, ao qual apela para que as mães antes de submeterem seus filhos à operação das amígdalas procurem a opinião de médicos homeopatas. Nas suas próprias palavras: “[...] Vai imperando, dolorosamente, a moda da extirpação das amígdalas, a que sem piedade são submetidas as delicadas florinhas humanas, que teem a desdita de pertencer à população infantil das escolas públicas. [...]” Neste artigo defende a ideia de faltar “[...] entre nós uma cultura popular que interesse o povo nos conhecimentos da medicina hahnemanniana. E ressalta a importância de um órgão de publicidade popular para a divulgação da homeopatia. Desta forma seria possível evitar “[...] as operações, que trazem sempre prejuízos ao organismo humano, conforme afirma, também, o grande professor Galhardo”²⁰⁹, ao acreditar que muitas vezes, a doença volta a se manifestar, pouco tempo depois de realizada a cirurgia.

Em junho de 1940, Isabel Cerruti escreveu para a coluna outro artigo intitulado: *Cordia curassavica*, que explicava ser um remédio extraído do reino vegetal. Vejamos o que ela diz sobre isto:

²⁰⁹ “Doloroso”. *Revista da Associação Paulista de Homeopatia*, São Paulo, ano IV, n.38, setembro de 1939, p.30.

“[...] Que remedinho santo extraído do reino vegetal! Um remedinho que todos deviam ter em casa. Um bálsamo que nunca devia faltar em nosso lar, para um socorro urgente, mormente onde há crianças, que a miude caem e se machucam. [...] Eis um remédio santo, dádiva fecunda da bondosa natureza, que deve andar sempre conosco, para qualquer socorro urgente; é um conselho amigo e desinteressado aos leitores da Revista e aos leitores desta página.”²¹⁰

Em junho de 1940, Cerruti deixou de ser diretora secretária e passou a integrar o conselho da Associação. Mas em maio de 1941, já não mais ocuparia cargos dentro da Associação ou da revista. Ela foi uma das poucas integrantes da Associação a não ser da área médica. Sabemos que depois da sua saída a Associação passou a priorizar especialmente a participação de médicos como redatores da revista. Então uma das razões possíveis para o seu afastamento ocorreu em virtude do término da coluna *Página de leigos*, de sua concepção e o posterior privilégio dado aos profissionais específicos da área médica.

²¹⁰ “Cordia curassavica”. *Revista da Associação Paulista de Homeopatia*. São Paulo, ano IV, n.47, setembro de 1939, p.224.

CAPÍTULO 3 - LIBERDADE, IGUALDADE E... SOLIDARIEDADE!

3.1 Educação libertária e instrução profissional

Isabel Cerruti, assim como todos os anarquistas era contrária à educação pública controlada pelo Estado, em razão do seu viés ideológico capitalista. Mas a educação pensada pelos anarquistas fazia oposição não apenas às estruturas competitivas e desiguais do capitalismo, mas pretendia ser uma afronta a toda forma de dominação. Então Cerruti, através de suas ideias anarquistas sobre educação expressou críticas ao ensino público tradicional. Vejamos um trecho de um escrito publicado no jornal *A Lanterna* em 1916, no qual relata suas ideias em torno do ensino libertário:

A vós, mães, é que me dirijo nestas linhas. Vós que criais os vossos filhinhos com tanto amor e desvelo e que, no entanto, não hesitais em permitir que os potentados façam deles instrumentos dóceis de seus mesquinhos caprichos. Se vos fosse permitido assistir á celebre festa cívico-escolar realizada no Parque Antartica, no 7 de setembro, onde a entrada para os lugares distintos só era permitida á corja parasitaria, certamente vos sentiríeis indignadas contra os carrascos de vossos filhos... [...] A maneira porque foram tratados pela gente do poder, que procura inculcar no cérebro das crianças toda a sorte de preconceitos, afim delas serem no futuro o seu forte baluarte, encheu-me de indignação. Imaginai todo aquele bando de crianças expostas á inclemencia de um sol ardente, como foi do dia 7 de setembro... [...] Enquanto eles, os crápulas, como tiranos cesaricos, desempenhando o professorado, seu fiel dependente, o dócil papel de servidor, gozavam o efeito do belo quadro, bem acomodados e bem abrigados da luz forte de um sol de fogo, as inocentes crianças sentiam o efeito dessa brutalidade. Muitas delas foram acometidas de sérias indisposições... [...] Eis o resultado dessa festa de preconceitos patrióticos. As crianças voltaram para casa exaustas e doentes, e os pais, depois das despesas que tiveram com os uniformes exigidos, tiveram depois, além do desgosto de ver seus filhos enfermos, a despesa do medico e medicamentos. Assim aconteceu com uma minha irmãzinha, que idolatro e que por minha vontade não frequentaria a escola do Estado, onde impera a disciplina autoritária e a opressão burguesa. [...] As professoras, que nas escolas substituem as mães, não deviam permitir semelhante barbaridade, atentando contra a saude de seus alunos. Mas que querem, é a disciplina, é a escravidão da sociedade dominante. Mães, deveis criar e educar vossos filhos pelo metodo racionalista, livres de qualquer preconceitos, quer religioso, quer civis, para que não sejam vitimas da tirania e da exploração desses abutres que se fazem governantes da nação.”²¹¹

²¹¹ CERRUTI, Isabel. “ As maes proletarias”. *A Lanterna*, São Paulo, 29 jan.1916. p.2.

Este apelo às mães de crianças em idade escolar explica seu pensamento em torno da educação. Podemos perceber a sua contestação acerca do ensino tradicional ao indicar ser preconceituoso, patriótico, autoritário e segregador. Ainda faz um apelo às mães para procurarem transmitir uma educação baseada no método racionalista de ensino. Este tipo de ensino foi pensado por Ferrer²¹², no qual a instrução seria baseada em princípios racionais, aberta a todas as classes e a ambos os sexos. Os métodos de ensino da escola de Francisco Ferrer tinha como base o respeito à liberdade, à individualidade e à expressão da criança. Para os anarquistas, este tipo de escola seria uma alternativa às escolas burguesas, consideradas divulgadoras de preconceitos e de interesses da classe dominante. Cerruti reconhecia a importância da educação formal, no qual contemplaria principalmente a valorização do conhecimento científico na busca pela emancipação das classes exploradas. Por isso militou a favor deste tipo de educação desvinculada do Estado, no qual a comunidade tivesse a sua própria autonomia na determinação das regras e formas de organização.

As ações educativas realizadas por Cerruti ocorreram nos jornais, *Ateneus* e em associações, voltadas para a alfabetização, educação política e a instrução profissional dos trabalhadores. A militante, juntamente com outros libertários, socialistas e homens sem nenhuma militância política específica, ajudaram na criação da *Associação Promotora de Instrução e Trabalho para cegos*, voltada principalmente para a instrução profissional do trabalhador cego. O engajamento de Isabel Cerruti na defesa dos cegos paulistanos contagiou os seus familiares, pois seu marido participou da Associação, como procurador e ainda ocupou o cargo de secretário. Já o seu irmão Antonio Bertolucci foi membro²¹³ da sindicância da Associação. O professor João Penteado, fundador da Escola Moderna era outra figura importante a participar da Associação, ajudando a presidir reuniões. Por isso, é possível que a *Associação Promotora de Instrução e Trabalho para Cegos* seguisse como exemplo alguns dos principais ideais educacionais das escolas libertárias.

²¹² Francisco Ferrer (1859 - 1909) de origem espanhola foi um estudioso da educação que criou no início do século XX, a primeira escola moderna.

²¹³ Nesta Associação existiam um número considerável de membros que integravam a Diretoria que eram cegos.

A motivação inicial para a engajada preocupação de Cerruti com a educação profissional dos deficientes visuais surgiu através da relação de amizade com dois jovens irmãos cegos, João e Paulo, estudantes internos do Instituto Benjamin Constant²¹⁴, no Rio de Janeiro. Estes dois jovens de família humilde passavam as suas férias em São Paulo, local de residência de seus familiares, e justamente nestes momentos mantinham amizade com Cerruti. A relação próxima com estes jovens colaborou para a idealização do sonho de concepção de uma Associação voltada para auxiliar os cegos. As conversas de Cerruti com os amigos eram repletas de ensinamentos anarquistas. Em carta escrita por Cerruti em 1923, endereçada ao amigo Fábio Luz, explicou que leu o livro “*Os emancipados*”²¹⁵ para os jovens e estes ficaram comovidos com a tão edificante leitura.²¹⁶

No ano de 1924, ampliou seus esforços de militância na luta pela defesa por melhores condições de vida para os cegos na sociedade, por isso reivindicou por melhores oportunidades de trabalho para este grupo, através de manifestação no periódico socialista *La Difesa*.²¹⁷ Em artigo intitulado “Flagrantes”, nos conta das dificuldades encontradas por João e Paulo para conseguirem exercer atividade remunerada. Os dois irmãos conseguiram se profissionalizar no Instituto Benjamin Constant, mas após saírem de lá, não conseguiram emprego. Conforme nos conta:

“Conheço dois jovens cegos – que saíram do Instituto Benjamin Constant, perfeitamente instruídos, possuindo completa aprendizagem em manufactura de vassouras, escovas, espanadores, etc _ dois perfeitos officiaes que querem trabalhar mas que se vêm impossibilitados pelas dificuldades consequentes do regimen açambarcador.”²¹⁸

Cerruti defendia ainda que os cegos precisavam de instalações apropriadas para se dedicarem ao trabalho remunerado. E as máquinas apropriadas seriam caras, o que dificultava a sua aquisição.

²¹⁴ O Instituto Benjamin Constant é uma tradicional instituição de ensino para deficientes visuais.

²¹⁵ O livro *Os emancipados* (1906) de autoria de Fábio Luz tratava de um tema social importante que era a questão da miséria. (LUZ, Fábio. *Os Emancipados*. Lisboa: Clássica Editora, A. M. Teixeira e Cia., 1906.)

²¹⁶ Carta de Isabel Cerruti dirigida a Fábio Luz, 09 mai. 1923 (Fundo Fábio Luz).

²¹⁷ CERRUTI, Isabel. “Flagrantes”, *La difesa*, São Paulo, 01 fev. 1924. p.03.

²¹⁸ Idem, *Ibidem*. p.03.

Ela acreditava que os cegos eram marginalizados, pois inexistiam oportunidades de trabalho voltadas para aqueles que possuíam este tipo de deficiência. E explicava a situação de marginalização dos cegos no Brasil da seguinte maneira:

“Tristíssima, com efeito, a nossa éra em que as mentalidades não querem se compenetrar que a caridade deveria quanto antes ser relegada para as velhacarias e que só o surto gigantesco do trabalho viria suavizar todas as penas e satisfazer a todas as solicitações da Justiça. Mas para isso é preciso arrancar o trabalho da engrenagem asphyxica do systema monetário e proclamar-o na sociedade humana direito livre de todos e para todos.

Só assim os cégos e todos os mutilados da natureza terão franca possibilidade de contribuir, também, com a correspondente a actividade productiva, conforme a capacidade e as forças de cada um, para gozar, em comunhão de bens, as delicias de vida.”²¹⁹

A questão da valorização da fraternidade universal presente no projeto anarquista, através da premissa de que todos os indivíduos são iguais e merecem as mesmas oportunidades, a fez se interessar pela defesa engajada dos cegos. É provável que para Cerruti ajudar na melhoria das condições de vida dos jovens cegos, assim como de todos os “mutilados” colaboraria com a construção de um ideal anarquista fraternal. Para Cerruti, a valorização da fraternidade universal ainda contribuía para o advento da solidariedade no meio social, condição essencial para os anarquistas. Segundo Silvia Magnani, “[...] a expansão da consciência de classe corresponde à formação, entre todos os oprimidos, de uma solidariedade natural e espontânea”.²²⁰

Para Cerruti estes cegos eram extremamente injustiçados, devido à falta de oportunidades de trabalho existentes, por isso argumentava que esses homens poderiam “tornar-se vagabundos á força e estender a mão a esmolar”.

O sonho idealizado por Cerruti de ajuda humanitária aos cegos coincidia com os do professor Mamede Freire²²¹ que há muito tempo trabalhava pela melhoria das condições de vida dos deficientes visuais, por isso, juntos, criaram a *Associação Promotora de Instrução e Trabalho para cegos*.

²¹⁹ Idem, *Ibidem*. p.03.

²²⁰ MAGNANI, Silvia. *O anarquismo em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.87.

²²¹ Mamede Freire, ex-aluno do Instituto Benjamin Constant do Rio de Janeiro defendia que a melhoria da vida do cego ocorreria através da educação em instituições especializadas.

No dia 20 de maio de 1927, em São Paulo, foram lançados os fundamentos da Associação. Isabel e Mamede Freire contavam com escassos recursos para a concretização da fundação de uma escola para cegos. Até mesmo em razão da falta de recursos para a manutenção do empreendimento, a escolha do primeiro núcleo profissional foi inaugurado no subúrbio de Guaiaúna. Já neste início de idealização e construção deste tão altruísta projeto, Isabel Cerruti foi indicada como secretária da Associação, juntamente com a colega Manuela Soares.

Sobre os problemas enfrentados pelos cegos brasileiros, o artigo do jornal *Diário Nacional*, intitulado “No reino da perpétua treva”, de setembro de 1927, mostrava:

“Entre as desgraças que podem ferir uma criatura humana, nenhuma existe, certamente, mais dolorosa que a cegueira. [...] No passado, o destino fatal do cego pobre era o longo calvario dos caminhos, no gesto humano mais triste: a mão que se estende a uma esmola que nem sempre é dada. Cego e mendigo eram sinonimos. [...] Entre nós o problema do aproveitamento dos cegos foi até hoje completamente descurado. Ultimamente, no entanto, têm surgido varias iniciativas em pról da educação profissional dos cegos, todas ellas recebidas com sympathia pelo publico.”²²²

Neste contexto, no dia 8 de setembro de 1927, o professor cego, Mamede Freire realizou uma conferência no Instituto Histórico e Geográfico com a intenção de debater sobre a importância das Associações voltadas para a instrução dos cegos no Brasil. Segundo o próprio Mamede Freire existiam no Brasil, 35.000 pessoas cegas, deste total, 5.000 em São Paulo.²²³

No ano de 1929, Isabel Cerruti, até então secretária, passou a ocupar o posto de presidente honorária da Associação. Neste período contando com mais recursos, a A.P.I.T para Cegos inaugurou sua sede própria, na rua Cajuru, Belém, na cidade de São Paulo.

Em julho de 1930, no terceiro aniversário da Associação, foram conferidos diplomas de sócios beneméritos e bem feitos a Mamede Freire, Isabel Cerruti, Americo Cerruti e alguns diretores dos jornais *São Paulo jornal*, *Diário da Noite* e

²²² “No reino da perpetua treva”. *Diário Nacional*, *A democracia em marcha*, São Paulo, 09 set. 1927. p.05.

²²³ Idem, *Ibidem*.

Gazeta. Cerruti fez um discurso, onde enalteceu a importância da fundação da Associação, como a quarta realização de Mamede Freire, em nosso país.

Ainda nesta comemoração, tomou a palavra o cego Arthur Campos Filho que elogiou Isabel Cerruti devido ao seu trabalho de ajuda humanitária a causa dos cegos, nas suas palavras: “[...] D. Isabel Cerruti, uma das principais batalhadoras pela causa dos cegos”.²²⁴ Neste momento foi inaugurado o seu retrato na sede social.

Com a Associação já bem estabelecida na cidade de São Paulo, Cerruti tinha uma preocupação mais específica que dizia respeito especificamente à instrução profissional destinada a mulher. Então, em fevereiro de 1931, juntamente com outras mulheres fundou a *Legião Feminina em pról da mulher cega*, administrada pela própria *Associação Promotora de instrução e trabalho para cegos*. O objetivo da Legião Feminina era criar para as mulheres cegas paulistas um ambiente apropriado, parecido com o dos homens, dentro da Associação. Um espaço com abrigo, escola e oficina com trabalhos adequados e melhor adaptados às mulheres. O Diretório central da Legião Feminina em pról da mulher cega era composto por Isabel Cerruti, Elvira Gawronski, a professora cega Brasília Trigo Barrocas e sua auxiliar também cega, Martha Stafen.²²⁵ Observamos nesta iniciativa de Isabel Cerruti, a tentativa de promover ações especificamente voltadas para a emancipação da mulher cega.

Portanto, a Associação era aberta a todos os cegos, e tinha como princípio fundamental o de ser um “centro de resistência e proteção econômica para os privados de vista, sem distinção de sexo, crença, raça ou categoria social.”²²⁶ E a função principal da Associação consistia em ajudar a proporcionar autonomia própria aos cegos, como segue:

“[...] Assim, essa instituição paulista, sem auxílio do Estado, creou nucleos profissionaes de cégos onde, a par do ensino preliminar de alphabetização pelo methodo de “Braille”, aprendem elles a technica de um officio lucrativo, a pratica mercantil ao seu alcance, o

²²⁴ “Associação Prom. De Instrução e trabalho para cegos”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 03 jun. 1930. p.05.

²²⁵ “Fundada a “Legião Feminina em pról da Mulher Céga.”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 fev. 1931, p.04.

²²⁶ “Associação Promotora de Instrução e Trabalho para Cegos”. *Correio Paulistano*. São Paulo, 24 mai. 1938, p.19.

conhecimento da musica instrumental e adquirem empregos remunerados, sob um regime de cooperação livre e espontanea, em que cada individuo se constitui uma unidade economica de valor relativo á habilidade e merecimentos profissionaes.”²²⁷

A autonomia dos cegos na Associação era exercitada através da fabricação e venda de produtos em feiras livres, mercados e praças. A prática destes trabalhos pelos jovens ajudava a fornecer o próprio sustento e também de seus familiares. A Associação além de oferecer a educação profissional destinada ao público jovem, também oferecia alfabetização para crianças cegas. E Cerruti, muitas vezes ajudava na organização do material didático de nível primário destinado aos alunos.

O empenho de Isabel Cerruti nesta Associação foi inegável, não temos informações que confirmem até quanto tempo atuou na Associação, mas sabemos que realizou este trabalho durante um longo período de sua vida.



Fonte: **Jornal do Brás**. Disponível em <http://www.jorbras.com.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=4830&Itemid=2>. Acesso em 26 set. 2017.

Isabel, além da ocupação na Associação para cegos, também ajudou na organização de um Ateneu, na década de 1930, momento de transformação no setor cultural na cidade de São Paulo com a efervescência de centros de estudos ligados a uma pequena elite intelectual paulistana, mas também de centros culturais, não

²²⁷ Idem, *Ibidem*.

apenas voltados aos intelectuais, mas também à classe operária, como por exemplo, o *Ateneu de Estudos Científicos e Sociais*. Fundado no ano de 1934 na cidade de São Paulo, sua sede ficava na Praça da Sé e era um espaço promotor de palestras e leituras comentadas. Isabel Cerruti participou como conselheira deste centro de estudos. Ela foi a única mulher a fazer parte da Comissão diretora no momento de sua concepção. Este Ateneu tinha como proposta o estudo dos “[...] problemas humanos com absoluta independência de credos políticos, sociais ou filosóficos, a margem do partidarismo político e das paixões religiosas.”²²⁸

Isabel Cerruti, juntamente com os outros idealizadores do centro tinha a intenção de promover conferências, leituras comentadas e, além disso, editar uma revista de caráter científico e filosófico. O público do centro de estudos era composto pelos estudantes de ensino superior, por intelectuais, além dos operários. O Ateneu de estudos sociais promovia várias conferências, como a ocorrida em 1935 sobre *A sociologia na atualidade brasileira*, realizada pelo professor Antonio Picarolo, no salão do Centro do Professorado Paulista, espaço cedido ao Ateneu.²²⁹ As iniciativas de Cerruti na disseminação do conhecimento político e profissionalizante seria uma tentativa paulatina para a construção de uma sociedade mais igualitária.

3.2 Igualdade libertária

“O conceito de sociedade sem Estado é essencial para a compreensão da atitude anarquista. Rejeitando o Estado, o anarquista autêntico não está rejeitando a ideia da existência da sociedade; ao contrário, sua visão da sociedade como uma entidade viva se intensifica quando ele considera a abolição do Estado. Na sua opinião, a estrutura piramidal imposta pelo Estado, comum poder que vem de cima para baixo, só poderá ser substituída se a sociedade tornar-se uma rede de relações voluntárias.”²³⁰

Este conceito próprio do anarquismo sobre Estado explicado por Woodcock corresponde às ideias de Cerruti, embora, muitas vezes, ela adapte essa ideia geral as condições específicas brasileiras. Mas, o que chama à atenção no comportamento de Cerruti é a sua tentativa de procurar militar pela união entre

²²⁸ “Ateneu de estudos sociais”. *A Lanterna*, São Paulo, 20 set.1934. p.03. Retirado em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br>)

²²⁹ “Ateneu de estudos científicos e sociais”. *A Lanterna*, São Paulo, 09 fev. 1935, p. 03. Retirado: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br>.

²³⁰ WOODCOCK, George. *Os grandes escritos anarquistas*. São Paulo: L&PM Editores, 1998. p.12.

indivíduos, mesmo díspares entre si, para possibilitar uma sociedade marcada pela justiça social. Neste trabalho não tratamos especificamente das diferentes vertentes teóricas do anarquismo, como anarcocomunismo, anarcossindicalismo ou então anarquismo individualista, pois o mais importante é o entendimento das ideias específicas da personagem Isabel Cerruti, já que o anarquismo admitia e até mesmo exigia do militante uma leitura particularista dos seus conceitos genéricos.

Isabel Cerruti compreendia que atos de caridade promovidos pelos mais ricos não resolveriam os problemas estruturais da sociedade, como o da desigualdade econômica. Em seus escritos procurava sempre denunciar as mazelas sociais e as soluções “caridosas” promovidas por aqueles que possuíam o capital. Em 1916, denunciou os “capitalistas” pelo ato da realização de festas de caridade, motivados apenas por interesses próprios e por vaidade, ao qual considerava inúteis para a melhoria de vida dos mais pobres. Nas suas próprias palavras:

“Como se sabe, essas festas constantemente realizadas nesta capital, com todo o aparato carnavalesco, são festas de caridade em benefício das vítimas da seca do norte. [...] Assim é que quando a classe desprotegida, vítima de seus caprichos e de suas rapinagens, é atingida por uma calamidade, produto sempre desta sociedade cujos alicerces são o crime e o roubo, eles se alvoram em benfeitores e filantropos, promovem festas carnavalescas e ridículas, que degradam a civilização, e cujo móvel está longe de ser a solidariedade, mas sim a vaidade de uns e o interesse de outros.”²³¹

E reforça que o verdadeiro interesse para a promoção destas festas pelos capitalistas é o de enriquecimento próprio. Pois indica que são os próprios organizadores capitalistas aqueles que lucram com as festas e apenas “migalhas” são distribuídas para os mais necessitados. E este tipo de filantropia não proporcionaria a melhoria de vida dos mais pobres. Como podemos observar abaixo:

“Interesse de outros, porque não poucos capitalistas e negociantes auferem lucros com essas festas retumbantes, cujo produto, depois de engrossar os seus capitais, é distribuído às migalhas, não minorando de modo algum a sorte dos infelizes.”²³²

No artigo “Episódios trágico-ridículos desta sociedade” de 1919, Cerruti denuncia as péssimas condições de alojamento e vida de órfãos vivendo em um

²³¹ CERRUTI, Isabel. “As misérias desta sociedade”. *A Lanterna*, São Paulo, 12 fev. 1916. p.03.

²³² CERRUTI, Isabel. “As misérias desta sociedade”. *A Lanterna*, São Paulo, 12 fev. 1916. p.03.

casarão do bairro do Tatuapé, no qual utiliza linguajar caridoso e carinhoso para se referir às crianças, o que denotaria um sentimento de compaixão como componente essencial de seu anarquismo: pode-se afirmar que seria este um componente da relação entre o feminino e as causas sócio-políticas de sua adesão à ideologia?

“E’ triste dizê-lo, mas é a expressão da verdade: num casarão antigo e falto de higiene, não dispendo ao menos de instalação de luz nem de água, nem de esgoto, estão vivendo miseravelmente, a comer mal e a dormir no chão por falta de camas, encolhidos sob frangalhos que lhes cobrem os corpinhos sujos... Pobres criaturinhas! Para completar suas desditas, foram nestes últimos dias quase todas atacadas pela epidemia da gripe”.²³³

Quando se refere à moções de caridade por parte de senhoras abastadas, Isabel identifica-as como “algumas migalhas para acudir aos pobresinhos”. Ela assumia uma postura irônica ao tratar as questões relativas a ações de caridade realizadas pelos ricos. Por isso, ao invés de caridade, defendia a mudança de sistema político como alternativa viável para uma transformação realmente efetiva na vida dos mais pobres.

A sua preocupação girava principalmente em torno dos cidadãos mais desfavorecidos socialmente. E refletia que os problemas referentes a desigualdade não seriam resolvidos apenas com a caridade. Como mostra neste trecho:

“Se anarquistas existem é porque ha muitas causas para isso... [...]”. Vejamos pois quais são: a miséria, a prostituição, os trabalhadores inválidos abandonados ao léo servindo de pasto ás enfermidades, etc., etc. Cancelemos essas causas, e pronto, o problema estará resolvido. Mas, para isso é preciso... não, não, o problema é insolúvel....[...]” A caridade? Oh!, a caridade, indica a experiencia que nada resolve. Absolutamente. O que urge é fazer-se justiça. Justiça!”.²³⁴

Ela entendia que a miséria, tal como outros males sociais eram suficientes para justificar a existência do pensamento anarquista. Neste caso, o anarquismo enquanto movimento surgiu em um momento histórico preciso de crítica as mazelas sociais provocadas pela revolução industrial.

Isabel Cerruti via no progresso da “ciência burguesa” a base para o desenvolvimento industrial, o que acarretaria na luta de caráter econômico entre os povos. Refletia sobre o fenômeno de desenvolvimento do capitalismo, como

²³³ RUTI, Isa. “Os episódios trágico-ridículos desta sociedade”. *A Plebe*, São Paulo, 21 jun. 1919. p.03.

²³⁴ RUTI, Isa. “Deshumanidade”. *A Plebe*, São Paulo, 15 mai. 1920. p.03.

determinante para o surgimento do operariado. Os anarquistas compreendiam que os industriais faziam parte da burguesia e por isso seus discursos científicos seriam voltados à desarticulação dos problemas sociais. Para melhor exemplificar sobre as consequências da ciência para Cerruti, citamos um trecho do seu pensamento em 1917:

“A sciencia - no seu incessante progresso - desenvolvendo a indústria, determina a luta economica entre os povos. E traz como consequencia a miseria e a fome, e será portanto o golpe de graça que arrancará as massas do letargo maldito. Com o seu despertar desmontar-se-ão os últimos sustentáculos da velha sociedade.”²³⁵

Parece que os anarquistas privilegiavam uma ação política libertária, em detrimento da “verdade” baseada no método científico. Uma das interpretações possíveis para o tipo de pensamento de Cerruti seria a do estudioso Rodrigo Rosa:

“Se a burguesia, circundada pelos industriais e governantes tentavam a todo custo através do discurso técnico e científico, despolitizar os problemas sociais, transformar desigualdades econômicas e sociais em questões administrativas, imprimindo um discurso de neutralidade científica, fora dos conflitos políticos e sociais presentes na história, os anarquistas caminhavam no sentido contrário. Ao ‘politizar’ a ciência, ou melhor, ao exigir um posicionamento dos intelectuais e cientistas, os libertários mantiveram sua crença na ciência, mas não naquela falsa ideia construída pelos poderosos de que o pensamento científico está acima ou fora das disputas políticas, e sim aquela ideia própria dos anarquistas de que a ciência em si é política e por isso um espaço privilegiado de disputa e de luta.”²³⁶

Percebemos a intenção de Cerruti em fazer críticas ao desenvolvimento do capitalismo como o próprio gerador da miséria. E esta ciência ligada ao capitalismo seria propulsora do aumento da riqueza nas mãos da burguesia em detrimento da desigualdade social. Ela não necessariamente rejeitava a ciência, mas via a necessidade do seu próprio aperfeiçoamento dentro da lógica de uma sociedade anarquista, portanto defendia uma ciência libertária que tivesse a finalidade de promover a conscientização das massas trabalhadoras. A partir disto seria possível

²³⁵ CERRUTI, Isabel. “Fé, esperança e caridade”. *A Plebe*. São Paulo, 18 agost.1917. p.02.

²³⁶ SILVA, Rodrigo Rosa da. “Anarquismo, Ciência e Educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920).” Tese (doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2013.

aos “[...] elementos da classe baixa, [...] despertar da sua apathia de séculos”.²³⁷ Para ela, a ciência aperfeiçoada representaria um avanço para a humanidade, e isto possibilitaria o advento de um mundo livre de opressão e miséria.

A ciência nesta futura sociedade almejada seria fundamental e teria um papel privilegiado, no qual contribuiria para o bem-estar e a felicidade humana, nas suas próprias palavras:

“E então, raiando a alvorada da sociedade nova teremos assinalado no calendario a data solemne que a humanidade celebrará, unindo todos os homens num amplexo de verdadeiro amor, na mais perfeita harmonia e no meio da maior abundancia! Sendo a sciencia o principal agente da felicidade humana, ella expandir-se-á, então, cada vez mais pelo universo, contribuindo para o bem estar do homem com a sua util e bemfazeja coadjuvação.”²³⁸

Ela não identificou como seria esse “novo” modelo de ciência dentro de uma sociedade de base anarquista, então percebemos que não tinha a preocupação de explicar as características específicas sobre esta ideia, mesmo porque muitas de suas visões privilegiavam mais os princípios morais como forma de pensar sobre os variados problemas sociais. Em razão disto, parecia acreditar na necessidade de uma luta moral operária, desvinculada da moral burguesa, contra aquilo que representaria o atraso da humanidade, especificamente, neste caso, a miséria. Então de maneira prioritária a ciência deveria ser voltada para contribuir para o fim da desigualdade social. Manifestava confiança em uma sociedade constituída nos ideais anarquistas, pois a via como a mais digna para o povo trabalhador. Em razão disto refletia que a teoria capitalista representava o atraso, e por isso manifestava de maneira convicta uma visão contrária ao capitalismo:

“subversiva é a teoria capitalista, que as encerra no seu egoísmo, pouco se lhe dando que uma bôa parte da humanidade viva na mais revoltante miséria!” “A humanidade já não engole mais a pillula dos que dizem ao rico fez Deus para mandar e de pobre para servir.”²³⁹

Sobre seus discursos mais exaltados, nos quais manifestava verdadeira indignação em relação à riqueza acumulada nas mãos dos capitalistas, não conseguimos enxergar um aprofundamento de sua visão sobre quais eram os

²³⁷ CERRUTI, Isabel. “Fé, esperança e caridade”. *A Plebe*. São Paulo, 18 agost.1917. p.02.

²³⁸ Idem, *Ibidem*.

²³⁹ RUTI, Isa. “Ligeiros confrontos”. *A Plebe*, São Paulo, 30 set. 1917. p.03.

fatores pelos quais o regime capitalista escravizava “boa parte da humanidade”. Mas notamos um posicionamento em defesa principalmente da moralização social. Muitas vezes via com convicção suas ideias como as únicas possíveis para o avanço social da humanidade. Por isso, percebemos em diversos momentos a defesa por uma luta mais “aguerrida” contra as injustiças sociais, da seguinte maneira: “[...] Não queremos sangue e se sangue houver, seja para reivindicar os nossos direitos”²⁴⁰. Este pensamento coincide com a de muitos anarquistas que apesar de até considerarem o uso da força, não desejariam utilizar este tipo de ação.

Este discurso mais radical - embora permanecesse no nível ético, sem atacar diretamente questões econômicas propriamente ditas - era motivado pela indignação ao presenciar a situação de miséria, na verdade todos os problemas sociais enfrentados pela massa operária justificavam este seu tipo de pensamento. Via este tipo de situação como imoral e por isto refletia que a ação da militância anarquista deveria ser voltada para uma luta imediata por direitos sociais, através de uma insurreição das camadas mais pobres, algo considerado imprescindível para a própria sobrevivência humana, pois acabaria com a fome e qualquer outro tipo de violência contra a vida. Max Stirner explicava o conceito de Insurreição da seguinte maneira:

“A Insurreição não é um levante armado, mas um levante de indivíduos, uma tomada de posição que não tem qualquer compromisso com as consequências que dela poderão advir. A Revolução visava obter novas condições de vida; a insurreição nos leva a não aceitar mais a ideia de que alguém pode determinar as condições sob as quais deveremos viver, mas nos induz a determinar por nós mesmos essas condições, sem depositar grandes esperanças nas instituições. Ela não é uma luta contra a ordem estabelecida, já que seu sucesso determinará o fim dessa ordem; seu objetivo é fazer com que eu mesmo a abandone, pois no momento em que eu o fizer ela estará morta e já terá começado a apodrecer.”²⁴¹

A visão de Cerruti sobre insurreição, talvez possa ser interpretada como uma proposta voltada para a transformação da sociedade de maneira pacífica, sem violência, mas extremamente radical no modo das alterações das relações econômicas. Nos seus escritos a luta pela mudança social privilegiava à sua preocupação pelos problemas sociais decorrentes da desigualdade econômica

²⁴⁰ CERRUTI, Isabel. “As misérias desta sociedade”. *A Lanterna*, São Paulo, 12 fev. 1916. p.03.

²⁴¹ STIRNER, Max. *O ego e ele próprio*, 1907. In: WOODCOCK, George. Os grandes escritos anarquistas. São Paulo: L&PM Editores, 1998. p.156-157.

dentro da sociedade brasileira. Uma das suas propostas mais debatidas foi mesmo à defesa da igualdade entre toda a humanidade, homens e mulheres. O tema da igualdade econômica foi o foco principal de toda a sua militância, inclusive todas as suas ações foram motivadas pela busca deste ideal. Conforme explica neste trecho: o “[...] homem não deve dobrar a espinha perante outro homem. Todos têm direito à vida, ao bem-estar, desfrutando igualmente os benefícios de que a grande mãe - a Natureza - é de uma prodigalidade imensa.”²⁴²

Cabe ressaltar a valorização da natureza para os anarquistas e neste caso, Isabel Cerruti refletia sobre como os recursos naturais deveriam ser aproveitados igualmente por todos. Tratarei da questão da valorização da natureza mais adiante. Voltando a questão da igualdade em seus discursos, Cerruti indicava que a maior parte das riquezas estaria em posse dos religiosos, dos capitalistas e dos militares. E o restante da população, composta de desfavorecidos socialmente, não teriam acesso a estes recursos econômicos, por isso deveriam lutar para que estes papéis sociais fossem invertidos. Então através da mobilização do operariado, baseada em uma luta com princípios predominantemente anarquistas seria possível à destruição dos males sociais. Esta ação acabaria por promover a elevação física e moral da humanidade. Nas próprias palavras de Cerruti:

“A teoria anarchista manda destruir o conjunto dos males sociais que possa impedir a perfeita elevação física e moral da humanidade; proclamando o direito que tem o homem à vida, rodeado do maior bem estar possível ... [...]”²⁴³

Percebemos como Isabel Cerruti priorizava a elevação moral e o bem-estar dos indivíduos. Mas para este tipo de transformação social julgava ser necessário o advento de um novo tipo de sociedade. Em 1919, após a Primeira Guerra Mundial, refletia que a humanidade não aguentaria mais viver em função de uma sociedade baseada no capitalismo. Segundo suas próprias palavras:

“Quem sabe quanto tempo ainda a humanidade mourejará no mesmo vai-vem de *uma* vida monótona, sob o jugo *do capitalismo*, se não fôra a esgarçada *da* dura lição que lhe proporcionaram estes quatro anos de guerra, cujo desfecho patenteou aos olhos de todos a desilusão!”²⁴⁴

²⁴² CERRUTI, Isabel. “Fé, esperança e caridade”. *A Plebe*. São Paulo, 18 agost.1917. p.02.

²⁴³ RUTI, Isa. “Ligeiros confrontos”. *A Plebe*, São Paulo, 30 set. 1917. p.03.

²⁴⁴ RUTI, Isa. “Viva a guerra social!”. *A Plebe*, São Paulo, 01 mar. 1919. p.02.

Esperançosa com o fim da Primeira Guerra manifestava que a população mundial através da vivência proporcionada pelas dores de uma guerra, ampliaria sua consciência social em favor do anarquismo. Através de uma visão internacionalista abandonaria de vez, o preconceito do patriotismo e da religião:

“E dessa desilusão irradiou-se o facho de luz que iluminou todos os cerebros, banindo de uma vez para sempre de todas as consciências o preconceito do patriotismo e de religião, fazendo germinar em todos os corações o sentimento de amor e fraternidade!”²⁴⁵

Então acreditava que o momento pós-guerra seria propício para a humanidade fazer uma forte oposição ao capitalismo. Destacamos um trecho que mostra seu otimismo e entusiasmo sobre esta questão:

A humanidade já agora não deseja outra coisa senão confraternizar-se. E de norte ao sul, por todos os recantos da terra, começa a soprar o vendaval que ia de varrer todos os empecilhos aos seus desígnios, invadindo as raias das nações para desfraldar aos povos uma única bandeira! [...] Findou-se a guerra pro-capitalismo. Inicia-se a guerra contra o capitalismo. Será esta guerra mais formidável do que a outra, dado o ferrenho apego da classe burguesa aos seus privilégios. Privilégios esses que arrancados por meio da sagacidade ao comunismo, deve por uma invencível força natural a ele voltar, conseguindo a rota da evolução social, que alcançou o seu auge. [...] Ainda bem. Da guerra ateadada pela ganancia burguesa ressurgiu o proletariado conscio da sua potente força! Ele agora, amestrado na peleja, disposto á luta, cheio de heroísmo, deseja a guerra para abater o seu inimigo secular. Ha quatro annos atraz, nós gritavamos: Abaixo a guerra! Agora bradamos com toda a força do nosso peito: Viva a Guerra Social!”²⁴⁶

Ela via o anarquismo como a melhor opção possível de política a ser implementada, pois privilegiava a fraternidade, a justiça social e a liberdade, propostas não existentes no regime capitalista. Mas, a única maneira de possibilitar a transformação social seria através da instrução política do proletariado. Assim os trabalhadores instruídos realizariam o trabalho de propaganda libertária para conquistar o despertar de consciência social entre as massas. E desta forma seria possível a conquista de uma civilização igualitária do ponto de vista social e econômico. Cerruti foi defensora das ideias de igualdade propostas pelo maximalismo²⁴⁷, de Edgard Leuenroth e Hélio Negro, conforme citamos abaixo:

²⁴⁵ Idem, Ibidem.

²⁴⁶ Idem, Ibidem.

²⁴⁷ Aplicação máxima do programa socialista.

“Socialismo ou comunismo libertário, é a doutrina daqueles que, tomando por base a conveniência da solidariedade humana, para que a sua espécie atinja o máximo de bem-estar e aperfeiçoamento moral e material – são partidários da igualdade econômica e política dos indivíduos na sociedade e entendem que todas as utilidades devem constituir patrimônio comum, visto que são o produto do trabalho coletivo através dos tempos. Na sociedade, como na família, qualquer forma de estímulo que permita a um dos seus membros situação econômica superior aos outros é perturbadora e contraproducente, porque engendra a desarmonia social. A Coletividade deve exigir de cada um, e dar a cada um, segundo as necessidades e possibilidades existentes.”²⁴⁸

Ideias que propunham a igualdade radical entre todos os membros da sociedade. Então, em 1919 propunha a construção do ideal do maximalismo²⁴⁹, através da contribuição engajada de todo o operariado. Diante do entusiasmo de parte dos trabalhadores, fez uma alerta da necessidade de ação em favor da causa operária:

“Não ha quem não sinta um fremito de alegria ao ouvir falar na possível igualdade social. [...] Mas, palmas e louvores não custam trabalho e são de resultado nullo.” O que é preciso para chegar-se a um resultado produtor são factos; numa palavra, é preciso trabalhar. Trabalhar com afinco para conseguirmos a diminuição da ignorancia no seio da massa obreira. Diga-se a verdade: no Brasil, mesmo por falta de organização ou falta de liberdade, ou melhor, por falta de vontade, a ignorancia ou a inconsciencia, como queiram, é muita. Não raro, porém, ouvimos phrases envoltas em fumaradas de entusiasmo, como estas, por exemplo: O maximalismo avança, tomára que chegue logo até nós também. Eu seria o primeiro a sahir á rua! Viva a igualdade! Viva a revolução social! Abaixo a burguezia!”etc. Como se o maximalismo devesse chegar de aeroplano ou cahir do céu... [...] Devemos ajudar a sua confecção.”²⁵⁰

Este seu manifesto indica não só a defesa, mas também a propaganda focada em estimular uma construção conjunta entre as massas populares, das ideias do maximalismo, através de uma ação direta em território brasileiro.

Como leitora também das ideias de “Evolução e Revolução” de Élisée Reclus,²⁵¹ defendia estratégias de luta organizadas e calculadas através da união e

²⁴⁸ NEGRO, Hélio; LEUENROTH, Edgard. O que é o maximismo ou o bolchevismo. São Paulo: Editora Semente, 1919. p.25.

²⁴⁹ Isabel Cerruti defendeu as ideias contidas na obra *O que é o maximismo ou o bolchevismo* de Edgard Leuenroth e Antônio Candeias Duarte.

²⁵⁰ RUTI, Isa. “Exhortação aos operários”. *A Plebe*, São Paulo, 24 mai. 1919. p.04.

²⁵¹ Reclus (1830 -1905) foi um geógrafo e militante anarquista francês.

vontade dos indivíduos da massa trabalhadora para a conquista da “paz social”. O estudioso Rodrigo Rosa explica as ideias de Reclus sobre revolução da seguinte maneira:

“Reclus não separava Geografia Física da Geografia Humana, ideia expressa em sua célebre frase ‘O Homem é a Natureza tomando consciência de si mesma’. Analisava os fatos sob o prisma da luta de classes, mas, indo além das interpretações economicistas e deterministas em voga no campo do socialismo autoritário, acrescentava o papel essencial da vontade do indivíduo no processo social e destacava sua teoria da evolução e revolução, conceito emprestado das ciências naturais e aplicado à sociedade.”²⁵²

E por isso, Cerruti via que a difusão do conhecimento formaria em cada pessoa um espírito revolucionário e que vencendo a ignorância, as pessoas teriam capacidade de criar um mundo novo. Esta seria a única possibilidade para o triunfo do anarquismo. Então defendia que o operário convicto da causa libertária deveria conscientizar o companheiro desprovido do ideal anarquista:

“Devemos, portanto, trabalhar nesse sentido. Que cada operário consciente seja incançável para illucidar o companheiro obscuro. Ao envez de serem tão assíduos nos cinemas ou nas sociedades recreativas, reunam-se em suas casas e sindicatos, e estudem a questão social através dos livros ou dos jornaes de propaganda. Leiam para os que não o sabem... [...] O que importa é diminuir a ignorancia. A medida que decresce a ignorancia, enfraquece a força dos nossos adversarios.”²⁵³

Cerruti pensava que a igualdade social não seria alcançada apenas através da vontade e de discursos, pois compreendia que o engajamento dos anarquistas destinado a educação política no meio operário seria imprescindível. E admitia que no Brasil “[...] por falta de organização ou falta de liberdade, ou melhor, por falta de vontade, a ignorância ou a inconsciencia, como queiram, é muita.”²⁵⁴

Desta maneira reconhecia que uma das formas para se alcançar o ideal dos anarquistas de igualdade social seria através de uma revolução voluntária na educação. Para tal transformação social, a massa trabalhadora deveria estudar com

²⁵² SILVA, Rodrigo Rosa da. Anarquismo, Ciência e Educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920). Tese (doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2013. p.194.

²⁵³ CERRUTI, Isabel. “Exhortação aos operários”. *A Plebe*, São Paulo, 24 mai.1919. p.4.

²⁵⁴ Idem, *Ibidem*.

afinco “a questão social”, através dos jornais e livros de propaganda. Durante toda a sua militância acreditou que um dos elementos capazes de promover a mudança social diante das adversidades dos regimes exploradores seria o investimento na educação da massa trabalhadora para garantir uma melhor organização do operariado.

Apesar de ter esperança na solução dos problemas sociais através da adoção deste tipo de política, manifestava em seu discurso a obrigatoriedade da militância para a construção destas ideias na prática cotidiana. Ela refletia que a propaganda revolucionária no intuito de melhor informar seus leitores deveria ser transmitida através de uma linguagem simples de modo a facilitar a compreensão e ainda persuasiava para convencer o operariado. Mas não era apenas a propaganda anarquista uma prática necessária para a promoção do anarquismo, mas também a ação direta, conforme explica: “Oh!, quem me dera ter o poder de fazer com que a legião que vem de longa data suportando tiranizada o regime atual, saísse à rua já, sem mais demora, para fazer justiça”.²⁵⁵

Este tipo de altruísmo mais radical na sua proposta nos faz pensar sobre algumas questões importantes da sua própria prática como militante. Apesar de Cerruti ser contrária à hierarquização das relações de poder, e pregar honestamente pela justiça social, será que este discurso não induziria a um tipo de disciplina revolucionária autoritária ou mesmo o seu absoluto contrário, ou seja, a espera sem data precisa de uma hipotética ação de massas?

Muitos anarquistas, assim como Cerruti acreditavam que a função da organização revolucionária não era necessariamente a de guiar as massas trabalhadoras, mas sim seguir juntos sem incorrer no erro de reproduzir novas classes e nem ditaduras proletárias. Apesar disto, sobre a proposta libertária do anarcossindicalismo, Malatesta temia “[...] que os sindicatos viessem a se transformar em instituições de classe totalmente petrificadas.”²⁵⁶

Cerruti, em 1920, de maneira confiante refletia que a humanidade depois de tanto sofrimento, já teria consciência da necessidade do advento de uma nova civilização, possível de ser alcançada com base nos princípios anarquistas:

²⁵⁵ RUTI, Isa. “Os episódios tragico-ridículos”. *A Plebe*, São Paulo, 21 jun. 1919. p.03.

²⁵⁶ WOODCOCK, George. *Os grandes escritos anarquistas*. São Paulo: L&PM Editores, 1998. p.155.

“Esse novo estado de coisas, já não padece duvida, todos compreendem, todos o sentem que, para atender os desígnios da evolução actual, deve ser baseado nos princípios comunistas e anarquistas.”²⁵⁷

Desta maneira, repudiava um tipo de sociedade de caráter autoritário com princípios baseados na dominação de classes, mas defendia uma sociedade sem nenhuma autoridade constituída, baseada apenas na organização de caráter voluntário e livre de acordo com a vontade dos indivíduos. Para Cerruti, este tipo de sociedade deveria ser fundamentada principalmente na igualdade de direitos. E a vida social orientada pelo princípio de solidariedade. Apesar é claro, da sua defesa pelos princípios de fraternidade e liberdade, a sua ação era voltada com a finalidade da conquista de igualdade econômica entre os indivíduos.

A ocorrência da distribuição desigual das riquezas no país, entre dois extremos: o da miséria e o da riqueza, para Cerruti deveria ser substituído pela igualdade plena, mesmo que fosse pela substituição de um estado de pobreza geral para todos. Refletia que este tipo de “igualdade” seria melhor, por não achar justo a ostentação de riquezas em detrimento da exploração dos trabalhadores. E explicou desta maneira:

“Essa besteira, só mesmo no bestunto burguez. Mas, si fosse verdade? Era preferível ver-se a nivelação sócial pela miséria, do que ver-se uma miséria, que não trabalha, arrotando de tão farta e a maioria, que arrebenta de tanto trabalho, com o estomago em caimbra pela insuficiência de alimento.”²⁵⁸

A ideia de igualdade proveniente do socialismo também animava Cerruti, pois em 1919 nutriu simpatia pelo bolchevismo italiano. Chegou a criticar jornalistas brasileiros que manifestavam sua contrariedade a este tipo de política. Segundo Cerruti estes possíveis “jornalistas” diziam, “[...] que o bolchevismo não era planta para as terras da sua querida e adorada pátria...”²⁵⁹ Mas diante das últimas notícias, estes críticos teriam ficado “[...] com a boca escancarada e o nariz de palmo e meio...”²⁶⁰ Logo após a Grande Guerra na Itália, os socialistas das cidades industriais que dirigiam sindicatos operários, ocuparam e tomaram conta das fábricas com o afastamento dos proprietários. E iniciaram a administração destes

²⁵⁷ CERRUTI, Isabel. “O triunfo da anarchia”. *A Obra*, São Paulo, 01 mai. 1920, p.09.

²⁵⁸ RUTI, Isa. “A nivelação pela miséria.” *A Plebe*, São Paulo, 16 out. 1920. p.04.

²⁵⁹ RUTI, Isa. “Cotucadas plebeas”. *A Plebe*, São Paulo, 21 out. 1919, p.02.

²⁶⁰ Idem, *Ibidem*.

estabelecimentos. Mas passado alguns meses sofreram problemas econômicos sérios, por isso foram obrigados a chamar novamente os proprietários, isto constituiu uma grande derrota para o movimento operário²⁶¹.

Mas a defesa do socialismo italiano durou pouco, pois em 1920, Cerruti manifestava seu descontentamento, conforme fica evidente em suas palavras:

“Agora, mais do que nunca, depois que da Italia nos vem a demonstração de que, para a humanidade sofredora, os socialistas constituem a praga mil vezes mais perniciosa que a praga do Vaticano. A realização do socialismo, viria interceptar-nos o caminho para o futuro. Ao passo que a realização da anarquia deixa o caminho livre para a humanidade evoluir, num surto crescente de progresso, para a perfeição.”²⁶²

É possível que tal descontentamento se justifique em razão da adoção pelos socialistas de um governo regido por partidos. Compreendia no socialismo um sistema político regido por variadas leis e obrigações. E para ela, estas “burocracias” poderiam não contribuir para a melhoria das condições de vida do operariado. Explicava da seguinte maneira o seu pensamento acerca do socialismo:

“Está se demonstrando, de um modo preciso, a nulidade do parlamento, no que se refere á questão social, nos paizes onde o povo decide de livre arbítrio nas lutas eleitoraes. [...] Nós vemos, outrosim, no cenário do mundo, ora no estertor da convulsão para romper o antro estreito que já não comporta as aspirações do genero humano, a ação prejudicial daquelas mentalidades, cuja evolução se deteve na acanhada concepção socialista, que querem impor á humanidade o circulo onde ela se deve mover, conduzida pelo freio de um arsenal de leis e obrigações. Rejubilavamos por não haver no Brazil desses escolhos a dificultar a ação dos pioneiros da anarquia.”²⁶³

Outra crítica que fazia ao socialismo era em razão da sua semelhança com os sistemas políticos de modelos liberais. Expressava sua insatisfação sobre o parlamento, no qual julgava ter uma função inútil para a resolução dos problemas sociais. O ideal democrático defendido por Cerruti seria aquele em que o povo tivesse o poder de decisão política. Em relação ao sistema político parlamentarista alega ser ineficiente em relação as questões sociais.

Sobre o sistema liberal de representação tinha restrições, pois até mesmo denunciou a política fraudulenta que ocorria principalmente em municípios menores

²⁶¹ Ver DROZ, Jacques. *História geral do socialismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

²⁶² SILVA, Isabel. “Ao camarada Content: d’ “A obra”. *A Plebe*, São Paulo, 23 out. 1920, p.03.

²⁶³ CERRUTI, Isabel. “Suicídio moral”. *A Plebe*, São Paulo, 06 nov. 1920. p.04.

do Brasil, onde coronéis (patrões locais) orquestravam as decisões políticas através da coação de votos dos eleitores. Sobre este tipo de política, Cerruti explica: “Imagine-se o que haveria a esperar em um país como o nosso, onde, na apuração dos escrutínios, impera a fraude politqueira, mantida pela imposição, a cacete e a balas, da capangada facinora a soldo do caciquismo?”²⁶⁴

No ano de 1923, em razão da decepção em relação ao socialismo, reafirmou seu posicionamento convicto como anarquista:

“A nossa missão é prosseguir com o facho do ideal anarquista, sem nos comover com as bellezas que nos ofereçam uma nova forma de governo impondo maravilhas obrigatórias. Enquanto houver obrigatiedades impostas por hierarchias de uns individuos sobre outros seres humanos, perdurará a escravidão.”²⁶⁵

Neste momento Cerruti fazia referência ao modelo de política implantado na Rússia, por considerá-lo hierarquizado. Via que as discussões realizadas em torno da Rússia eram necessárias para o próprio encaminhamento dos trabalhos de propaganda anarquista. Desta forma defendia que os anarquistas não deveriam apoiar o governo russo, em razão de sua política autoritária. Segue suas explicações sobre o que teria acontecido na Rússia: “[...] desvirtuada por um bando de espertalhões [...] que instituíram formas de governos excelentes em seus princípios, mas degenerados da maneira que vemos pelo espírito autoritário... [...]”²⁶⁶ Denunciava que o Estado russo havia promovido repressão e perseguição aos anarquistas, além dos demais opositores do seu programa político.

Em 1932 suas reflexões sobre a questão da desigualdade econômica foram melhor aprofundadas, pois ela indicou as causas, consequências e soluções para o problema. Ela refletia que o fim da desigualdade econômica só seria possível através da oportunidade de trabalho para todos. Ela explica da seguinte maneira:

“Então, qual a maior das pragas sociais, que agrava a miséria? É justamente a praga do desemprego. Portanto, vamos aqui cuidar deste grave fenômeno. O desemprego é um tema que deve ser afrontado plenamente, analisado, explicado por meio de raciocínios objetivos como se faz sobre a solução de um problema aritmético.”²⁶⁷

²⁶⁴ Idem, *Ibidem*.

²⁶⁵ SILVA, Isabel. “Ponderando.” *A Plebe*, São Paulo, 10 nov. 1923. p.02.

²⁶⁶ SILVA, Isabel. “Ponderando”. *A Plebe*, São Paulo, 10 nov. 1923. p.02.

²⁶⁷ CERRUTI, Isabel. “O desemprego”. *La Difesa*, São Paulo, 19 fev. 1932. p.03.

Isabel Cerruti acreditava que o desemprego seria um problema mundial, e muito debatido por estudiosos, mas apesar disto nunca solucionado. E as soluções já propostas para a erradicação deste problema dependeriam apenas de interesses puramente econômicos.

Ela compreendia como solução para a crise do desemprego o rompimento com o capitalismo, e a aliança “[...] com os trabalhadores para exigir que os ricos disponham de seus haveres, pois os seus lucros na verdade pertencem aos trabalhadores [...]”.²⁶⁸

Cerruti reconhecia que o problema do desemprego passou a causar sérias preocupações entre os ricos do mundo inteiro. É possível que ela tenha feito referência a crise de 1929 com grande repercussão no ocidente. A crise de 1929 foi um momento de grande preocupação dos políticos no mundo inteiro. Se antes os líderes mundiais acreditavam que não cabia ao Estado uma preocupação maior com a situação social dos indivíduos, com a crise os políticos perceberam melhor a necessidade do cuidado com as populações. Eric Hobsbawm explicou que, “a Grande Depressão obrigou os governos ocidentais a dar às considerações sociais prioridade sobre as econômicas em suas políticas de Estado. Os perigos implícitos em não fazer isso – radicalização da esquerda e, como a Alemanha e outros países agora o provavam, da direita – eram demasiado ameaçadores.”²⁶⁹

Diante desta crise, os ricos viam com receio a possibilidade que seus privilégios pudessem ser ameaçados, através da iniciativa dos mais pobres em reivindicar por justiça social. Ela percebia a manifestação de sentimentos de humanidade por parte da burguesia, quando procuravam discutir meios para o enfrentamento desta crise. Mas continuava a acreditar que a superação da crise seria apenas possível através de uma completa mudança na organização social: “[...] É que a crise econômica do nosso presente não é senão a consequência lógica de uma organização social que já foi superada no tempo, que não pode continuar a subsistir, que deve ceder o lugar a uma outra: a organização coletiva”.²⁷⁰

²⁶⁸ Idem, Abidem.

²⁶⁹ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos – O Breve Século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p 99.

²⁷⁰ CERRUTI, Isabel. “O desemprego”, *La difesa*, São Paulo, 22 fev. 1932. p.03.

Para Cerruti, a crise do desemprego estava ligada ao aparecimento e desenvolvimento das máquinas, pois estariam concorrendo com a força de trabalho do homem. E esta situação acarretaria a demissão em massa dos trabalhadores. Em razão disto seria cada vez mais difícil o acesso das riquezas pelo trabalhador. E diante desta miserabilidade, refletia que os trabalhadores poderiam recorrer à violência como forma de sobrevivência. Ela indica que uma consequência da miséria seria a prática de meios ilegais pelos indivíduos como forma de sobrevivência. Então estes indivíduos poderiam recorrer a prática de crimes, como por exemplo, os furtos. Nas suas próprias palavras: “Daí que a falange de mendigos, de delinquentes, de criminosos de todas as espécies recorram a meios extremos pra poder viver por bem ou por mal, de qualquer modo.”²⁷¹ A sua visão sobre a existência da fome na sociedade era vista também como um absurdo de ordem moral, pois identificava a fome como um crime monstruoso e um absurdo intolerável, segundo sua próprias palavras: “Não pode ser completa a felicidade ou a tranquilidade dos ricos senão quando a feiura e o horror da miséria deixem de ferir a ética e a estética social.”²⁷²

Isabel Cerruti em seu artigo “A racionalização dos partidos políticos”, publicado no periódico *A Plebe* contou que leu um livro de um autor chamado Alfredo Cecilio Lopes²⁷³. E diante da leitura, fez algumas considerações elogiosas sobre o autor, pois percebeu suas reflexões em benefício do interesse coletivo, através do esforço em pensar sobre o conflito entre o capital e trabalho, e desta maneira percebeu com simpatia a questão proletária. Essa era uma questão de extrema importância no pensamento de Cerruti, pois defendia a emancipação social conduzida pelo próprio trabalhador. Exemplificamos melhor a sua posição:

“Embora portadora de um super ideal de redenção humana, que determina seja a questão entre o trabalho e o capital resolvida pela emancipação dos trabalhadores, efetuada pelos próprios trabalhadores, intransigentes contra qualquer intervenção messiânica ou ajustes paliativos, apresento, entretanto, o autor de ‘Racionalização dos Partidos Políticos’ os meus respeitos por considera-lo um idealista. Idealista de boa fé e ótimas intenções, e por isto vou dizer-lhe com a franqueza que nos caracteriza, a nós, os que pugnamos nas fileiras das correntes libertarias por uma

²⁷¹ Idem, Abidem.

²⁷² CERRUTI, Isabel. “O desemprego”, *La difesa*, São Paulo, 25 fev.1932, p.03.

²⁷³ Foi advogado e professor de Direito.

humanidade mais perfeita e feliz o que penso de seu livro, ou melhor, o que penso do seu ideal.”²⁷⁴

Mas ela discordou das estratégias de luta defendidas pelo autor, pois era favorável a uma emancipação mais radical dos trabalhadores, mesmo devido a sua formação libertária. Apesar disto defendeu que ideais políticos divergentes fossem analisados de modo aprofundado, com a finalidade de aperfeiçoamento, conforme explicou: “Desejaria, tão somente, que cada qual que possui um ideal fosse sincero na condução desse mesmo ideal e procurasse escoimar-lo de prováveis erros e defeitos, elevando-o ao mais alto grau de perfeição possível.” Para Cerruti, o autor Alfredo Cecilio Lopes reconhecia que os povos conseguiram várias conquistas liberais, “[...] mas, no reverso, a desigualdade econômica sempre crescente.”²⁷⁵

E ao explicar a desigualdade existente no Brasil, Cerruti, expõe o pensamento de Alfredo Lopes sobre o conflito entre patrão e operário diante do capital. Onde prevalece a desigualdade socioeconômica, pois a remuneração do operário não é adequada ao seu trabalho. Vejamos:

“A máquina torna o patrão nababo e o operário miserável. Miserável, porque não tem uma remuneração adequada ao seu trabalho o que o vota a uma existência vegetativa, embrutecida, sem poder, nem ao de leve, sonhar com uma melhoria de vida; miserável porque não pode ter ideais superiores para si nem para os seus.”²⁷⁶

Ainda a militante analisou que Cecílio Lopes compreendia que a melhor forma de solucionar o problema da desigualdade seria através de uma organização política transparente e de representação do povo:

“O dr. Cecilio Lopes, com essa clarividência das coisas, acha que com uma organização racional dos partidos políticos a seu modo, contra toda e qualquer especie de ditadura, se obteria um sistema social ideal para debelar o estado precário da humanidade.”²⁷⁷

Cerruti elogiava a proposta como revolucionária, ao considerar importante a defesa de novos e honestos métodos políticos:

“A sua doutrina é revolucionaria, visando “o Estado emperrado numa burocracia ronceira e enervante... “A sua tese, para colação de grau, é um arrojo, nestes tempos de submissão de consciências

²⁷⁴ CERRUTI, Isabel. “A racionalização dos partidos políticos”. A Plebe, São Paulo, 13 out. 1934, p.02.

²⁷⁵ Idem, Ibidem.

²⁷⁶ CERRUTI, Isabel. “A racionalização dos partidos políticos”. A Plebe, São Paulo, 13 out. 1934, p.02.

²⁷⁷ Idem, Ibidem.

avassaladas ao interesse imediato, pleiteando — " Para as novas maneiras da vida social, novos métodos políticos."²⁷⁸

Cerruti parece considerar até interessante um pensamento político diferente do anarquista. Mas apesar de não impor seu próprio projeto político ideológico, finalizou suas críticas apontando falhas na proposta política do advogado, pois argumentava que em razão da sociedade ser composta por classes sociais antagônicas, então naturalmente prevaleceria a exploração econômica,

“[...] mesmo assim, essas forças, prontas para magnificas funções, iriam esbarrar com a estreiteza do circulo vicioso de uma burocracia inútil e talvez parasitaria, e uma economia, com toda a certeza, insuficiente, para levarem á cabo a sua missão. Mesmo com “cada macaco no seu galho”... “Os galhos secos e sem seiva ficariam, por certo, reservados aos macaquinhos comuns, privilegiando-se os galhos viçosos para os macacos de raça... Medite sobre isso o nosso amigo, tire, quanto possível, a prova na pratica, se quiser, e vá adiante, mais adiante e sempre mais alto, com o seu pensamento desejoso de fazer obra boa em pról dos trabalhadores.”²⁷⁹

Fica claro que a militante apesar de discordar de parte do pensamento do advogado, analisou a sua proposta mediante aquilo que ele se propunha a fazer, então neste momento, não identificou o seu ideal anarquista como o único ideal possível de “salvação” das misérias da humanidade.

3.3 Posição política “plural”

A militância política de Isabel Cerruti no movimento anarquista, não a impediu de atuar concomitantemente como redatora na imprensa socialista. Apesar da atuação em jornais de posições políticas ideológicas divergentes, notamos a sua participação mais ativa no próprio meio anarquista. No ano de 1924, alguns meses após manifestação de defesa do ideal anarquista na imprensa libertária, Cerruti começou a escrever no jornal socialista, antifascista e republicano, o *La Difesa*. Apesar de não ter escrito muitos artigos neste jornal foi uma militante prestigiada no meio socialista, pois no ano de 1932 ganhou uma coluna chamada *A tribuna da mulher*²⁸⁰. Além disso, o jornal *La Difesa* costumava anunciar algumas de suas

²⁷⁸ Idem, Ibidem.

²⁷⁹ Idem, Ibidem.

²⁸⁰ CERRUTI, Isabel. “La tribuna della donna”. *La Difesa*, 19 fev. 1932. p. 3.

conferências. Ainda neste jornal havia vários anúncios de propaganda do comércio de seu marido, pois membros da família Cerruti eram socialistas e colaboradores do jornal.

A visão até certo ponto plural e aberta na aceitação de outras correntes políticas de esquerda possibilitou a participação de Cerruti no *La Difesa*. Interessante notar também por parte dos socialistas a aceitação de uma militante anarquista no seu meio. O que nos faz pensar que apesar de ideias políticas divergentes, está o fato da proximidade amigável entre estes dois grupos políticos.

No periódico *La Difesa*, Cerruti tratou sobre as questões sociais universais que causavam preocupação entre anarquistas e socialistas. Os temas abordados neste jornal diziam respeito à crise econômica, a violência e ao desemprego da massa operária, inclusive dos jovens cegos. Suas discussões no *La Difesa* foram mais complexas, pois aprofundaram temas relacionados aos problemas sociais e as suas consequências, o que não era comum de acontecer em outros periódicos. Isabel Cerruti não fazia propaganda engajada do anarquismo neste periódico, mas apesar disto defendeu uma ideia tipicamente anarquista, ou seja, a atribuição do poder geral aos sindicatos operários. Tais propostas se opunham frontalmente às ideias socialistas do jornal *La Difesa*, pois para os seus editores e colaboradores, o poder máximo deveria sair de dentro do partido político socialista. Então, mesmo neste jornal, fazia prevalecer a sua visão libertária de mundo.

Cerruti, na militância no jornal *La Difesa* estava mais preocupada com problemas sociais e não na prática da defesa de propaganda anarquista. Essas preocupações eram o motivo da união entre estas duas correntes de esquerda.

Por outro lado, podemos observar que muitos pertencimentos ideológicos não apareciam claramente definidos, podendo haver entre eles evidentes clivagens. Referindo-se à existência de grupos socialistas em São Paulo, Luigi Biondi observa que,

“é interessante notar que o grupo do Brás era, até Abril de 1907, o antigo Circolo di Studi Sociali, no qual havia um bom número de libertários de língua italiana, evidenciando que havia superposições entre anarquistas e socialistas também em grupos políticos, e não somente, como seria provável, nos sindicatos”.²⁸¹

²⁸¹ BIONDI, Luigi. *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas-São Paulo: Editora da Unicamp, 2011. p.256.

A participação de Isabel Cerruti no movimento anarquista e concomitantemente no socialista, em alguns momentos de sua carreira, é um claro exemplo da existência de fronteiras porosas entre as diferentes correntes ideológicas e ao menos da passagem e circulação entre elas de diversos militantes. De um ponto de vista geral podemos situar a relação anarquismo e socialismo a partir das suas diferenças fundamentais. Os anarquistas eram unânimes nas propostas de abolição do Estado, na negação de práticas eleitorais e na recusa de um partido centralizado. A aceitação da autoridade pelos socialistas era a proposta principal para distingui-los dos anarquistas. Pois os libertários lutavam pela abolição de qualquer tipo de autoridade e de suas formas de manifestação. Podemos observar que os meios políticos para a implementação do anarquismo eram diferentes da proposta marxista, pois os libertários rejeitavam a tomada de poder e a ditadura do proletariado. Mas algumas ideias aproximavam as duas correntes como: a valorização da igualdade entre os indivíduos, da ciência e da educação.

Também dentro do próprio movimento anarquista, existiam propostas divergentes para a condução da luta, no qual explicaremos logo a seguir.

No ano de 1932, na coluna “A Tribuna da mulher”, no periódico socialista *La Difesa*, Cerruti pela primeira vez falou sobre a importância dos sindicatos para a luta e organização do operariado. No qual via a necessidade da organização dos operários dentro dos próprios sindicatos. Conforme podemos perceber neste trecho do seu escrito²⁸²,

“[...] apenas quando os diversos estratos da população operária abandonarem as suas ilusões relativas às leis, e a outras coisas semelhantes, e se decidirem de forma resoluta a se organizar em sindicatos, tão logo estes operários compreenderem que toda a classe trabalhadora, na multiplicidade das suas profissões (deve agir conjuntamente) [...] só então o proletariado poderá constituir uma força eficiente e disciplinada que poderá realizar a sua missão, pondo a luta em termos finais.”²⁸³

Desta maneira defendia que o sindicato fosse o responsável por conduzir a luta contra o sistema capitalista. Este tipo de proposta sobre a organização de luta operária dentro dos sindicatos não era unânime entre os anarquistas. Malatesta, por

²⁸² Tradução do italiano para o português feito pela autora.

²⁸³ CERRUTI, Isabel. “O desemprego”. *La Difesa*, São Paulo, 19 fev.1932, p.03.

exemplo defendia a necessidade de organizações especificamente anarquistas, isto é espontâneas para a promoção da luta libertária, pois entendia que os interesses imediatos da luta sindical poderiam acarretar em mudanças mais lentas para o operariado. Os sindicatos, neste caso, podem exercer um papel que não seja democrático, isto é que não represente o povo, mas imponha uma relação política fechada. Neste sentido é preciso observar a prática específica dos sindicatos para que se possa fazer uma análise correta da sua representatividade.

Em relação à aproximação de Isabel Cerruti com outras correntes de esquerda observamos um outro episódio no ano de 1934, quando foi convidada por alguns amigos ex-anarquistas para entrar no Partido Comunista. Interessante perceber que no ano anterior, em uma reunião na sede da *Lega Lombarda* em São Paulo, Cerruti prestou homenagem a um comunista que havia sofrido um acidente ao colocar “uma bandeira vermelha em um fio de alta tensão da Light”²⁸⁴. Ao prestar homenagem a este comunista, destacamos mais uma vez que em certas ocasiões de sua trajetória militante, não seguia estreitos parâmetros ideológicos, mas pelo contrário mantinha uma visão “pluralista” do assim denominado movimento operário.

Em relação ao convite, não aceitou por alegar que poderia fazer obra proletária sem a orientação política russa. Ela acreditava que a Rússia não conseguiria satisfazer os ideais plenos de liberdade para os seus operários. Segue a resposta dada aos seus amigos ex-anarquistas:

“Disse á esses camaradas, do meu ponto de vista pessoal: - de um possível erro em que incorrêssemos ao utilizarmos-nos da Rússia para servir ao frontespício de todas as nossas questões como símbolo ou como uma divisa sagrada.” “Poderíamos fazer obra puramente proletária sem nos orientarmos pela Rússia; pois, ao que se sabe, a Rússia não satisfizera os ideais plenos de liberdade para os seus operários. Demais a mais, na Rússia, vigora, ainda, após dezessete anos de governo “proletário”, o sistema de troca dos produtos pelo dinheiro.”²⁸⁵

²⁸⁴ Prontuário n° 2599 (*Isabel Cerruti*). Fundo DEOPS. APESP, São Paulo, SP.

²⁸⁵ CERRUTI, Isabel. “Perigo da hegemonia da Rússia”. *A Plebe*, São Paulo, 28 abr.1934. p.03-06.

Cerruti reitera esta posição ao citar a belíssima e esclarecedora fala pública do camarada Oiticica²⁸⁶ sobre este assunto, em que levantou questões semelhantes as suas em torno do encaminhamento da política na Rússia.

Entre as suas críticas sobre a política russa está o relato da concretização de um acordo entre comunistas e a Igreja. Também temia a possibilidade do Estado militarizar a sociedade, através do convencimento da população em administrar armas para a guerra. Cerruti fazia oposição ao uso da violência militar. Então consideramos que o tipo de anarquismo defendido por Cerruti não era do tipo autoritário, pois em muitos momentos de sua vida fez oposição as variadas práticas políticas ligadas ao autoritarismo. Observamos as suas críticas sobre a política autoritária russa, conforme suas próprias palavras:

“Quero insistir no meu ponto de vista pessoal: A minha previsão do mundo, pelo que observo – das manobras políticas da Rússia, com os seus tratados até com o Vaticano, seus preparativos militares, convencendo o seu povo, inerte, da necessidade de se preparar militarmente e se armar até ao extremo, com os mais engenhosos processos e maquinarias de guerra, para mim anarquista desde os meus verdes anos de mocidade, é que a Rússia com essa tática “proletária”, não obedece a outro escopo que o de futuramente exercer a sua hegemonia sobre os demais países.”²⁸⁷

Questionava que o ardor nacionalista poderia levar a Rússia a querer se sobrepor aos demais povos. E ainda refletiu sobre como a propaganda política nacionalista russa seria capaz de manipular o povo com ideias que lhe eram favoráveis, exemplificamos o seu pensamento abaixo:

“Ou mesmo, quem sabe, se o ardor patriótico dos estadistas russos, na sua extrema ambição nacionalista, não os leve a um plano de fazer prevalecer o povo russo sobre os demais povos? Nós sabemos de que processos se valem os governantes astutos para infiltrar no ânimo do povo ignário e humilde as ideias que lhes convêm, criando uma mentalidade e mesmo uma psicologia colectiva favorável aos mais audaciosos planos de ambição. Sabemos, igualmente, de quanto são capazes os patrioteiros convencidos de que o mundo deve permanecer retalhado e nominado conforme as conveniências do capitalismo. Sabemos como eles procuram dividir os povos, disvirtuando o amor que se sente pelo país onde se nasce.”²⁸⁸

²⁸⁶ José Oiticica (1882-1957) foi professor e ativo anarquista brasileiro, escritor de livros e artigos durante sua militância política.

²⁸⁷ CERRUTI, Isabel. “Perigo da hegemonia da Rússia”. *A Plebe*, São Paulo, 28 abr.1934. p.03-06.

²⁸⁸ Idem, *Ibidem*.

Cerruti acreditava ser possível a hegemonia política da Rússia no mundo, perfeitamente assentada em um sistema capitalista de exploração dos trabalhadores, mas disfarçada de sistema comunista, através do uso de propaganda. Conforme suas próprias palavras:

É bem possível que de todas essas táticas da Rússia, admirada pelos seus idolatras comunistas, resulte o seu domínio universal e daí advenha o grande sindicato do capitalismo unido sob uma única bandeira, com a esfinge da foice e do martelo, apontando o dever para os trabalhadores e o direito para os senhores. Eles, lá em cima, vadiando e ordenando. Nós, cá em baixo, obedecendo e trabalhando sob o tacão ditatorial.”²⁸⁹

Defendia a luta dos anarquistas para o rompimento desta ditadura e desta maneira seria possível proclamar a internacional dos trabalhadores de sociedade libertária. Pois previa que a Rússia poderia tentar dominar outros países e escravizá-los. Através deste pensamento reforçou seu ideal de base anarquista em oposição as contradições inerentes da sociedade capitalista. Neste caso, a propriedade privada seria fonte para as desigualdades sociais e esta condição permitiria a exploração do homem pelo homem. Assim conclui seu pensamento defendendo a igualdade de todas as classes sociais sem a necessidade de existência de autoridades para comandar:

“[...] Todos com os mesmos deveres e todos com os mesmos direitos. Sem comandantes e sem comandados. Obedecendo apenas, todos indistintamente, à lei imperiosa da necessidade do trabalho e do direito à vida”.²⁹⁰

Para ela a igualdade social seria realmente conquistada através da emancipação plena dos operários em todo o mundo. Em diversos momentos de sua trajetória como pensadora libertária nunca abandonou a ideia de imaginar um futuro realmente igualitário mundialmente. Vale lembrar que os anarquistas foram os primeiros a manifestarem oposição ao regime russo.

²⁸⁹ Idem, Ibidem.

²⁹⁰ Idem, p.6.

3.4 Anarquismo e recursos naturais

Já nas primeiras décadas do século XX, Cerruti e outros anarquistas dialogavam sobre questões relacionadas aos princípios ecológicos, embora não existisse a expressão ecologia. Os anarquistas procuravam abordar os recursos presentes na natureza. Neste sentido, anarquistas e ecologistas tinham em comum a defesa da vegetação, dos animais e de todos os organismos vivos presentes na natureza, pois a presença e até mesmo a preservação da vida ecológica estava vinculada a própria manutenção da vida dos indivíduos.

Isabel Cerruti nos explica sobre a riqueza dos recursos naturais presentes no país, em razão disto considerava fundamental a integração do homem com a natureza. Nas suas próprias palavras:

“Porque a natureza quando criou o ser humano dotou-o da faculdade de viver e impoz-lhe o dever de zelar pela vida, conservando o seu organismo pela hygiene e pela saude. Para isso, criou, a propria natureza, ao par com o ser humano, os elementos a ele indispensáveis: o ar, a luz, o sol e os alimentos. E a natureza é prodiga em seus mananciais de produtos necessários á existência. [...] A natureza nos fez todos iguaes; todos temos o mesmo direito á vida! Não pedimos para vir ao mundo, mas já que aqui estamos, temos o direito de viver! Pão e amor, para todos. Para todos a vida integra na natureza!”²⁹¹

Vimos sua clara compreensão sobre o papel fundamental que a natureza representava para a manutenção da vida do homem e por isso todos os recursos naturais eram valiosos. Seguindo essa linha de raciocínio Murray Bookchin em 1974 explicou: “Assim como o ecologista procura ampliar o alcance de um ecossistema e estimular a livre ação recíproca entre as espécies, o anarquista busca ampliar o alcance da experiência social e remover os obstáculos que possam impedir seu desenvolvimento.”²⁹² Conforme o autor apresentou, os anarquistas estavam preocupados com a questão da harmonia dos seres humanos na natureza, como já aparecia nas reflexões de Isabel Cerruti, tal como vimos.

Ela ainda procurava se opor a destruição de alimentos e do sacrifício de animais. A destruição de alimentos era incentivada em razão da lógica de

²⁹¹ CERRUTI, Isabel. “O direito a vida”. *A Plebe*, São Paulo, 25 jun. 1927. p.01.

²⁹² BOOKCHIN, Murray. “Anarquismo e ecologia” In: WOODCOCK, George. *Os grandes escritos anarquistas*. São Paulo: L&PM Editores, 1998. p.352

desperdício do sistema capitalista. Indignada entendia como algo irregular a situação de descarte dos alimentos,

“porque é que se destrõem os produtos que a natureza fornece á sociedade para alimentação de suas criaturas humanas? Porque é que se destróe o café, aqui no Brasil, o algodão nos Estados Unidos, e se estabelece limites á produção do açúcar e do trigo em outros paizes, indo a infamia do egoismo capitalista até a destruição dos inofensivos animaesinhos como a ovelha que senão serve como alimento, serve para dar a lã com que o homem se abriga no frio? Porque todas essas infamias? E onde os maiores egoistas? Nos pequenos ou nos grandes capitalistas?”²⁹³

Ao indagar se eram os grandes capitalistas os verdadeiros responsáveis pelo desperdício, notamos a valorização pela vida em comunidades menores. Pois os pequenos capitalistas, talvez pudessem incentivar uma economia mais equilibrada. Cerruti fazia denúncias sobre o aumento de preços de alimentos e outras mercadorias. O que compreendia como um ato de abuso dos capitalistas. Costumava realizar compras de alimentos e muitas vezes, ficava surpreendida com os preços: “Nas feiras e mercados estabelecem-se verdadeiros [...] assaltos a bolsa do povo. [...] O commercio nunca, como agora, tomou proporções de roubalheira a mais inqualificavel. É esse aspecto desolador agrava-se com a tinta forte dos quadros de horrorosa miseria aviventada pelos famintos e pelos sem tecto que se atiram á mendicidade.”²⁹⁴

A consequência do desperdício acarretaria na desigualdade econômica, por isso insistiu na melhor distribuição dos produtos agrícolas: “A verdade é que se puzesse á disposição de quem precisa todos esses produtos assim miseravelmente destruidos, reduzir-se-ia de muito o numero dos desiguaes na familia humana...[...].”²⁹⁵ Assim, se os produtos agrícolas fossem distribuídos entre todos, poderia diminuir o número de miseráveis na sociedade.

Portanto via a necessidade do melhor aproveitamento destes recursos naturais para construção de um sistema igualitário, com a possível redução da desigualdade. Então pensou em um regime que não mais incentivaria a fome, mas apenas a dignidade humana, como podemos notar diante da sua explicação:

²⁹³ CERRUTI, Isabel. “Inteligencia e raciocinios”. *A Plebe*, São Paulo, 29 abr. 1933. p.05.

²⁹⁴ RUTI, Isa. “Reffexionando”. *A Plebe*, São Paulo, 28 jun. 1924, p.01.

²⁹⁵ CERRUTI, Isabel. “Inteligencia e raciocinios”. *A Plebe*, São Paulo, 29 abr. 1933. p.05.

“[...] Somente ás desigualdades de vocações, ás diferenças de gostos pelas variedades de ofícios e profissões; ás diferenças de gosto pela multiplicidade da atividade humana, condutora do progresso, ás diferenças de gosto pela livre escolha das ocupações – no cumprimento do dever de cada membro da sociedade – no cumprimento da lei salutar do trabalho.”²⁹⁶

A principal verdade veiculada pelo anarquismo seria a defesa pelo direito a uma vida digna, por isso Cerruti defendia a ideia que: “[...] a natureza criou todas as criaturas humanas da mesma matéria, todos com as mesmas necessidades vitais e deu a todos os elementos necessários á vida que não pedimos, mas que nos foi imposta.”²⁹⁷

Sobre todas essas questões relacionadas aos recursos da natureza, Isabel Cerruti defendia a visão advinda dos ensinamentos anarquistas do cientista Eliseu Reclus:

“Mas a verdade verdadeira, a grande, suprema e soberana verdade, da qual todos deviam se impregnar até vê-la dominando no mundo inteiro, é aquela contida nos ensinamentos anarquistas, proclamada pelo cientista Eliseu Reclus”.²⁹⁸

Reclus era contrário a teoria malthusiana²⁹⁹, pois não compreendia o problema da fome na sociedade como uma causa natural, mas sim social. Relacionando à injustiça social, com a existência de indivíduos mais privilegiados, enquanto a maior parte da população vivia em condições de miserabilidade. Influenciada pelas leituras de Reclus, Cerruti via que a ciência econômica anunciava a falta de alimentos para os cidadãos miseráveis, mas justificava que a humanidade “sofredora” teria descoberto a solução para tal problema: “o ideal do “pão para todos”, pensamento ao qual, não acreditava ser utópico. Nas suas próprias palavras, explicava da seguinte maneira:

“A situação é, pois, atroz, mas fez-se umá imensa evolução, anunciando a revolução próxima. Esta evolução é que a “ciência” econômica, profetizando a falta de recursos e a morte inevitável dos famélicos, foi apanhada em erro e a humanidade sofredora, julgando-

²⁹⁶ Idem, Ibidem.

²⁹⁷ RUTI, Isa. “Não há religião superior a verdade.” *A Plebe*, São Paulo, 23 jun. 1934, p.02.

²⁹⁸ RUTI, Isa. “Contrastes sociais.” *A Plebe*, São Paulo, 18 agost. 1934, p.03.

²⁹⁹ Basicamente a teoria considerava que a população mundial crescia em ritmo maior do que a produção de alimentos. Isto justificaria a falta de alimentos no mundo e legitimaria o problema da fome. Ainda incentivaria o controle de natalidade como opção para o combate da fome.

se pobre outróra, descobriu a sua riqueza: o ideal do "pão para todos" não é uma utopia."³⁰⁰

Pois, Cerruti defendia que os recursos naturais existentes na Terra seriam suficientes para satisfazer as carências econômicas de todos os necessitados. Vejamos a sua explicação:

“A terra é bastante vasta para nos trazer a todos no seu seio, suficientemente rica para nos fazer viver na abundância.” Ela póde dar colheitas suficientes para que todos tenham que comer; produz plantas fibrosas que chegam para vestir todos os sêres humanos; contém a argila e as pedras necessárias para que todos possam ter casas. Tal é o fato econômico em toda a sua simplicidade. Não sómente o que a terra produz bastaria para o consumo dos que a habitam, mas bastaria ainda que o consumo duplicasse repentinamente, e isso embora a ciência não interviesse para fazer sair a agricultura de seus processos empíricos e pôr ao seu serviço todos os recursos fornecidos agora pela química, a física, a meteorologia, a mecânica.³⁰¹

Na visão de Cerruti os recursos naturais, desde que administrados pelos verdadeiros servidores da humanidade, para seu pleno usufruto, seriam perfeitamente suficientes para acabar com a fome e com todos os outros problemas sociais existentes. Deste modo, a sociedade poderia depender apenas do correto uso do meio ambiente para a sua própria sobrevivência.

Na sua visão o problema relacionado a falta de alimentos acarretaria na manutenção da fome. Para ela, isto, era considerado um crime coletivo organizado dentro da sociedade: “Na grande família da humanidade, a fome não é apenas o resultado dum crime coletivo, é também um absurdo, pois que os produtos satisfariam duas vezes as necessidades do consumo”.³⁰²

³⁰⁰ RUTI, Isa. “Contrastes sociais.” *A Plebe*, São Paulo, 18 agost. 1934, p.03.

³⁰¹ Idem, *Ibidem*.

³⁰² Idem, *Ibidem*.

CONCLUSÃO

“Sucumbimos à solidão e ao egoísmo e nos negamos a nós mesmos. Para me contrapor a isso escrevo: quero afetar o leitor, modificá-lo, para transformar o mundo. Trata-se de uma utopia, eu sei, mas me alimento de utopias. Porque penso que o destino último de todo ser humano deveria ser unicamente esse, o de alcançar a felicidade na Terra. Aqui e agora”. Luiz Ruffato, Frankfurt, 2013.

O foco da pesquisa nesta dissertação foi a tentativa de reconstrução principalmente da trajetória política de Isabel Bertolucci Cerruti, no período da sua mais intensa militância entre os anos de 1910. Foi justamente neste período que ocorreu o seu ingresso na imprensa libertária e se estendeu intensamente até os anos de 1930. Após 1937, com o advento da ditadura do Estado Novo, sua militância nos jornais diminuiu sensivelmente, ao que nos foi possível perceber isto ocorreu mesmo em decorrência da intensificação das perseguições aos militantes anarquistas, comunistas e socialistas. Apesar da sua menor atuação nos jornais após 1937, destacamos que até o final da sua vida ela militou a favor da causa anarquista. Podemos afirmar que sua paixão política se materializou com a contribuição de escritos e com a ajuda financeira destinada à manutenção de jornais libertários, até a década de 1960. Ela colaborou em especial com o periódico *O Libertário*.

A diminuição da sua militância por meio dos jornais foi compulsória certamente, até mesmo por causa do impedimento de circulação dos periódicos, em razão da repressão estadonovista, mas por outro lado lhe conferiu mais oportunidade de dedicação à militância possibilitando uma maior disposição para o trabalho em grupos de estudos políticos, como o *Ateneu de Estudos Científicos e Sociais* e na *Associação Promotora de Instrução e trabalho para cegos*. Estas duas Associações, além de Cerruti contavam com a presença de outros militantes de esquerda. Já a *Associação Paulista de Homeopatia*, embora não tivesse ligação direta com a militância de esquerda, o fato é que Cerruti imprimiu suas ideias libertárias neste espaço, pois a opção pela divulgação da homeopatia também foi um ato especialmente político, por acreditar que se tratasse de um tipo de medicina mais eficiente e menos custosa para o tratamento do trabalhador.

É possível perceber – como deixamos explícito ao longo desta dissertação - em todas as suas ações, nos jornais ou nas associações, uma vida dedicada à militância engajada, focada na defesa dos princípios de justiça social em benefício principalmente do trabalhador.

A participação nas greves, campanhas nos jornais e propagandas libertárias ganharam contornos de uma militância própria feminina, mas não menos combativa ou eficaz. Com práticas específicas, Cerruti, durante a greve geral de 1917 arrecadou dinheiro para as famílias dos operários grevistas, denunciou a violência policial contra o movimento, e ainda participou de grupos femininos atuantes na greve. Todas estas ações demonstram claramente a participação ativa de Cerruti e, como notamos no corpo do trabalho, muitas vezes associada a outras figuras femininas, na greve geral de 1917 e em outros momentos. É interessante notar – como o fez a ativista - a importância destas participações de mulheres para a própria manutenção do movimento grevista.

Também muito significativo na trajetória política da militante foi sua atuação diretamente na luta pela emancipação feminina. Cerruti, como praticamente todas as anarquistas defendiam direitos sociais femininos mais amplos, possíveis apenas de serem alcançados através do fim da exploração econômica imposta a toda humanidade. Apesar de na teoria Cerruti privilegiar a luta pelos direitos de todos, sem distinção, na prática sua militância também foi voltada para questões propriamente do universo das mulheres. Em relação à ampliação do direito concedido as mulheres através do voto feminino, não necessariamente foi contra, na verdade sua oposição foi manifestada em relação ao movimento de mulheres sufragistas, pois julgava ser elitista por acreditar não contribuir para solucionar os problemas propriamente das mulheres trabalhadoras. A partir disto considerava necessária a ampliação de direitos femininos, mas através de movimentos inclusivos de todas as mulheres.

É possível conjecturar que a própria experiência militante de Cerruti foi um exemplo de emancipação feminina no começo do século XX, período em que a definição de tarefa feminina era limitada aos afazeres domésticos e maternais. Ela frequentou espaços essencialmente masculinos, como foi o caso do *Ateneu de Estudos Científicos e Sociais* – ali Cerruti foi a única mulher a fazer parte da comissão. Ainda no jornal *La Difesa*, de vertente socialista – o mais duradouro

veículo antifascista da América - também pelo que a pesquisa indica foi à única mulher redatora do jornal, em todo o período de dez anos de existência do periódico. O que obriga a notar a importância para a história do pensamento político feminino brasileiro de esquerda desta ativista, até então não devidamente valorizada pela historiografia nacional em geral.

Algo que nos pareceu bastante revelador foi o seu trânsito entre as correntes políticas muitas vezes adversárias dentro do movimento de trabalhadores das primeiras décadas do século XX. Isto é, a militância política de Isabel Cerruti no movimento anarquista não a impediu de atuar concomitantemente como redatora na imprensa socialista. A visão até certo ponto plural e aberta na aceitação de outras correntes políticas de esquerda possibilitou a participação de Cerruti no *La Difesa*. Interessante notar também por parte dos socialistas a aceitação de uma militante anarquista no seu meio. O que nos faz imaginar que, apesar de projetos políticos divergentes, houve um espaço de proximidade amigável entre estes dois grupos políticos, questão esta ainda por aprofundar nos estudos historiográficos. E note-se, nos seus artigos neste periódico socialista, o *La Difesa*, Cerruti fez prevalecer suas ideias libertárias de mundo, como a atribuição do poder geral aos sindicatos operários. Não é que ela tivesse se submetido à linha editorial do jornal!

De modo geral, Cerruti tratou em ambos os tipos de jornais em que publicou, anarquistas e socialistas, temas sociais universais causadores de preocupações a estes militantes e que estavam na base de suas tomadas de decisões. Talvez, justamente estas preocupações fossem o motivo da “união” entre estas duas correntes de esquerda, capitaneada por uma mulher. Sua preocupação sempre girou em torno dos cidadãos mais desfavorecidos socialmente, como de fato era a preocupação de muitos socialistas.

Para concluir, note-se em suas palavras uma justificativa cabal para a existência e militância dos anarquistas em relação aos problemas sociais:

“Se anarquistas existem é porque ha muitas causas para isso... [...] Vejamos pois quais são: a miséria, a prostituição, os trabalhadores inválidos abandonados ao léo servindo de pasto ás enfermidades, etc., etc. Cancelemos essas causas, e pronto, o problema estará resolvido.”³⁰³

³⁰³ RUTI, Isa. “Deshumanidade”. *A Plebe*, São Paulo. 15 mai. 1920, p.03.

Quando este trabalho estava em seus inícios, identificava-se como objetivo geral investigar a vida política de Isabel Cerruti, entre outros objetivos específicos derivados desta intenção principal. Neste sentido, acreditamos que tais objetivos foram encaminhados para uma resposta afirmativa, embora essa questão esteja sempre em aberto e admita novas formas de pensamento. Assim, parece que o caminho para que novos historiadores possam oferecer outras contribuições sobre o pensamento e a ação de Isabel Cerruti. Sempre serão possíveis novos aportes e novas possibilidades para o conhecimento em questão. Com orgulho e denodo cremos desbastar esta senda.

REFERENCIAS

Arquivos

Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo
 Arquivo Edgar Leuenroth - UNICAMP
 Arquivo Público do Estado de S. Paulo
 Centro de Cultura Social
 Centro de Documentação e Memória da Unesp - CEDEM
 Centro de Memória da Educação – FEUSP
 Museu da Imigração do Estado de São Paulo

Fontes

Prontuários DEOPS-SP - Arquivo do Estado de São Paulo

Prontuário n° 195 (*Isa Ruti ou Issa Ruti*).
 Prontuário n° 2599 (*Izabel Cerruti*).

Cúria Metropolitana de São Paulo

ACMSP, livro de batismo do Bom Jesus do Braz, cota: 5-3-13, p.8V.
 ACMSP, livro de casamento do Bom Jesus do Braz, cota: 3-2-49, p.8V.
 ACMSP, livro de casamento do Bom Jesus do Braz, cota: 3-3-15, p.129 e 129V.

Jornais

A Lanterna (1913)
A Obra (1920)
A Plebe (1917-1935)
A gazeta (1927-1933)
Correio Paulistano (1936-1938)
Diário Nacional, A democracia em marcha (1927)
Jornal do Brasil (1924)
La Difesa (1924-1932)
O Combate (1922)
Jornal do Brás (2017)
Jornal O libertário (1963-1967)
O Globo (1931)
Folha da Manhã (1925-1930)

Revistas

Revista da Associação Paulista de Homeopatia (1936-1941)
A Revista feminina (1914-1936)

Documentos cedidos por Hélio Bertolucci

Fotografias da família Bertolucci

Outros documentos

documento oficial IL Sindaco del comune di Capannori, 29/08/1915.

Certidão de Óbito do Registro Civil das Pessoas Naturais de Indianópolis, expedida em 25 de outubro de 2017.

Carta

Carta de Isabel Cerruti para Fábio Luz, 09/05/1923, (Fundo Fabio Luz), Arquivo Nacional.

Bibliografia

AARÃO, Daniel. Anarquismos, anarquistas. In: DEMINICIS, Rafael Borges; FILHO, Daniel Aarão Reis (org.). *História do anarquismo no Brasil*. Niterói. Ed. UFF/ Rio de Janeiro. Ed. Mauad, 2006. Volume 1

ADDOR, Carlos Augusto. *A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Rizoma, 2015.

_____. *Um homem vale um homem: memória, história e anarquismo na obra de Edgar Rodrigues*. Rio de Janeiro: Rizoma, 2017.

AGASSIZ, Louis. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. São Paulo: Nacional, 1938.

ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e feminismo - A luta da mulher pelo voto no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.

ALVIM, Zuleika. *Brava Gente! Os italianos em São Paulo (1870-1920)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

AVELAR, Alexandre e SCHMIDT, Benito (org.). *O que pode a Biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

BARTHOLAZZI, Rosane Aparecida. “A mulher italiana no mundo dos negócios: do Lazio ao Rio de Janeiro”, In: HECKER, Alexandre; MARTINS, Ismênia de Lima (orgs.). *E/Imigrações questões inquietações*. São Paulo: Expressão e Arte, 2013.

BERTONHA, Fábio. *Sob a sombra de Mussolini: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1945*. São Paulo: Annablume, 1999.

BLAY, Eva. *Trabalho domesticado: a mulher na indústria paulista*. São Paulo: Ed. Ática, 1978.

_____. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BIGAZZI, Anna Rosa Campagnano. *Italianos: História e memória de uma comunidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

BIGNAMI, Elena. *Os circuitos do antifascismo anarquista feminino – Itália e Brasil*. In: CARNEIRO, Maria Luiza; CROCI, Frederico (orgs.). *Tempos de fascismos: Ideologia, Intolerância, Imaginário*. São Paulo: Edusp, 2010.

BIONDI, Luigi. *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas-São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.

_____. “Na construção de uma biografia anarquista: os últimos anos de Gigi Damiani no Brasil”. In: DEMINICIS, Rafael; AARÃO, Daniel (orgs.) *História do anarquismo no Brasil, vol. 1*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

_____. *La stampa anarchica italiana in Brasile, 1904-1915*. Università di Roma: Tesi di Laurea, 1995.

BLAVATSKY, Helena Petrovna. *Glossário Teosófico*. São Paulo: Editora Groud, 2004.

BOOKCHIN, Murray. “Anarquismo e ecologia” In: WOODCOCK, George. *Os grandes escritos anarquistas*. São Paulo: L&PM Editores, 1998.

CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia na era Vargas*. Brasília: Ed. da UNB, 1994.

CARONE, Edgard. *A evolução industrial de São Paulo (1889 – 1930)*. São Paulo: Ed. Senac, 2001.

CHALHOUB, S. *Trabalho, Lar e Botequim – O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

CORREIA, Francisco. “Mulheres libertárias: um roteiro”, In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COSTA, Caio Túlio. *O que é anarquismo?* São Paulo: Ed. brasiliense, 1998. Coleção Primeiros Passos.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo. 1920-1934*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

D'INCAO, Maria Ângela. "Mulher e família burguesa", In: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

DROZ, Jacques. *História geral do socialismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social: 1890-1920*. São Paulo: Difel, 1976.

FAUSTO, Boris. "Imigração: cortes e continuidades". In: NOVAIS, Fernando A. & SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil* (vol. 4), *Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FRACCARO, Glaucia. "Os direitos das mulheres – organização social e legislação trabalhista no entreguerras brasileiro (1917-1937)". Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 2016.

FRANZINA, E. *La grande emigrazione. L'esodo dei rurali dal Veneto durante il XIX secolo*. Venezia: Marsilio Editori, 1976.

GINZBURG, Carlo. Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito. In: *O fio e os rastros*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

_____. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HALL, Michael. "Imigrantes na cidade de São Paulo." In: PORTA, Paula. *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX, (1890-1954)*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria Nem Patrão*. São Paulo: UNESP, 2002.

HECKER, F. Alexandre. *Um Socialismo Possível: a atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1989.

_____. e MARTINS, Ismênia. *Imigrações: Histórias, Culturas, Trajetórias*. São Paulo: Expressão e Arte, 2011.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos – O Breve Século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KROPOTKIN, Pëtr. *La scienza moderna e l'anarchia*. Milano: Casa Editrice Sociale. 1924.

LEITE, Miriam L. Moreira - *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984.

LEVI, Giovanni. "Sobre a micro-história", In: BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

LOPREATO, Christina. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000.

LORIGA, Sabina. "A biografia como problema". In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

LUIZETTO, Flávio Venâncio. "Presença do anarquismo no Brasil : um estudo dos episódios literário e educacional - 1900/1920". Tese de doutorado, USP, São Paulo, 1984.

LUZ, Fabio. *Os Emancipados*. Lisboa: Clássica Editora, 1906.

MACHADO, Antônio de Alcântara. *Brás, Bexiga e Barra Funda*. São Paulo: Ed. Facsimilar, 1982.

MAGNANI, Sílvia. *O anarquismo em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890 – 1920)*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979.

MENDES, Samanta Colhado. "Mulheres anarquistas na cidade de São Paulo (1889-1930)". dissertação de Mestrado, UNESP, São Paulo, 2010.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal (org). *Educação Libertária no Brasil - Acervo João Penteadó: Inventário de Fontes*. São Paulo: FAP-Unifesp; Edusp, 2013.

MORSE, Richard. *Formação histórica de São Paulo*. São Paulo: Difel, 1970.

NEGRO, Hélio; LEUENROTH, Edgard. *O que é o maximismo ou o bolchevismo*. São Paulo: Editora Semente, 1919.

NORBERTO, Bobbio. *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Antoniette. “Despontar, (Des)fazer-se, (Re)viver... a (des)continuidade das organizações anarquistas na Primeira República”. Dissertação de Mestrado. UFU, Minas Gerais, 2001.

PENA, Maria. V. J. *Mulheres trabalhadoras – Presença feminina na constituição do sistema fabril*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1988.

_____. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

_____. *Minha História das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

PINTO, Céli R. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2007.

PRADO, Danda. *O que é família*. 12. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

QUEIROZ, Suely Robles Reis. “Política e poder público na Cidade de São Paulo: 1889-1954.” In: PORTA, Paula. *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX, 1890-1954*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade: Luce Fabbrri e o anarquismo contemporâneo*. UNESP: São Paulo, 2001.

_____. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890/1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. “Trabalho feminino e sexualidade”. In: PRIORE, Mary del (org.); BASSANEZI, Carla (Coord.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

RECLUS, Elisée. *Évolution, révolution et l'idéal anarchique*. Paris: Stock. 1898.

RIBAS, Ana Claudia. “Ciência e Emancipação Feminina: propaganda libertária nas páginas de A Plebe (1917-1951)”. *Revista da Biblioteca Terra Livre*. n.1, ano I, p.11-22, 2014.

RIBAS, Ana Claudia. “As sexualidades d’a plebe: sexualidade, amor e moral nos discursos anarquistas do jornal a Plebe (1917-1951).” Tese de Doutorado, UFSC, Florianópolis, 2015.

RIBEIRO, Ariovaldo. “A institucionalização da Homeopatia no Brasil”. *Revista de Homeopatia*, v.71, n.1/4, p.70-73, 2008.

RODRIGUES, Edgar. *Livre Pensamento e questão Social*. Rio de Janeiro: 1995.

_____. *Os companheiros 2*. Rio de Janeiro: Editores associados, 1995.

_____. *Os companheiros 4*. Florianópolis: Editora insular, 1997.

_____. *Mulheres e anarquia*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

_____. *Socialismo: uma visão alfabética*. Rio de Janeiro: Porta Aberta, 1979.

_____. *Os anarquistas: trabalhadores italianos no Brasil*. São Paulo: Global, 1984.

ROMANI, Carlo. *Oreste ristori: uma aventura anarquista*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002.

ROSA, Rodrigo. “Anarquismo, ciência e educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista, 1890-1920.” Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.

_____. *O triunfo da Anarquia e outros escritos: Isabel Cerruti*. São Paulo: Terra Livre, 2019.

SANTOS, João Marcelo. “Os operários dos bondes elétricos: trabalho, violência e estigmatização”. *Revista Mundos do Trabalho*, v. 2, n. 3, p.99-123, janeiro-julho, 2010.

SCHMIDT, B.B. “História e Biografia”, In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (orgs.). *Novos Domínios da História*. Rio: Campus, 2011.

SCOTT, Joan. The Sears Case. In: SCOTT, Joan. *Gender and the Politics of History*. Columbia University Press, 1999, p. 167-177.

SOIHET, Rachel. "História das mulheres". In: CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia*. RJ: Campus, 1997.

_____. Significados para a História. *Lócus. Revista de História*, Juiz de Fora, v.9, n.1, p.33-48, 2003.

_____. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

PINTO, Céli R. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2007.

SIQUEIRA, Uassyr de. "Clubes e Sociedades dos Trabalhadores do Bom Retiro: organização, lutas e lazer em um bairro paulistano (1925-1942)." Dissertação de mestrado. Unicamp. Campinas, 2002.

_____. "Entre sindicatos, clubes e botequins: identidades, associações e lazer dos trabalhadores paulistanos (1890-1920)." Tese de doutorado. Unicamp. Campinas, 2008.

_____. "Trabalhadores paulistanos: os associados e as 'vítimas da pinga.'" *História Social*, Campinas, n.14-15, p. 101-119, 2008.

STIRNER, Max. O ego e ele próprio, 1907. In: WOODCOCK, George. *Os grandes escritos anarquistas*. São Paulo: L&PM Editores, 1998.

THOMPSON, E.P. *Tradicón, revuelta y consciencia de classe*. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

_____. *Costumes em Comum - Estudos sobre cultural popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOLEDO, Edilene. "A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República." In: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel. (org.). *A formação das tradições, 1889-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. *Travessias Revolucionárias*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

_____. “Amigo do Povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século.” Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1994.

TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1988.

VERUCCI, Guido. “Anticlericalismo”. In: BOBBIO, N. e outros. *Dicionário de Política*. Brasília: Ed. Unb, 1986.

WILLIAMS, Raymond. “A cultura é algo comum”. In: *Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

WOODCOCK, George. *Os grandes escritos anarquistas*. São Paulo: L&PM Editores, 1998.

Internet

BIONDI, Luigi. *Aventuras e desventuras da Sociedade Italiana de Socorro Mútuo ‘Lega Lombarda’*. Disponível em http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300667291_ARQUIVO_LuigiBiondi-ANPUH2011-LegaLombarda.pdf. Acesso em 03 jan. 2017.

CARNEIRO, Maria L. Tucci. *Memórias de uma jovem anarquista*. Disponível em https://www.usp.br/proin/download/artigo/artigo_zelia_gattai.pdf. Acesso em 03 jan. 2017.

RAGO, Margareth. *Luce Fabri, o anarquismo e as mulheres* <http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5910/4887>. Acesso em 02 fev. 2017.

RIBAS, Ana Claudia. *Ciência e Emancipação Feminina: propaganda libertária nas páginas de A Plebe (1917-1951)*. Disponível em <https://revistabtl.noblogs.org/files/2014/06/Ciencia-e-Emancipacao%20Feminina.pdf>. Acesso em 03 jan. 2017.

ANEXOS



D. Isabel Cerruti, uma das principais batalhadoras pela causa dos cegos

Fonte: *Folha da manhã*. "Associação Promotora de Instrução e trabalho para cegos". *Folha da manhã*, São Paulo, 03 jun. 1930. p.04.

Tema: Homenagem a Cerruti na Associação para cegos.

ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DE INSTRUÇÃO E TRABA- BALHO PARA CEGOS

COMMEMORAÇÃO DO SEU 3.º ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO



A sede da Associação Promotora de Instrução e Trabalho para Cegos

Fonte: *Folha da manhã*. "Associação Promotora de Instrução e trabalho para cegos". *Folha da manhã*, São Paulo, 03 jun. 1930. p.04.
Tema: Homenagem a Cerruti na Associação para cegos.



Fonte: fotografia de Isabel e Americo cedida por Hélio Bertolucci.



Fonte: fotografia de Americo Cerruti cedida por Hélio Bertolucci.

Isabel Cerruti, Carta ao embaixador italiano.

A Plebe, São Paulo, 27 de maio de 1920.

Conde Alessandro de Bosdari

Conde:

Si bem que um pouco tarde, vão estas linhas ainda em tempo, para o que eu quero dizer.

Permitta-me, nesta missiva, que use o tratamento fraternal, pois que, nos chamaste de irmãos.

Quem te escreveu, é uma filha do povo.

Escrevo-te, porque li o teu discurso, publicado no 'Fanfulla', e quero dizer-te que, dos tempos em que Sonnino te disse: "Andate presto, nessun momento puó essere piu propizio di questo per presentarvi agli italiani.", vão transcorridos dois anos. Hoje, os tempos são outros, conde. Não acha? Hoje o povo, descoberto o 'bluff' da guerra pró civilização, vota aos figurões como tu o maior asco, o maior desprezo, para não dizer, francamente, grande odio.

O povo, hoje, já não presta atenção á discurseiras inflammadas pelos vapores do champagne, num ambiente de grande profusão de flôres e de luzes, com uma assistencia escolhida, em que as bellas damas, emprestam a nota alegre, com seus sorrisos encantadores...

Não, conde, o povo, hoje, criou juízo, e acha tudo isso ridiculo.

Elle, encara a vida com seriedade, com madura reflexão.

Si lhe falares em patria, ele sabe que essa palavra só encerra mystificação, roubo, mentira, embuste, assassínio...

Quem te escreve, conde, é uma filha do povo.

Ao contemplar a tua imponente e majestosa figura estampada no "Fanfulla", em teu bizarro uniforme 'ceremonial', tive a impressão de um sonho, que me transportou aos tempos da barbarie; e fez-me curvar a fronte de dôr, ao pensar que, em pleno seculo das luzes, ainda se consummou um feito hediondo, parecido a uma lenda; mas que, realmente, estigmatizou uma geração.

E isso, verificou-se, como uma magia, sob o falso e absurdo preconceito de patria.

Patria! De quem és mãe?

Ah, conde Alessandro de Bosdari: as mesmas autoridades brasileiras, que foram de extrema amabilidade e cortezia para contigo – um estrangeiro – não o serão outro

tanto para commigo, si, amanhã, eu tiver a audacia de me condoer da dura sorte reservada aos italianos que aqui vieram trazer o concurso do seu braço, para o progresso desta terra, mas que não tiveram habilidade per l' America...

Só por eu usar um nome italiano, - porque meu pae é italiano – apesar de que ninguém póde negar-me a legitimidade de filha do Brasil, pois que nasci aqui e quem me acalentou no seio é brasileira, genuina, descendendo de paes brasileiros – só porque eu tenho um nome italiano, conde, estou arriscada a ser tratada com pouca reverencia, e, o que é peor, a ser deportada para a Italia.

Si tal acontecesse, ficaria pesarosa: não só porque amo com todas as veias de minha alma o meu berço natal, - esta rica Paulicéa, majestoso torrão da America do Sul – como tambem, porque a Italia, que considerava seus, os filhos de italianos residentes no Extrangeiro, no periodo da matança, agóra, que não precisa mais de carne de canhão, expulsa os proprios filhos; imagine, si ella quer, lá, filhos dos outros. O que seria de mim?

Aos ricos, todas as patrias lhes abrem os braços. Mas aos pobres...

Conde Alessandro de Bosdari: vieste, por ordem de S. Magestade pra tratar com o nosso governo, isto é, com o governo do Brasil, o encaminhamento de uma nova corrente immigratoria, quando os unicos interessados, que são os produtores, já cogitaram de estudar a questão, que só a elles diz respeito.

Conde: - quando terminaste o teu discurso, após variado menu, servido com grande profusão de vinhos, ao compasso da musica, rodopiaste pelo luxuoso salão do 'Circolo Italiano', nas cadencias das valsas modernas, naturalmente, num assomo de ilusão, para consolo dos tristes, disseste, ao oferecer o braço á gentil dama que te serviu de par:

A' noi, la buona vita! E, viva la patria!...³⁰⁴

Isabel Cerruti

³⁰⁴ CERRUTI, Isabel. "Carta ao embaixador italiano". *A Plebe*, São Paulo, 27 mai. 1920, p.5.

Na tabela abaixo constam os artigos de Isabel Cerruti com os títulos, períodos de publicação, temáticas e os nomes e pseudônimos utilizados. Esta é a reunião dos artigos que pude ter acesso, mas vale lembrar que não se trata da sua totalidade, principalmente porque não estão aqui reunidos artigos após os anos 1940, período não tratado por esta pesquisa.

Jornal	Título da matéria	Data de publicação	Temática	autoria
<i>A Lanterna</i>	Pela cidade	08 de abr. de 1911	Anticlericalismo	Isabel Bertolucci Cerruti
<i>A Lanterna</i>	S. Vito em foco	17 de mai. de 1913	Anticlericalismo	Isabel Cerruti
<i>A Lanterna</i>	Qual a origem do padre?	24 de mar. de 1914	Anticlericalismo	Isabel Bertolucci Cerruti
<i>A Lanterna</i>	Às mães proletárias	29 de jan. de 1916	Educação básica	Isabel Cerruti
<i>A Lanterna</i>	As misérias desta sociedade	12 de fev. de 1916	Anticlericalismo	Isabel Cerruti
<i>A Lanterna</i>	O papa invoca a intervenção de Deus a favor da paz	28 de out. de 1916	Anticlericalismo	Isabel Cerruti
<i>A Obra</i>	O triunfo da anarquia	01 de mai. de 1920	Anarquismo	Isabel Cerruti
<i>A Obra</i>	A abolição	13 de mai. de 1920	Escravidão no Brasil	Pseud. Isabel Silva
<i>A Obra</i>	Carta ao embaixador italiano	27 de mai. de 1920	Perseguição aos italianos/deportação	Isabel Cerruti
<i>La difesa</i>	Flagrantes	01 de fev. de 1924	Defesa pelos direitos dos cegos	pseud. Walkyria
<i>La difesa</i>	La festa delle tessili e la conferenza Cerruti	26 de set. de 1931	Direitos das mulheres operárias	Sem autoria
<i>La difesa</i>	La disoccupazione	19 de fev. de 1932	Desemprego	Isabel Cerruti
<i>La difesa</i>	La disoccupazione	22 de fev. de 1932	Desemprego	Isabel Cerruti
<i>La difesa</i>	La disoccupazione	25 de fev. de 1932	Desemprego	Isabel Cerruti
<i>A Plebe</i>	Resenha de uma operária	07 de out. de 1917	Preconceitos religiosos	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	D. João Nery e os operários	18 de agost. de 1917	Anticlericalismo	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	Fé, esperança e caridade	18 de agost. de 1917	Fraternidade universal	Pseud. Izabel Cerruti
<i>A Plebe</i>	Irmãos Trabalhadores!	19 de jul. de 1919	Alcoolismo entre o operariado	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	Irmãos, solidariedade!	21 de out. de 1917	Greve	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	A lógica burguesa - Os	21 de out. de 1917	Desemprego	Pseud. Isa Ruti

	apuros do pária sem sorte			
<i>A Plebe</i>	A filantropia deles	25 de agost. de 1917	Filantropia	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	A margem de uma conferência	26 de abr. de 1919	Desigualdade social	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	Perigo de hegemonia da Rússia	28 de abr. de 1934	Comunismo	Isabel Cerruti
<i>A Plebe</i>	Atenção plebeus!	29 de mar. de 1919	Anticlericalismo	Pseud. Iza Ruti
<i>A Plebe</i>	A propósito da atitude do grande órgão	04 de agost. de 1917	Repressão policial	Isabel Cerruti
<i>A Plebe</i>	Um apelo que deve ser ouvido	05 de jan. de 1935	Imprensa anarquista	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	Exortação aos operários	24 de maio de 1919	Educação dos operários	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	Amor livre	27 de out. de 1934	Amor livre	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	Inteligência e raciocínios	29 de abril de 1933	Anarquismo	Isabel Cerruti
<i>A Plebe</i>	Ligeiros confrontos	30 de set. de 1917	Anarquismo	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	Boas festas	30 de dez. de 1933	Miséria	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	Viva a guerra social	01 de mar. de 1919	Capitalismo	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	Os episódios tragi-ridículos desta sociedade	21 de junho de 1919	Caridade/comunismo	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	A moral nos lares	20 de nov. de 1920	Anarquismo	Pseud. Izabel Cerruti
<i>A Plebe</i>	A racionalização dos partidos políticos	13 de out. de 1934	Desigualdade econômica	Isabel Cerruti
<i>A Plebe</i>	Campanha contra a sífilis	21 de out. de 1933	Sífilis/Doenças	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	Contrastes sociais	18 de agost. de 1934	Anarquismo	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	Desumanidade	15 de mai. de 1920	Anarquismo	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	Não há religião superior a verdade	23 de jun. de 1934	Anarquismo	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	Que ousadia!	07 de out. de 1919	Anticlericalismo	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	A mulher e o militarismo	09 de jun. de 1934	Militarismo	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	A nivelção pela miséria	16 de out. de 1920	Miséria	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	Ao camarada Content: d' "A obra"	23 de out. de 1920	Anarquismo	Pseud. Isabel Silva
<i>A Plebe</i>	Carta aberta	08 de dez. de 1934	Anarquismo feminino	Isabel Cerruti
<i>A Plebe</i>	Cutucadas plebeias	21 de out. de 1919	Bolchevismo	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	O direito a vida	25 de jun. de 1927	Anarquismo	Isabel Cerruti
<i>A Plebe</i>	Sacco e Vanzetti	28 de mai. de 1927	Violência capitalista	Isabel Cerruti

<i>A Plebe</i>	Sou anarquista	14 de mai. de 1927	Anarquismo	Isabel Cerruti
<i>A Plebe</i>	Suicídio moral	06 de nov. de 1920	Anarquismo	Isabel Cerruti
<i>A Plebe</i>	Um apelo aos camaradas	13 de jan. de 1934	Fumo/doenças	Isabel Cerruti
<i>A Plebe</i>	Amor livre	04 de agost. de 1934	Amor livre	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	O monumento a Mussolini	17 de maio de 1924	Fascismo	Pseud. Isa Ruti
<i>A Plebe</i>	Ponderando	10 de nov. de 1923	Anarquismo	Pseud. Isabel Silva
<i>A Plebe</i>	Ponderando	27 de out. de 1923	Sufrágio feminino	Pseud. Isabel Silva
<i>A Plebe</i>	Previsão do mundo	28 de abr. de 1934	Governo russo	Isabel Cerruti
<i>A Lanterna</i>	Às mães proletárias	29 de jan. de 1916	Educação básica	Isabel Cerruti
<i>A Plebe</i>	À Maria A. Soares	12 de mar. 1921	Valorização de Soares	Isabel Silva
<i>A Plebe</i>	<i>Eco da revolução</i>	03 de dez. 1932	Revol. Constitucionalista	Isabel Bertolucci
<i>A Plebe</i>	Solidariedade por intermédio d'A Plebe	21 de set. 1917	Movimento operário	Isabel e Americo Cerruti
<i>A Plebe</i>	A questão de Fiume	01 de out. 1919	Guerra	Isa Ruti
<i>Correio paulistano</i>	Crônica homeopática	17 de abr. de 1938	Cura de doença	Isabel Cerruti
<i>Revista da APH</i>	Semeando	Mai. de 1938	Homeopatia	Isabel Cerruti
<i>Revista da APH</i>	Doloroso	Set. de 1939	doença	Isabel Cerruti
<i>Revista da APH</i>	Cordia curassavica	Set. de 1939	Remédio natural	Isabel Cerruti